52

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL

Comissão de Redação:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
OTHELO ROSA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

PÔRTO ALEGRE
BRASIL

1933
OFICINAS GRÁFICAS DA LIVRARIA DO GLOBO
PÔRTO ALEGRE

Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul

Séde: PÔRTO ALEGRE

Presidente: **Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva**
Secretario: **Dr. Eduardo Duarte**
Tesoureiro: **Afonso Guerreiro Lima**

Publica a sua Revista em fascículos trimestrais ou semestrais, formando anualmente um volume de setecentas páginas, na média.

Condições de assinatura:

Por ano	15$000 rs.
Por fascículo trimestral....	4$000 rs.
Preço da coleção até 1930..	1:000$000 rs.

Fascículos atrazados, preço da tabela existente na secretaria.

Para assuntos da Revista dirigir-se dirètamente ao Dr. Eduardo Duarte, à rua Duque de Caxias n.º 1231. Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL

IV TRIMESTRE
ANO XIII

Comissão de Redação:
ADROALDO MESQUITA DA COSTA
OTHELO ROSA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

1933
OFICINAS GRÁFICAS DA LIVRARIA DO GLOBO
BARCELLOS, BERTASO & CIA. — PÔRTO ALEGRE
— FILIAIS: SANTA MARIA E PELOTAS —

PÔRTO ALEGRE
1933

Conde de Pôrto Alegre

Por **Leopoldo de Freitas.**

Na história política e militar do Brasil a individualidade do tenente general Manuel Marques de Sousa salienta-se com um relêvo que valorosamente caracteriza os serviços que prestou à pátria.

O conceito dos escritores ingleses aliando os estudos biográficos ao moral dos homens representativos não parece injustificado.

Lytton Strackey, tendo esta concepção, soube fazer da Biografia, no sentido histórico, uma apreciação psíquica e literária dos indivíduos cujos nomes pertencem aos acontecimentos dos diferentes países.

Não se pode modernamente admitir dissertações no estilo de fantasia em que a imaginação ostente as pompas do seu brilhantismo, como estudo histórico de uma época e nem da ação exercida pelos respectivos personagens no meio social em que viveram.

"É por êste motivo que a biografia de um estadista, de um almirante ou general, de um homem de ciência ou a de um artista, não hade isentar-se da psicologia, porque a psicose humana determina a atuação da vida no mundo".

Pelo seu lado moral as biografias escritas por intelectuais ingleses procedem da concepção científica e amenizam pela forma literária em que se modelam.

Mas isto pertence a técnica dos escritores que se aplicam aos estudos analíticos e críticos da transformação das épocas, observando e comparando a conduta e o proceder das figuras representativas de um povo.

Escreveu Harold Nicholson que "o método biográfico se tornou mais científico do que sentimental porque vivemos em uma idade analítica e que a modernidade da biografia é um fator importante do estado d'alma contemporânea".

***

Decorreram muitos anos do dia que o conde de Pôrto Alegre, general Manuel Marques de Sousa, deixou de existir, porém os patrícios rio-grandenses e os cultores das vidas ilustres na História Nacional nunca o olvidaram

A sua memória recomenda-se a um estudo conciencioso, no qual sejam recordados, meritòriamente, o valor militar, o prestígio político, a dedicação cívica e o patriotismo com que se evidenciou na longa carreira pública, de que foi exemplar servidor.

Não será, pois, neste sintético artigo, da Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, que esboçaremos as linhas-mestras da gloriosa vida de quem foi denominado — Baiard brasileiro.

Como o guerreiro francês que era "sans peur et sans reproche", o conde de Pôrto Alegre, na guerra e na paz, não deslustrou a estas virtudes.

Presta-se a sua individualidade a uma apreciação em que ao par dos feitos e episódios de bravura na peleja; de intrepidez e de atitude serena em frente do inimigo, nas campanhas do período da Independência até a do Paraguai, como nas lutas incruentas dos partidos políticos, soube proceder com a fidalguia de seus nobres sentimentos.

A brilhantissima história do general conde de Pôrto Alegre deverá escrever-se como a do almirante inglês sir Horace Nelson, num livro de narrativa romantizada e que seja de impressionante leitura.

Por enquanto, ela está para ser feita do mesmo modo que a história de outros notáveis compatriotas.

***

Rio-grandense de nascimento, em 1805, pertencia o tenente-general Manuel Marques de Sousa a antiga família de tradições dignas de servidores do exército. Verificou praça quando contava treze anos de idade, no 1.º regimento de cavalaria dos Voluntários Reais.

Aos vinte e um anos combateu na guerra da Cisplatina, onde começou a demonstrar a sua aptidão militar. Foi nos campos da peleja que se agaloaram os punhos da sua farda.

Importante papel coube-lhe desempenhar no cenário da Revolução Riograndense de 20 de setembro de 1835 a 45.

Neste decênio de extraordinários acontecimentos o comandante Marques de Sousa, fiel no juramento militar que prestou ao legalismo, portou-se, procedeu com o rigor dos seus sentimentos de lealdade à causa Imperial .

— Em combate, na cidade de Pelotas, contra elementos revolucionários foi prisioneiro, porém, quando se livrou veiu a Pôrto Alegre e cooperou para o restabelecimento do poder legalista, sendo comandante da praça, e tendo o pôsto de major do exército.

Teve honrárias constantes dos poderes públicos em razão dos serviços que prestava nas fileiras das unidades que comandava e conduzia à vitória das armas do Império contra os insurgidos que obedeciam ao mando de chefes destemidos e prestigiosos que eram Bento Gonçalves, João Antônio, Sousa Netto, David Canabarro, Joaquim Pedro Soares, João Antonio, Afonso Côrte Real, João Manuel de Lima, Sarmento Mena e outros guerreiros desta Iliada gauchesca.

O ano de 1850 a 1852 foi aquele das questões diplomáticas do Império que determinou a ruptura das relações do Brasil com o govêrno do ditador de Buenos Aires, general João Manuel Rosas, que deshumanamente ensanguentou a República Argentina com as lutas entre os partidos federal e uni-

tário; **los salvajes unitários,** como o déspota qualificava os seus adversários políticos...

Declarada a guerra começaram as operações do exército brasileiro, aliado com as fôrças das províncias de Corrientes e Entre Rios comandadas pelos governadores generais Justo Urquiza e Benjamin Virasoro.

O general Marques de Sousa, barão de Pôrto Alegre, assumiu o comando do 2.º corpo do exército nacional e bateu-se honrosamente na batalha de Caseros a 2 de fevereiro de 1852, tendo derrotado por completo o exército do general Mansilla, fiel ao absolutismo do ditador Rosas.

O historiador desta campanha, general Bernardino Bormann, descreveu com brilhantismo de fidelidade documentária e clareza estilística os fatos desta Guerra do Brasil aliado das Províncias Unidas do Rio da Prata, e salientou a atitude e o mérito militar do general Marques de Sousa, então galardoado com o título de visconde de Pôrto Alegre.

As cidades, de Buenos Aires e Montevidéu prestaram-lhe distintas homenagens. De volta ao Rio Grande do Sul e ao lar de sua família, em Pôrto Alegre, no espaçoso palacete fronteiro à igreja de N. S. das Dores, o ilustre general e titular solicitou e obteve reforma do seu pôsto em 1856.

***

Onze anos decorriam da pacificação da Província que manteve com a denodada bravura dos seus filhos militares a defesa da bandeira tricolor nas guerrilhas e combates, com as fôrças imperiais batiam-se pelo estandarte verde e amarelo das suas unidades.

Celebrada que foi a paz de 1.º de março, em Santa Maria, entre o então general barão de Caxias e o brigadeiro David Canabarro, os elementos políticos da Província formaram dois partidos constitucionais.

O general visconde de Pôrto Alegre acompanhou os princípios do programa dos liberais e com o glorioso marechal Osorio, também o brigadeiro Canabarro foi um dos chefes dêste partido tradicional nas lutas cívicas do nosso país.

Nas eleições 1860 veiu eleito deputado pela Província do Rio Grande do Sul e tomou assento na Assembléia Geral, sendo em 1861 nomeado ministro da guerra, no gabinete ministerial organizado pelo senador Zacarias de Vasconcelos.

Foram membros dêste ministério liberal os conselheiros Manuel Alves Branco, 2.º visconde de Caravellas, ministro das relações do exterior; Francisco José Furtado, da justiça; José Pedro Dias de Carvalho, da fazenda; José Bonifácio de Andrada e Silva, da marinha; Zacarias de Vasconcelos, da pasta do Império; A. de Sá Albuquerque, da agricultura.

O conde de Pôrto Alegre, com a elegância e distinção do seu garbo militar costumava apresentar-se corretamente vestido; então, houve alguém que reparasse nesta ocurrência, como original.

Sabendo disto, o ministro da guerra respondeu: É porque tenho a honra de representar a província do Rio Grande do Sul, nesta assembléia.

De 1862 a 65 houve transformação importante na política exterior do Brasil, com a campanha militar do Uruguai, onde o partido **blanco** de Montevidéu hostilizava ao Império do Brasil e foi necessário a declaração da guerra do que resultou a batalha de Paisandú e a elevação do general Venâncio Flores, chefe do partido **colorado**, à presidência da República vizinha.

Em conseqüência desta política sobreveiu a agressão do ditador paraguaio general Solano López.

***

Esta guerra foi um dos acontecimentos da América latina mais sensacionais durante cinco anos.

Sem motivo e sem formal declaração do govêrno do Paraguai em guerra contra o Brasil, o ditador-presidente da República aprisionou no pôrto de Assunção o navio mercante "Marquês de Olinda", capturou os seus passageiros; entre êles o coronel Frederico de Campos, presidente nomeado para governar a província de Mato Grosso, maltratou-o na prisão em que o encarcerou; invadiu com tropas do exército da

República as províncias brasileiras de Mato Grosso e do Rio Grande do Sul; a Argentina de Corrientes e a República do Uruguai.

Esta belicosa atitude exacerbou a opinião pública do Brasil e dos países Rio-platenses.

Imediatamente mobilizaram-se os respectivos exércitos. O govêrno brasileiro fez a política da guerra, concertando uma aliança com os generais Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina e Venâncio Flores, da República Oriental do Uruguai.

— O imperador Pedro II deliberou ser voluntário da Pátria, na organização dêstes corpos do exército nacional, e, do Rio de Janeiro, veiu iniciar as operações militares na Província rio-grandense, onde se efetuou a capitulação das fôrças do tenente-coronel Estigarribia que ocupavam Uruguaiana.

No conselho de generais estiveram o imperador do Brasil, o marquês de Caxias, o visconde de Pôrto Alegre, o ministro da guerra, conselheiro Ângelo Moniz, os generais Mitre e Flores, presidentes da Argentina e do Uruguai.

— Tendo se apresentado para a atividade do serviço militar o general visconde de Pôrto Alegre achou-se, nesta cruenta guerra, ao lado dos ilustres chefes Marquês de Caxias, Polidoro Jordão, Manuel Luiz Osorio, Jacinto Machado, João Manuel de Mena Barreto, Andrade Neves, Vitorino Monteiro, José Luiz Mena Barreto, Vasco Alves, Corrêa da Câmara, Silva Tavares e outros valorosos combatentes.

Coube-lhe o comando do 2.º corpo do exército nacional que com extraordinário denôdo combateu em Curupaití, onde foi corrente a expressão do intrépido chefe quando recebeu ordem de retirada, sem que lhe fôssem enviados os reforços que solicitou: "só para mim, não há uma bala!"

— Depois, a 8 de novembro, distinguiu-se na batalha de Tuiutí, a segunda dêste nome, repelindo o inimigo, pela resistência no reduto central, quando disse: "Hoje a glória é da artilharia!" E, como na obediência, a ordem que recebeu em Curupaití "A honra da bandeira do Brasil ficou ilesa".

— Um mês antes, êle derrotou, no Estero Rojas, as fôrças paraguaias do coronel Rivarola.

Mas, a sua saúde estava alquebrada; necessitou licença para seu tratamento e recolheu-se ao Rio Grande do Sul.

***

— Outro período começa para a vida pública do ínclito guerreiro; é o da atividade da política das idéias liberais cujo partido entrava em reorganização.

A 8 de dezembro de 1868, em conseqüência da ascensão do partido conservador, com o ministerio de 16 de julho, presidido pelo visconde de Itaboraí, os liberais do Rio Grande do Sul, pela sua imprensa, convocaram os elementos do seu credo.

"Não discutimos no momento os meios nem a marcha que temos de seguir quando nos acharmos a frente dos negócios públicos.

O que ora tratamos é de aglomerar os elementos de ataque: são as urnas o terreno legítimo, onde os Conservadores vão encontrar-nos e para onde chamamos todos os que nas doutrinas liberais e nos direitos inconcussos do povo reconhecem o meio de chegarmos à felicidade e segurança pública.

Êste mesmo pensamento determinou a organização de um Centro Liberal que reuniu na Capital do Império todos os membros oposicionistas da Câmara vitalicia para uniformizar a marcha da reação nacional contra o infausto golpe de Estado, de 16 de Julho, bem como a organização dos distritos provinciais".

— Reconhecida a prestigiosa influência política exercida pelo general conde de Pôrto Alegre foi-lhe delegado representar o Centro Liberal na província rio-grandense e constituir um Diretório do partido na Capital.

Formou-se, então, uma comissão diretora da política liberal, com estes nomes: conde de Pôrto Alegre, presidente; dr. José Antônio do Vale Caldre Fião, secretário; drs. Luiz da Silva Flores, Gaspar Silveira Martins, Timóteo Pereira da Rosa; coronel João Pinto da Fonseca Guimarães; sr. Firmiano Antônio de Araujo.

Estando ausentes da Província os drs. Timóteo da Rosa e Silveira Martins foram convidados para substituí-los os drs. Florencio de Abreu e Silva e Antônio Corrêa de Oliveira.

Correspondendo à recomendação do diretório do Centro Liberal do Rio de Janeiro, os diretores dêste partido no Rio Grande do Sul procederam a organizações municipais e se preparam para o alistamento de eleitores que na votação das urnas defendessem o programa do seu partido.

A guerra do Paraguai estava a concluir com o êxito das operações, efetuadas nas Cordilheiras, sob o comando do marechal Gastão de Orleans, conde d'Eu. — O regresso das unidades dos voluntários da Pátria à Província gaúcha, e com outras fôrças do exército nacional trazia poderoso contingente para o fortalecimento das fileiras liberais, como se verificou de 1871 em diante —.

O eloqüente orador dr. Silveira Martins voltou ao Rio Grande em 1870 e fundou, desde logo, o jornal **A Reforma** para órgão da opinião liberal e começou a oposição partidária a situação dominante.

Êle soube pela sua atitude de combatente intrépido disciplinar o grande partido de que se tornou chefe incontestável com a cooperação dos seus dedicados companheiros de princípios cívicos, sintetizando nestas palavras a honrosa tradição dos conterrâneos: "O Rio Grande do Sul é um só corpo e uma só alma quando se lhe evoca o cumprimento do seu dever de patriotismo..."

— O nobre conde de Pôrto Alegre era um dos chefes do liberalismo gaúcho, sinceramente dedicados aos ideais doutrinários do seu partido, aos progressos materiais e à cultura intelectual da Província natal.

Nas eleições de 1872, ardorosamente pleiteadas nas urnas, s. excia. veiu eleito deputado à Assembléia geral, por uma grande maioria de votos.

***

— Nesta apreciação da vida do eminente general riograndense incluimos a seguinte carta que a 30 de julho de 1869 s. excia. escreveu ao poeta e escritor Sebastião Xavier

Sarmento Mena, respeitável ancião residente na cidade do Rio Pardo e que pertenceu à geração dos políticos revolucionários do decênio de 1835 a 45.

Ilmo. Snr. Tive o prazer de receber um precioso mimo da benevolência de V. S.ª, uma Ode que denominou — tributo. Por mais acostumados que possamos estar ao excesso de bondade de algumas pessoas que nos hão honrado com as suas benévolas apreciações é mister distinguir o que há de espontâneo e desinteressado no espírito de V. S.ª.

Não estamos nos nossos momentos de glórias, estamos passando por sob a pressão de uma situação anômala, filha do falseamento de nossas mais caras conquistas democráticas; imposta a ditadura por um partido facioso que há iludido o Imperador, entretanto uma voz generosa levanta-se para celebrar um quasi exilado; um adversário do poder dominante, aquele que não é mimado das graças.

O bonito trabalho métrico de V. S.ª me é sobremaneira apreciável porque é fruto da sua alma generosa. Aceito-o como expressão de nobre altivez que caracteriza um rio-grandense que solta um brado de intrépida ousadia junto à coluna do proscrito, quando passam as armas dos pretores arrogantes, que anunciam os ímpios decretos dos Césares modernos.

Desejando poder corresponder ao seu generoso proceder fazendo ou concorrendo para que se fizesse justiça ao nobre caráter de V. S.ª e os legítimos merecimentos de que se pode gabar.

Digne-se V. S.ª, aceitar os antigos votos de muita consideração e aprêço com que me prezo ser de V. S.ª camarada e amigo muito obrigado.

Conde de Pôrto Alegre.

A franqueza do teor desta carta é evidente demonstração da firmeza do caráter e da independência dos sentimentos cívicos do ínclito rio-grandense que a escreveu, em testemunho de gratidão.

— O sr. Clemenciano Barnasque, aludindo à indole dos

rio-grandenses devotados ao serviço da causa nacional, citou êste episódio do desprendimento de um homem do povo, na intensidade do momento da guerra contra o ditador do Paraguai.

Seguia um carreteiro na estrada ao Cerrito do Ouro. "Súbito ao longe, correndo num dorso de coxilha começaram a cintilar na manhã clara as reverberações de lâminas luzentes ao rubro tremular de bandeirolas. Um piquete avançava! Defrontando o carreteiro que vinha os da escolta inqueriram sôbre o atalho mais curto que os levasse a São Gabriel. — Por alí! indicou o vaqueano, apontando a descida do Cambaí.

— Mas, quem são os senhores?

— Somos a vanguarda do general Marques de Sousa seguindo para Uruguaiana — tomada pelos paraguaios.

— Como! o Paraguai entrou aquí?

— Sim, um corpo de exército ao mando de Estigarribia entrou por S. Borja, desceu pelo Itaquí e está entrincheirado em Uruguaiana.

— Não teem uma lança de sobra?... temos; então esperem um instante, e rápido desatrelou os seus bois, deixando alí mesmo, no meio da estrada, estendidas as cangas e a carreta carregada de cal, ao abandono e segurou a lança que lhe deram".

Está nesta atitude, nìtidamente, esteriotipado o espírito de coragem e da inclinação do gaúcho pela profissão militar.

— Servindo a pátria sob as bandeiras do exército nacional o conde de Pôrto Alegre foi modêlo de bravura nas batalhas em que tomou parte e também nos misteres da paz, nas posições políticas que desempenhou, com toda correção de cavalheiro.

Ainda, em relação à sua correção de trajar e de ser homem de boa sociedade — houve ministro de Estado que notasse ao marechal Caxias tê-lo nomeado comandante de um corpo do exército em operações.

— Ah! sr. ministro, V. Excia. acertará interessando-se pelas questões políticas em vez das de assunto militar; e

hade ver que o general Marques de Sousa bem se desempenhará no comando que vae exercer.

— Dêste modo respondeu o glorioso vencedor de Itororó e Lomas Valentinas ao ministro civil, que de certo não simpatizava com o, então, visconde de Pôrto Alegre.

— Era envergando uniforme de gala que o nobre guerreiro costumava entrar em combate, escreveu o general Rodrigues da Silva no livro de "Recordações da Campanha do Paraguai", no qual há referências honrosas aos mais ilustres generais brasileiros.

Incontestadamente o general conde de Pôrto Alegre foi uma destas individualidades representativas que se distinguiu no cenário político e militar das instituïções do Império Bragantino.

Êle figurou nessa galeria de notáveis patrícios, do seu tempo, e que eram: os marechais duque de Caxias e marquês de Herval; os parlamentares marqueses de Olinda, de Abrantes, de Paraná, de São Vicente, de Paranaguá; os viscondes de Sinimbú, de Inhomirim, do Rio Branco; os conselheiros Zacarias de Vasconcelos, José Bonifácio, o moço; Gaspar Silveira Martins, João Alfredo, Ferreira Viana, J. Antônio Saraiva, Souza Dantas, Antônio Prado, Lafayette Rodrigues Pereira e outros parlamentares.

O sistema ministerial responsável perante as câmaras legislativas e as presidências de Províncias de nomeação do poder executivo cooperavam para o preparo de administradores para as altas funções públicas.

— Escreveu um publicista republicano que, naquele regimen, tivemos "Homens que se impunham pela estatura moral e intelectual. Tínhamos nomes de estadistas que valiam como símbolo de uma idéia... Eram nomes que faziam orgulho de uma raça e que nos enchiam de orgulho e não invejávamos nenhum país estrangeiro quando os comparávamos com os de outras nações".

Não será, portanto, sebastianismo, lembrar a integridade cívica e o merecimento intelectual dos ilustres brasileiros do passado.

Político e militar prestigioso foi o tenente-general conde

de Pôrto Alegre na Província rio-grandense e, recordando-o, servimo-nos das expressões do tribuno espanhol Emilio Castelar — acêrca dos partidos constitucionais na sua pátria; representados: os moderados no general Narvaez; os progressistas no general Espartero e os liberais no general O'Donnell.

***

A 21 de julho de 1875 a morte vitimou-o no Rio de Janeiro, tendo a lutuosa ocurrência impressionado a opinião pública, ao partido e a província rio-grandense do Sul.

Imponentes funerais tiveram os seus despojos mortuários, na Capital do Império. Embalsamado, foi o corpo do glorioso general Marques de Sousa transportado para Pôrto Alegre, onde com todas as honras militares, religiosas e civís foi sepultado num jazigo de mármore, no cemitério.

Dez anos mais tarde, no dia 2 de fevereiro de 1885 inaugurou-se uma estátua em memória dos seus grandes serviços. A cidade de Pôrto Alegre, com entusiasmo popular, na presença de Sua Alteza Imperial a Princesa Isabel de Bragança e Orleans, ornamentou de flores e folhagens o pedestal da estátua do insigne batalhador laureado por sucessivas vitórias.

O hino da Pátria foi cantado pelas senhoras Josefina Nolasco, irmãs Carlota e Adelina Vieira e Amalia Haensel, correspondida pela música do batalhão de infantaria. Duas secções de artilharia deram tiros de salva e as palmas do povo aplaudiram festivamente.

A escola militar formou a guarda de honra, nesta cerimônia oficial.

Os jornais da imprensa local publicaram artigos biográficos prestando homenagem ao eminente compatriota que muito dignificava o exército e a política liberal desta nação.

Nos anais do Brasil o nome e os magnifícos serviços do general conde de Pôrto Alegre estão celebrados com o devido culto de veneração.

Poesia do Povo

(FOLCLORE)

(Por **Valter Spalding**).

I

DE NORTE A SUL

Todos os **povos**, — dissemos alhures (1), — têm qualquer cousa um do outro. Um quê qualquer que muitas vezes não conhecemos, não distinguimos bem, mas existe, e existe, na sua quasi totalidade, no folclore.

Realmente, percorrendo êsses tesouros folclóricos dos diversos povos ou raças, ou, melhor ainda, étnias ou "tipos antropológicos", como o quer e com muita justeza o Sr. Oliveira Viana (2), percorrendo-se todos êsses tesouros folclóricos, vemos que em todos êles há pontos de contacto, afinidades, semelhanças flagrantes.

Alfredo Apell (3), em seu livro de confronto entre os contos populares russos, portugueses e brasileiros, disse: "Á medida que se forem recolhendo novos materiais etnográficos, travando-se conhecimento com os contos dos povos africanos, americanos e australianos, estudando-se melhor as literaturas antigas, descobriram-se semelhanças de motivos entre povos de toda a terra".

---

(1) Discurso no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ano XII, vol. II, 1932.

(2) "Raça e Assimilação".

(3) "Contos Populares Russos", introdução.

Foi, pois, em conseqüência dessas descobertas que se fundou a **escola histórica,** à qual se seguiu, corrigindo-lhe certos exagêros, a **escola antropológica.**

O folclore vem a ser, pois, história tambem, história e ciência, "história internacional e eterna" e "a mais nobre e progressista das ciências humanas, pois é a mais humana na sua veracidade, aproximando os homens e lhe mostrando a humanidade dêles" (4).

Também o ilustre folclorista e etnógrafo português, Consiglieri Pedroso (5) bate nessa mesma tecla: "Longe vai o tempo em que a história apenas considerava digno do seu objeto o estudo das instituïções políticas ou dos acontecimentos militares de um povo. Hoje o verdadeiro historiador deve, acima de tudo, procurar compreender a evolução do espírito humano, causa única e real de todas as transformações na ordem social, na ordem política, na ordem religiosa, etc.

E mais abaixo afirma: "A investigação, pois, do maravilhoso popular português nas suas múltiplas relações com o maravilhoso dos outros povos, tanto antigos como modernos, é um capítulo, e dos não menos interessantes de uma verdadeira História de Portugal".

Vale isso para o Brasil onde, a um tempo, devemos estudar o folclore português e espanhol, indígena e africano.

A imortalidade da alma, por exemplo, tem em todos os povos uma tradição antiquíssima e mais ou menos semelhante. Encontramo-la entre os bárbaros da Europa, os Vedas, os Chins, os Russos, Escandinavos, Anglo-saxões, Ibéricos, na Índia, África e na América pre-colombiana.

A criação do mundo tem seus similes em quasi todos os povos, o que nos faz reconhecer que todos os povos têm, como o diz a Bíblia, uma só origem: o Paraíso terreal, e que também, todos conheceram, no seu berço, a lei de Moisés e os seus livros.

Na África, por exemplo, era assim contada a criação do mundo e do homem:

---

(4) Afrânio Peixoto, "Missangas", exortação.

(5) "Contos Populares Portugueses", introdução.

"Quando as cousas ainda não existiam, Mebére, o Criador, fez o homem com terras argilosas. Tomou areia entre as mãos e deu-lhe a forma humana. Êste homem teve, assim, seu comêço, e começou como lagartixa. Essa lagartixa Mebére colocou num tanque repleto de água do mar. Cinco dias, e então, depois de ter passado cinco dias com êle dentro do tanque com água do mar, deixou-o sòzinho sete dias. No oitavo dia Mebére foi espiá-lo. E eis que a lagartixa (ou lagarto) sái. Mas é agora, um homem. E diz ao Criador: Agradecido" (6).

Êste é um conto "fân". Nessa mesma tribu existe outra tradição em que se alude a um deus no qual existem três pessoas: **Nzamé, Mebére** e **Nkwa.** Nzamé, que encarna as três pessoas, fez o céu, a terra e todas as cousas que existem, reservando, porém, o céu para si. Depois chamou os dois outros e mostrou-lhes sua obra. Estes, olharam tudo e disseram: — Vemos muitos animais, mas não vemos seu chefe; vemos muitas plantas, mas não vemos sua superiora. E depois de muitas considerações e experiências fizeram o homem e a mulher. Estas lendas, como as demais existentes sôbre a creação do mundo e do homem em todas as partes do mundo, inclusive entre os indígenas da América, nada mais são que reminiscências da história da criação segundo a Bíblia, o que ainda prova que todos os povos tiveram a mesma origem a que já nos referimos.

O nascimento de Jesús tem lendas que o recordam, como aquela que refere Couto de Magalhães (7):

"Em tempos idos apareceu grávida a filha de um chefe selvagem que residia nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quís punir no autor da deshonra de sua filha a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem era êle, empregou, debalde, rogos, ameaças e por fim castigos severos. Tanto diante dos rogos como diante dos castigos, a moça permaneceu inflexível, dizendo

(6) Blaise Cendrars, "Anthologie Nègre".

(7) "O Selvagem", edição prefaciada e revista pelo sobrinho do A., Dr. Couto de Magalhães.

que nunca tinha tido relação com homem algum. O chefe deliberou matá-la quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela efetivamente era inocente e não tinha tido relação com homem. Passados os nove meses, deu à luz uma menina lindíssima e branca, causando êste último fato a surpresa, não só da tribu, como das nações vizinhas, que vieram visitar a criança, para ver aquela nova e desconhecida raça. A criança que teve o nome de **Mani,** e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor. Foi enterrada dentro da própria casa, onde era descoberta diàriamente, sendo também diàriamente regada a sua sepultura, segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floresceu e deu frutos. Os pássaros que comeram os frutos embriagaram-se e êste fenômeno, desconhecido dos índios, aumentou-lhes a superstição pela planta. A terra, afinal, fendeu-se; cavaram-na e julgaram encontrar no fruto que encontraram o corpo de Mani. Comeram-no e assim aprenderam a usar a mandioca".

Não é êste conto uma deturpação da história do nascimento de Jesús? Mas não é só êste conto que a isso se refere. Há ainda outro, em que se reproduz a cena da morte de Jesús Cristo, não faltando mesmo a coroação de espinhos.

Lendas semelhantes, reproduzindo, com muitas fantasias e deturpações, a vida e morte de Cristo, encontram-se entre os demais povos (8).

Há quem queira ver, em algumas dessas lendas, como a de **Mani,** reprodução de um trecho da vida de deuses indús ou chinos, o que, também, não é impossível, visto a vida e morte de todos êsses seres superiores das religiões índicas e chinas terem sido, segundo as lendas, parecidas com a de

---

(8) **Quaayayp** é, na mitologia ameríndia, o que melhor reproduz a condenação de Cristo pelos judeus. Fazem-no um dos três filhos de Nipararya que veiu ao mundo para ensinar os homens, tendo sido por êles coroado de espinhos e condenado à morte. Nessa lenda troca-se, apenas, a SS. Trindade por três filhos de um deus.

Jesús, o que nos faz supor que êles se tenham utilizado das profécias bíblicas sôbre o Redentor.

O dilúvio universal tem, igualmente, seu símile em quasi todos os povos bárbaros da Europa, Ásia, África e América, sendo, entre nós, muito conhecida a lenda de Tamandaré, com a qual José de Alencar fecha o seu grande romance **O Guarani.**

Entidades malignas, também entre todos os povos existem, desde o **Puck,** dos frisões, ânglos, jutos, e várias outras tribus (9), até o Anhangá dos nossos índios, o Caapora, o Saci-perêrê e tantos outros, os quais, na sua essência, nada mais são do que uma imagem do Satanaz ou Lucifer, o anjo mau que a Bíblia nos ensina existir para seduzir os homens nesta terra e, depois, atormentar os maus durante toda a eternidade.

Couto de Magalhães (ob. cit.) referindo-se à Sumé diz "que os jesuitas entendem que é o apóstolo S. Tomé", dando a entender que êle não o crê. Entretanto, quem nos afirma positivamente que S. Tomé não esteve no Brasil? Não queremos afirmar ser êsse apóstolo designado pelo nome de Sumé, si bem existam várias lendas que descrevem essa divindade fazendo-nos crer tratar-se- realmente do apóstolo Tomé.

A universalidade de certas lendas, mostra-nos, mais, que há, em todos os povos, um traço que os une desde tempos imemoriais.

Os espíritos maus, nas lendas americanas, são inumeráveis, alguns simples brincalhões, outros terríveis, figurando entre estes últimos o Gualichu ou Valichu das pampas argentinas. No Norte do Brasil, semelhantes ao Gualichu, embora menos mau, são: o saci-perêrê, conhecido do Ceará até S. Paulo, o caapóra, e no Rio Grande do Sul o **negrinho do pastoreio,** que é uma das mais comoventes lendas do Brasil.

E como estes ainda muitos outros existem, todos com

---

(9) **Puck,** era considerado um demônio travêsso, mas sem maldade. A superstição inglesa apelidou-o **Robin Goodfellow,** e Shakespeare deu-lhe um papel no **Sonho de uma noite de verão.**

finalidades mais ou menos parecidas. O interessante, porém, é que de muitas dessas lendas encontram-se similares em muitos pontos do velho mundo.

Gustavo Barroso, um dos nossos grandes estudiosos nesse ramo, escreveu ([10]): — "No folclore dos nossos sertões, há, além dos espíritos dominadores das terras e das caças, como o caipora e o sací, os que governam as águas, como as iáras, ou mães d'água. Êste fenômeno ocorre em todas as mitologias do mundo. Nós vamos encontrá-lo até no extremo norte da Europa, na Escandinávia, segundo os estudos de Edmond Pilon".

Simões Lopes Neto ([11]) recolheu, no Rio Grande do Sul, a lenda da **Salamanca do Jaráu,** cuja origem é claramente espanhola. Esta mesma lenda existe na Argentina. Dela deu-nos, em verso, linda versão, o ilustre poeta Rafael Obligado ([12]). **La mula anima,** descrita por êsse mesmo poeta argentino faz-nos lembrar as histórias das **mulas sem cabeça** e outras semelhantes.

Por todas essas semelhanças e universalidade do folclore, podemos muito bem dizer com Afrânio Peixoto (ob. cit.): "O folclore, ciência e não prevenção ou estultice, veiu reunindo documentos e provas, e aí está provada a identidade psicológica, ou alma comum da humanidade. O mesmo provérbio, a mesma trova, o mesmo conto, a tradição, o rito, o costume... Os mesmos, ou correlatos, na Índia, no Egito, na Grécia, na Itália, Ibéria. Em Herodoto, em Homero, como nos papiros, nas inscrições cuneiformes. Recentes ou antigas, nos Mongóis, Chins, Nipões, Bosquimanos, Aztécas, Incas,

---

([10]) "O Sertão e o Mundo".

([11]) "Lendas do Sul". Simões Lopes Neto cita também o Saci, o Angoéra e muitas outras conhecidas em quasi todo o Brasil. Cita, igualmente, a da **M' boi-tatá,** não menos popular em vários pontos do país, e que, a nosso ver, é de origem guaranítica.

([12]) "Leyendas Argentinas". Nesse livro de 62 pgs. apenas, Obligado canta **El payador Santos Vega,** que "murió cantando su amor como el pájaro en la rama", e além, das duas lendas citadas **La Salamanca** e **La mula anima,** mais: **El Yaguarón, El Cacuí** e **La luz mala,** todas elas em verso.

Peles Vermelhas, Guaranís... O folclore tende a ser um instrumento político de igualdade. A identidade psicológica desfaz os êrros milenáres, de diferenciação somática dos povos".

E daí, a justa assertiva de Oliveira Viana quando diz que não existem pròpriamente raças sôbre a terra, mas simplesmente étnias, tipos antropológicos (ob. cit.).

***

O que se nota nos contos populares, lendas e tradições, nota-se igualmente na poesia do povo, nessas quadras e xácaras que correm de bôca em bôca, sem autor certo ou conhecido, patrimônio de um povo.

Curiosas são as coincidências nesse gênero, poesia popular, que encontramos nas coleções de trovas brasileiras e portuguesas, com as que nós recolhemos no Rio Grande do Sul, bem como com as recolhidas por Cezimbra Jáques (13), Roque Callage (14), J. Simões Lopes Neto (15), Apolinário Pôrto Alegre (16) e outros muitos que não conhecemos, infelizmente.

"A poesia sertaneja, — escreve Gustavo Barroso (17) — pode bem dividir-se em dois grandes ramos: o repentista e o tradicional. O primeiro lembra, com os desafios, as **tensons** provençais e as disputas dos foliões romanos; nêles o cantador de pé de viola se iguala, embora mais humilde e mais rude, aos troveiros e trovadores da média idade européia; pelo menos é o mesmo espírito que o inspira e que o domina; recorda com as emboladas e as quadras as velhas trovas de amor e de amigo, as antiquíssimas cantigas de bom e de mal-dizer. O segundo é muito mais importante. Nascido

---

(13) "Assuntos do Rio Grande do Sul".

(14) "No Fogão do Gaúcho".

(15) "Cancioneiro Guasca".

(16) Não conhecemos a obra folclórica dêsse regionalista gaúcho. Roque Callage, porém, cita-o em "No Fogão Gaúcho", transcrevendo a lenda do **Cavalo encantado.**

(17) "Ao Som da Viola".

dos próprios acontecimentos desenrolados nas ribeiras, tem um grande fundo verídico, que o exagêro das paixões de momento, da imaginação aquecida mal consegue perturbar".

Quasi a mesma cousa pode-se dizer dos trovadores gaúchos, dividindo-se também os seus cantares em dois grupos distintos: os improvisos, quadras de amor que entoam em tôrno do **fogão**, e os tradicionais, quasi sempre improvisos também, mas patrióticos, que melhor ficam gravados, correndo mundo, celebrando datas e feitos memoráveis, refazendo, em poucas linhas, a glória de um guerreiro, ou um episódio da história do pago.

O amor, a guerra, as paixões políticas, as crenças e crendices, são motivos para os improvisos e cantorias, ao som da gaita de fole, nas noites de verão em pleno pampa, ou nas longas noites de inverno, nas rodas de chimarrão, nos tradicionais galpões das estâncias e fazendas.

E aí, nesses serões, quantas e quantas vezes, escutamos, em desafios, trovas que, muito mais tarde, fomos encontrar em coletâneas feitas no Norte e em Porgugal!

Entretanto, êsses rudes campeiros, muitos dos quais mal sabem assinar o nome, longe dos centros populosos, alheios às questões de literatura, arte e folclore, repetem cousas que já outros disseram, entoam hinos que outros povos entoaram!

E com que música? Geralmente (podemos, mesmo, dizer sempre) com aquela toada das cantigas tristes e monótonas dos primitivos habitantes destas plagas: os índios. Couto de Magalhães (ob. cit.), confirma esta nossa afirmação: "O paulista, o mineiro, o rio-grandense de hoje cantam nas toadas em que cantavam os selvagens de há quinhentos anos atrás, e em que ainda hoje cantam os que vagam pelas campinas do interior".

Nesses serões, nesses desafios, nos galpões de fazendas e estâncias, em viagens, nos fandangos, nos boliches entre um e outros trago da branquinha, inúmeras vezes escutamos a cantoria do gaúcho alegre e folgazão, ou triste, abichornado pela saudade ou por um amor mal correspondido, e muitas quadras anotamos, algumas improvisadas, próprias ao as-

sunto, outras adaptadas ao momento, e outras ainda que lhes haviam sido ensinadas pelos antepassados.

Para uma idéia do que são, e da espontaneidade dêsses cantadores gaúchos, damos, a seguir, algumas quadras por nós colhidas, aliás, em parte, variantes de outras que correm mundo:

Sou gaúcho destas bandas,
morro quando Deus quizé;
eu só tenho dois prazeres:
cavalo bom e muié.

Cavalo bom e muié
foram minha perdição;
cavalo bom sempre tive,
de muié tenho um fartão.

Sou matungo abichornado
que acompanha a égua madrinha,
carregando minhas penas
como faca na bainha.

Tenho saudade dos pagos,
saudade do meu rincão,
daquele meu bem-querer
que pisou meu coração.

No curral dos teus afetos
quero ser pelegueado,
correndo todos os dias
de beijos rebenqueado.

Antes de te ver, Chinóca,
meu coração socegava:
dormia sem pensamentos,
sem cuidados me acordava.

Ai! Chinóca! ai! Chinoquinha,
vancê é boa a mais não sê:
reboleie a quero-mana,
vá dançá que eu quero vê.

Êsses oítos, morena,
deixam minharma facêra:
si eu já não fôsse tão véio,
cué pucha! quanta foguêra!

As décimas são raras no Rio Grando do Sul, e não tivemos ocasião de colher uma só. No Norte, ao contrário, os repentistas a empregam muito.

Para confronto, transcrevemos dos diversos autores já citados, mais as seguintes redondilhas da lira popular gaúcha:

Todos cantam, trovam versos
com a sua sabedoria,
só eu me ponho a cantar
pela lei da monarquia.

(**Lei da monarquia** é a liberdade, a independência do gaúcho que, não raro, se intitula **monarca das coxilhas**).

Desta pátria dos farrapos
o rincão e as quebradas
têm venturas, mil encantos,
belo céu nas alvoradas.

Quando pego no meu laço
desde a ilhapa até a presilha,
retine que nem um aço
nas guampas de uma novilha.

O tempo mata os amores,
faz um moço envelhecê,
faz murchá todas as flores,
faz os velhos padecê.

A fita do teu cabelo
é buçal, maneia e laço...
Descogotado e lunanco
inda por ti movo o passo!

Ao botar o pé no estribo
meu cavalo estremeceu...
— Adeus morenas que ficam,
quem vai s'imbora sou eu.

Centenares poderiamos citar, sem contar as patrióticas, de que nos ocuparemos na terceira parte dêste ensaio.

Em muitas dessas quadras, como a seguir veremos, encontramos similares nas canções populares de Portugal e do Norte do Brasil.

Assim, por exemplo, a quadra portuguesa citada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que a presume obra de "um espírito culto", incorporada mais tarde pelo populário português:

No ventre da Virgem Mãe
encarnou divina graça:
entrou e saíu por ela
como o sol pela vidraça,

ouvimo-la repetida, no seu sentido geral, num dêsses serões de galpão na Serra (Rio Grande do Sul).

O sol passa pelos vidro
sem deixá nele o sinal;
o Fi (lh) o de Santa Maria
nasceu sem le fazê mal.

A semelhança é flagrante. Entretanto, esta mesma quadra portuguesa que mereceu um estudo de Alberto Faria ([18]), foi colhida por Coelho Neto nos sertões do Ceará.

([18]) "Acendalhas" (Literatura e folclore).

É esta a variante cearense que Alberto Faria considera "de maior interêsse folclórico" por ser brasileira:

O só travessô vidraça
sem tocá nem batê nela:
assim a Virgem Maria
pariu e ficô donzéla.

Mas não pára aí. Rodrigues de Carvalho cita outra variante ([19]):

No ventre da Virgem pura
encarnou Divina Graça:
como entrou também saíu:
como o sol pela vidraça.

E quantas mais haverá?

Em outro assunto: colhemos esta quadra de despedida num final de desafio:

Vamo dá a despedida,
a despedida vamo dá:
adeus gentes desta terra,
sôdade pra quem ficá.

Conhecemos, porém, esta outra também sul-rio-grandense:

Eu vou dar a despedida
como deu o quero-quero:
depois da festa acabada,
asas para que te quero.

Faz-nos lembrar esta quadra aquele refrão popular aplicado às pessoas que, em visitas apressadas, aproveitam o almôço ou a janta saindo em seguida — "fazendo a parte do cachorro magro"...

Couto de Magalhães (ob. cit.), menciona as seguintes ouvidas, afirma, "em Ouro Preto, em 1861":

([19]) "Cancioneiro do Norte".

Vamos dar a despedida
como deu a pintasilva;
adeus, coração de prata,
perdição da minha vida!

Vamos dar a despedida,
como deu a saracura;
foi andando, foi dizendo:
mal de amores não tem cura.

Julga o ilustre autor de "O Selvagem" que essas duas quadras são simples variantes, o que também cremos, de uma **quadra** popular do Amazonas, pois as acima citadas "encerram o mesmo sistema de imagens, apenas em um período mais adiantado de cruzamento".

É a seguinte a trova amazonense a que se refere Couto de Magalhães:

Vamos dar a despedida,
Mandú sarará
como deu o passarinho;
mandú sarará
bateu asa, foi-se embora,
mandú sarará
deixou a pena no ninho
mandú sarará.

Muitas outras variantes poderiamos citar, ainda, quer do sul, quer do norte. Passemos, porém, a outra quadra, de outro gênero.

Cajueiro pequenino
carregado de fulô,
eu também sou pequenino,
carregado de amô.

Vem esta quadra na obra de José Antônio de Freitas ([20]).

([20]) "Lirismo Brasileiro".

Desta mesma quadra conhecemos variantes que nos afirmam de origem baiana, embora conhecidas em outros Estados:

Laranjeira pequenina,
carregada de botão,
eu também sou tamaninha,
carregada de paixão.

Conhecida no Rio Grande do Sul, e considerada rio-grandense, é a seguinte variante:

Laranjeira pequenina
carregadinha de flô,
também eu sô pequeninha
carregadinha de amô.

Inspirado na primeira destas quadras populares referidas, encontramos, citado por Amadeu Amaral ([21]), a seguinte poesia de Juvenal Galeno, poeta cearense ([22]), de um encanto todo especial:

Cajueiro pequenino,
carregadinho de flôr,
à sombra das tuas fôlhas
venho cantar meu amor,
acompanhado sòmente
da brisa pelo rumor,
cajueiro pequenino,
carregadinho de flôr.

. . . . . .

([21]) "Letras Floridas", conferências: **"Árvores e poetas".**

([22]) Juvenal Galeno faleceu em 1931. Conhecemo-lo através o artigo de Gustavo Barroso — "Juvenal Galeno" —, **(Correio Literário,** 1-7-1931). Além da poesia que acima transcrevemos, e de trechos publicados por Gustavo Barroso no artigo referido, nada mais lemos do poeta cearense, "a lira tradicional, venerável e augusta que ora emudeceu no Ceará distante", "cego como Homero". (G. B. art. cit.), a não ser ligeiras referências de Rodrigues de Carvalho no **Cancioneiro do Norte.**

Cresceste... Si eu te faltasse,
que de ti seria, irmão?
Afogado nestes matos,
morto a sêde no verão...
Tu que fôste sempre enfêrmo,
aquí neste ingrato chão!
Cajueiro pequenino,
que de ti seria, irmão?

Crescemos... crescemos ambos,
nossa amizade também;
eras tu o meu enlêvo,
o meu afeto, o meu bem;
Si tu sofrias... eu, triste,
chorava como... ninguem!
Cajueiro pequenino,
por mim sofrias também!

Quando em casa me batiam,
contava-te o meu penar;
tu calado me escutavas,
pois não podias falar;
mas, no teu semblante amigo
mostravas grande pesar,
cajueiro pequenino,
nas horas do meu penar.

.....

Agora volto, e te encontro
carregadinho de flôr!
mais ainda tão pequeno,
com muito mato ao redor...
Coitadinho, não cresceste
por falta do meu amor,
cajueiro pequenino,
carregadinho de flôr!

Que lindo efeito tirou "Juvenal Galeno, tão simples e tão sincero" (Amadeu Amaral, ob. cit.), nestas deliciosas es-

trófes inspiradas numa simples quadrinha, não menos suave e deliciosa, da lira popular!

Cigarrinho de papel,
fumo verde não fumega;
onde há moças bonitas,
meu coração não socega.

Esta quadra é muito popular no Rio Grande do Sul, e considerada sul-rio-grandense.

Citada por Leonardo Mota ([23]), encontramos esta quadra:

Em mortalha de papel
fumo verde não fumega;
onde tem moça bonita
meu coração não socega,

de que conhecemos mais a seguinte variante sul-rio-grandense:

Tico-tico no terreiro,
quando chove não se molha:
onde há moça bonita,
para as feias não se olha.

Cezimbra Jaques (ob. cit.) descrevendo uma **sapecada,** espécie de convescote feito no tempo da colheita dos pinhões, em que estes são comidos assados nas brasas dos próprios galhos de pinheiro, cita as seguintes quadras:

Pinheiro me dá uma pinha,
pinha me dá um pinhão,
menina me dá um abraço
que eu te dou meu coração.

([23]) "Cantadores".

Quem tem pinheiros tem pinhas,
quem tem pinhas tem pinhão,
quem tem amores tem zêlos,
quem tem zêlos tem paixão.

Do pinheiro nasce a pinha,
da pinha nasce pinhão,
dos homens nasce o zêlo,
da mulher a ingratidão.

"Além dêstes, — diz Cezimbra Jaques, — existem outros versos do pinheiro que, com os acima encontrados, formam uma canção popular antiga, cantada em uma toada aliás agradável, e que se presta para dansar".

Couto de Magalhães (ob. cit.) refere a seguinte que diz ser de São Paulo:

Pinheiro, dá-me uma pinha;
roseira, dá-me um botão;
morena, dá-me um abraço,
que eu te dou meu coração.

Pelo que refere Cezimbra Jaques e pelo que a respeito colhemos, a quadra paulista é uma variante daquela velha canção cuja origem pode ser tanto gaúcha como paranaense.

Quando, em 1883, meu pai, mocinho ainda, veiu com seus pais e irmãos para o Rio Grande do Sul ([24]) trouxe de lá

([24]) No "Deutsches Geschlechterbuch", Band 68, 1930, na parte referente à família Spalding, de origem escocêsa, lê-se o seguinte: pág. 337:

5. **Brasilianischer Ast** (ramo brasileiro) Hermann Heinrich Friedrich Leopold Spalding, nascido em Hirschberg no Oels a 26-2-1817, e falecido na vila do Triunfo a 5-5-1885. Serviu de 1836 a 1838 no "Garde-Jäger-Batl." (Batalhão de Caçadores da Guarda); auxiliar de caçador em Klein-Lohse, Trebnitz; de 1879 a 1882, "Förster" (couteiro, espécie de guarda florestal, título êste de certa importância na Alemanha daquele tempo) no Gierichswalde, em Wartha, na Silésia, com residência em Johnsbach. Nomeado "Hegemeister" (título honorífico do "Förster" im-

uma velha canção tirolesa, entre cujos versos figuram os seguintes, conforme meu pai os escreveu:

Ich geh über Berg und Thal;
Mir wird kein Weg zu schmal:
Zu mein Madel muss i' gehn,
In der Woche sieben mal.

Estes versos podem ser traduzidos da seguinte forma:

Eu vou por montes e vales;
nenhum caminho me é estreito:
devo estar junto à guria
sete vezes na semana.

Oriunda de São Paulo, Amadeu Amaral ([25]) dá a seguinte quadra, cuja semelhança, no conceito, nos chamou sobremodo a atenção:

Quem me dera ver meu bem
trinta dias cada mês,
sete dias na semana,
e cada instante uma vez.

Não haverá nesta quadra reminiscências da velha conção tirolesa?

No **"Auto do Bumba meu boi!"** citado por Gustavo Barroso ([26]), figura esta quadra:

---

perial) em 1883. Nesse mesmo ano partiu para o Rio Grande do Sul, onde já se encontravam os filhos mais velhos desde 1878 e 1879. Era casado com Terêza Espanner. De seus 14 filhos (quasi todos falecidos no Rio Grande do Sul) meu pai, — Carlos Jorge Hermano, — ainda, graças a Deus, vivo, é o penúltimo.

([25]) "A Poesia da Viola" (Folclore paulista).

([26]) "Ao Som da Viola" (Folclore). No tempo da escravidão, segundo nos foi contado, o **Auto do Bumba meu boi!** também era, em parte, cantado pelos negros no Rio Grande do Sul.

Atirei um limão verde,
lá na torre de Belém,
deu no ouro, deu na prata,
deu no peito de meu bem!

A respeito diz Gustavo Barroso em nota: "É de pura origem portuguesa, lisboêta mesmo, esta quadra. Veiu de lá para o Nordeste".

Entretanto, desta mesma quadra que, aliás, não conheciamos antes, ouvimos e, mesmo, quando criança, cantamos uma infinidade de variantes nesses autos infantís, as cirandas.

Cantadas pelo povo, recolhemos a seguinte, muito popular em todo o Rio Grande do Sul:

Atirei um limão verde
por cima da sacristia:
deu no ouro, deu na prata,
deu na moça que eu queria.

Outros cantam:

deu na prenda que eu queria.

Desta quadra destacaremos a seguinte variante dentre muitas outras:

Atirei um limão verde
na janela da menina;
menina chamou-me louco,
mas louco fiquei por ela.

Também esta quadra citada por Gustavo Barroso (ob. cit.):

Menina, minha menina,
da minha veneração,
na barra do teu vestido
arrastas meu coração,

tem grande número de variantes no Rio Grande do Sul e outros Estados. A do sul, que colhemos, é esta:

Morena, minha morena,
morena de perdição:
na trança dos teus cabelos
tá prêso meu coração.

Mas existem várias outras.

***

Longe iriamos nesses confrontos, pois o cancioneiro popular do Brasil, de norte a sul, está cheio de trovas de um mesmo sentido e, quiçá, de uma mesma origem, em grande parte: Portugal. Muitas dessas quadras, bem como todos os contos e lendas, que não tenham um cunho puramente local, ou regional, como as que se referem ao cavalo e à vida de campo do gaúcho, e também às lutas sustentadas pelo sul-rio-grandense (citamos como exemplo), quasi todas as demais quadras, lendas e contos, têm seu símile em Portugal e, não raro em toda a Europa, conforme já demonstramos.

***

Um fato interessante é o modo pelo qual se tornam populares muitos dêsses contos, canções e quadras, especialmente estas.

Mais de uma vez ouvimos trovas muito nossas conhecidas de escritores nacionais, transcritas, sem autor, pelos jornais do interior, e cantadas, e repetidas nos galpões, carreteadas, fandangos, etc., pelos rudes filhos das verdes coxilhas do Rio Grande.

Osorio, o legendário, também fez versos. E muitos e bons, apesar de suas cartas, das quais possuimos dois exemplares originais, do próprio punho, serem bastante mal escritas, num português que muito deixa a desejar.

Laudelino Freire incluiu nos seus "Quinhentos Sonetos Brasileiros" um do general Osorio, e mais outros existem, bem como grande número de quadras, glozas e outras poesias.

Das quadras, duas correm mundo, incorporadas pelo popular:

O tempo curar não pode
as chagas que amor abriu;
separar só pode a morte
corações que amor uniu.

Ausente dos teus encantos,
sem teus lindos olhos ver,
tudo me causa desgosto,
nada me causa prazer.

Outra quadra que ouvi cantada por um tropeiro, num fandango, na Serra, é esta:

Saudade uma dor, um'ansia,
é uma vontade de ver,
aquela que pensa em mim
c'os olhos do bem querer.

Essa quadra, já levemente alterada, é de um dos nossos mais festejados poetas humorísticos, que também sabe ser lírico quando bem lhe apraz: Bastos Tigre, o conhecidíssimo **D. Xiquote das Bolhas de sabão** e **Fonte da Carióca,** entre outros.

A poesia da qual foi extraída esta quadra intitúla-se **Saudade.** Lemo-la, faz muitos anos, numa revista carióca, si nos não falha a memória. Uma das primeiras quadras, de que ainda nos lembramos, é esta:

"Gôsto amargo de infelizes,
foi como a chamou Garrett:
coração, calado dizes
num suspiro o que ela é".

A outra, incorporada, como variante, pelo populário, Bastos Tigre escreveu assim:

"Saudade, uma dor, uma ansia,
uma vontade de ver,
a quem nos vê à distância
com os olhos do bem querer".

Lemos também esta quadra, mais ou menos na mesma época em que a ouvimos cantada, num dêsses efêmeros jornais do interior do Rio Grande do Sul.

Outra, que encontramos nesses periódicos sem designação de autor, é a seguinte:

A saudade é calculada
por algarismos também:
distância multiplicada
pelo fator — querer bem.

Seu autor, porém, é o mesmo Bastos Tigre. Pertence à referida poesia — "Saudade". — Mas já está incorporada ao populário.

Em 1924 publicamos um pequeno volume de poesias, produto de época menos trabalhosa, cujo valor é bastante duvidoso. Nêle incluimos uma série de quadrinhas publicadas aquí e alí, na imprensa, quasi todas, mas com designação de autor. Pois bem: de uma delas já o povo tomou conta. É esta:

Cantam, cobertos de pênas,
os passarinhos nas matas:
também digo minhas penas
ao luar, em serenatas.

O rifão popular, — "Quem canta máguas espanta" — têm sido aproveitado por grande número de poetas, e figura em inúmeras quadras ([27]).

([27]) Êste rifão é exploradíssimo. Encontramos quadras que com êle se enfeitam não só no nosso folclore, como no de outros países.

Para um confronto, citarei a seguinte sul-rio-grandense:

Quem canta seu mal espanta,
quem chora seu mal aumenta;
eu canto pra disfarçar
esta dor que me atormenta.

E esta, peruana, que figura no livro "Armonias", de D. Ricardo Pal-

Mario Tota, ilustre poeta e médico sul-rio-grandense, tomando-o por têma escreveu a seguinte quadra para um torneio:

Quem canta os males espanta,
— diz um ditado profundo; —
e há tanta gente que canta,
e há tanta mágua no mundo!

Pois esta singela e expressiva trova do distinto médico-poeta já é conhecida em grande parte do Brasil e também em Portugal, sem que se saiba quem é o seu autor. Logrou esta quadrinha uma popularidade que o conceituado médico seu autor não conseguiu ainda.

---

ma, que foi ministro de sua pátria no Brasil, em 1864, não é mais do que uma variante do rifão, como aquela nossa, acima citada:

Dicen que las penas matan,
Las penas no matam, no:
Que si las penas mataran
Ya me hubiera muerto yo.

Idêntica a esta colhemos a seguinte, nos arredores de Pôrto Alegre, numa cantoria de Reis:

Si penar matasse a gente,
há muito eu seria defunto;
penar pisa mas não leva
pra "cidade dos pés juntos".

E ainda estas:

Eu não sei se cante ou chore,
nem sei que faça de mim:
cantando redobro as penas,
chorando penas sem fim.

Eu não canto por bonito,
nem canto pra me mostrar;
com a dor que trago nalma,
canto para não chorar.

Foi esta quadrinha publicada, faz um rol de anos, no **Correio do Povo,** quando ainda viviam Caldas Junior, seu fundador, e Paulino de Azurenha. E aí ficou. Mas de repente, ei-la que ressurge, toda enfeitada, vinda de Portugal com uma companhia de comédias, ou operetas. Uma das artistas canta-a. A quadrinha do Dr. Mario Tota estava incorporada a um **fado** português!

Era, já agora, como o fado, uma produção anônima, creação do povo, ou antes, de poeta anônimo.

A nosso ver, um dos grandes veículos na desapropriação dessas quadras é a imprensa, a imprensa do interior que tudo aproveita para encher as suas colunas.

Mas, afinal, é essa uma glória que os homens nunca, ou quasi nunca logram.

***

Os exemplos poderiam multiplicar-se. Mas, para que? Os referidos são suficientes para provar que o folclore "é a mais nobre e a mais progressista das ciências humanas, pois é a mais humana na sua veracidade, aproximando os homens e lhes mostrando a humanidade dêles" (Afrânio Peixoto, ob. cit.).

É o que também pensamos e gostosamente subscrevemos.

II

TROVAS, CANTOS E DANSAS

TROVAS

Como na música, que, pela sua maleabilidade, se presta para reproduzir todos os sentimentos humanos, desde o amor ao ódio, da humildade à revolta, da caridade à avareza, e bem assim tudo quanto existe na natureza, as revoltas do mar, as tempestades, o sibilar do vento, o chilrear dos pássaros, o manso sussurar das águas dos regatos e as caudais dos rios, assim, também, as trovas da lira popular reprodu-

zem, como notas musicais, tudo quanto vêm e sentem em si e na natureza os rudes trovadores, ou trovistas.

Exemplificando o que dissemos, reproduziremos alguns espécimes da lira popular gaúcha.

Qual matungo abichornado,
atrás da égua madrinha,
assim pena, assim padece,
esta bem triste alma minha.

No palanque dos teus braços
quisera ser amarrado,
e ser a todo o momento
de beijos rebenqueado.

O fogo quando se apaga
na cinza deixa o calor;
um amor quando se acaba
no coração deixa a dor.

Si eu soubesse com certeza
que tu me tinhas amor,
caíria nos teus braços
como o sereno na flor.

Meu amor é pequenino,
do tamanho de um botão;
de dia trago no peito,
de noite no coração.

Lá vai a garça voando
com penas que Deus lhe deu;
por penas, penas trocando,
mais penas padeço eu.

Vou-me embora, tenho pressa,
tenho muito que fazer:
tenho que parar rodeio
no peito do bem querer.

Desgraçado de quem anda
correndo por casa alheia:
almôço serve de janta,
e janta serve de ceia.

Meus senhores não reparem
si neste verso eu errei:
é que ao abrir a bôca
do meu amor me lembrei.

Não deixes amores velhos
pelos novos que hão de vir;
os novos logo aborrecem,
os velhos podem servir.

— Soldado que estás fazendo
encostado em tua espada?
Namora-te da mais moça,
que a mais velha é já casada.

— Na minha espada encostado,
eu não ofendo a ninguém;
como casou a mais velha,
case a mais moça também.

Fui soldado, sentei praça,
já servi numa guarita;
agora sou comandante
de toda a moça bonita.

Tomara subir ao céu,
pra ver o sol como dansa:
já que fortuna não tenho,
já que perdi a esperança.

Toda a vida ouvi dizer
que o amor matava a gente;
fui um dia experimentar,
quasi morri de repente.

Você disse que sou sua!
Si sou sua é que não sei:
o mundo dá tanta volta
que eu não sei de quem serei.

Quem quiser ser bem querido
não se mostre afeiçoado,
que um afeto conhecido
periga ser desprezado.

Meu pai pra me ver casado,
prometeu-me um tamborete;
mas depois que me casei,
"meu filho, toma porrete".

Meu amor canastra velha,
cesto, samburá sem fundo,
eu quero, porém não posso,
tapar a bôca do mundo.

Eu vou dar a despedida
como deu o quero-quero:
depois da festa acabada,
asas pra quê que eu te quero.

Eu não sou filho daquí,
sou filho de lá de fora;
ando cumprindo o meu fado,
acabando vou-me embora.

Sou valente como as armas,
sou guapo como um leão!
Índio velho sem govêrno,
minha lei é o coração.

— Não sei que versinho cante
no meio dêste salão,
para ver si assim eu tiro
êste tourito rabão.

— Êste tourito rabão
anda tratando da vida,
para ver si assim encontra
uma vaquinha saída.

Atirei um anzol n'água,
de vereda foi ao fundo;
não respeito cantador
nem que seja do outro mundo.

Tico-tico depenado
sapecado foi à Angola;
sabe mal o a-b-c,
já quer ser mestre de escola.

O vento que veiu hoje,
levou palha e deixou trigo;
eu te quero perguntar
si esta carranca é comigo.

Você me chamou de feio,
sou feio mas sou dengoso;
também o tempêro verde
no comer é saboroso.

Vancê me chamou de feio,
mas não sou como vancê:
sou feio mas tenho sorte,
vancê nem tem que comê.

Você me chamou de feio,
ainda mais, — arrenegado;
eu sou feio na verdade,
mas porém sou engraçado.

Não tenho mêdo do homem,
nem do ronco que êle tem;
o bezouro também ronca,
vai se ver não é ninguém.

Meus senhores dêm licença
pra atirar minha pedrada;
quem no mundo não arrisca,
não ganha nem perde nada.

Quem tiver o seu segrêdo,
não conte à mulher casada,
que a mulher conta ao marido,
e o marido ao camarada.

(Ah! a sabedoria popular!... Nada mais certo do que isto. Quem duvidar, que experimente).

CANTOS E DANSAS

Todas as quadras que transcrevemos, já foram cantadas pelos guascas sul-rio-grandenses, em improvisos quer, nos serões, quer nas longas carreteadas, ou nos pousos dos tropeiros, ou quando descansam, de dia, ou no pernoite, guardando a tropa.

CANTOS CAINGUAES

puestos en música por el maestro

CLEMENTE GREPPI

según datos de Juan B. Ambrosetti, en «Los indios cainguás del alto Paraná» (Misiones)

CANTO DEL CACIQUE

CANTO DE LA TORMENTA.

BAILE CAINGUÁ.

Nota: Extraído da excelente obra de Raimundo Fernández Ramos, — **APUNTES HISTÓRICOS SÔBRE MISIONES.** Madrid, 1929

A toada de seus cantos é, com muito poucas variantes, sempre a mesma, chorosa, langue, puchada. É o próprio canto indígena, um pouco alterado.

Geralmente, no final de cada quadra, são repetidos os últimos dois versos, sendo as sílabas finais uma oitava mais alto ou uma oitava mais baixo.

Sotéro Cosme, musicando uns versos crioulos de Vargas Neto, — **Cousa velha,** — reproduziu muito bem o canto comum dos gaúchos.

A diferença entre uma e outra espécie de canto é diminuta, e no geral aproveitavam todo e qualquer canto para dansar, acrescentando-lhe uma música extra, para tal fim.

O **Meu boi barroso** é, de todas as cantigas, a mais diferente e, ao que parece, não originária do Rio Grande.

O **Tatú**, a **Chimarrita**, a **Tirana**, são típicas.

Para exemplo damos a música e alguns dos versos da **Tirana**, mais adiante.

Cremos que os primitivos versos não iam muito além de meia dúzia de quadras, e os que transcrevemos são os que nos pareceram de origem. Hoje, porém, poder-se-ia reunir cêrca de 50. Conhecemos já 18 quadras sem contar as variantes.

O mesmo se poderá dizer dos versos do **Tatú** e dos da **Chimarrita.** Desta cantiga cremos que os versos primitivos não ultrapassem 6 quadras. Entretanto conhecemos cêrca de 20, todas variantes dessas seis.

Eis as quadras da **Chimarrita**:

Vou cantar à chimarrita
que hoje ainda não cantei;
Deus lhe dê as boas noites
que inda hoje não lhe dei.

Chimarrita é mulher velha
que mora no faxinal,
comendo a triste cangica,
grãos de feijão sem sal.

Chimarrita diz que tem
dois cavalos alazões:
mentira da chimarrita:
não tem onde pôr xergões.

Chimarrita do pé torto,
toda a noite me atentou,
quando foi de madrugada
foi-se embora e me deixou.

Chimarrita, chimarrita,
chimarrita, meu amor!
Por causa da chimarrita
padeço que causa dor.

Chimarrita morreu ontem,
ontem mesmo se enterrou.
Quem falar da chimarrita,
leva o fim que ela levou.

.....

A TIRANA

Eu amei uma tirana,
e ela não me quis bem (ai!)
Agora vou desprezá-la,
vou ser tirano também (ai!)

Tirana, feliz tirana,
tirana da tirania,
já não morre por amores
quem por amores morria.

Todos gostam da tirana
mas é só para dansar;
porque de uma tirania
ninguém deve de gostar.

Tirana, feliz tirana,
tirana vamos andando,
a minha licença é pouca,
o tempo vai se acabando.

Vou cantar esta tirana
para dar a despedida.
Já passa de meia noite,
fica a dansa concluida.

Quero dar a despedida,
despedida de tirana:
tirana é como amor falso,
diz que quer mas só engana.

Quero dar a despedida,
que me vou a retirar;
eu deixo os meus companheiros,
comigo levo o pesar.

.....

No canto, sempre se acrescenta, nos 2.º e 4.º versos a inteijeição — **ai!** — a que dão um som plangente, fraco e demorado.

A parte do canto, da tirana, é original. A parte da dansa, — o sapateado, — foi, a nosso ver, acrescentado mais tarde, e há nela qualquer cousa do **fandango** e das outras músicas de dansa.

(Musica Gaucha Rio Grandense)

A TYRANNA

Sapateado

A estes poderiamos juntar ainda **O Anú**, cujos versos são os seguintes:

O anú é pássaro preto,
passarinho de verão;
quando canta à meia noite,
ai que dor no coração!

E si tu, anú, soubesses
quanto custa um bem querer,
por certo não cantarias
às horas de amanhecer.

É o anú pássaro preto,
ave de bico rombudo;
foi praga que Deus deixou
todo o negro ser beiçudo.

Existem ainda outros, todos nessa mesma mistura de sentimentalismo e humorismo.

***

As dansas são várias e nenhuma, pode-se dizer, original do Rio Grande do Sul. Em todas há algo ou do português, ou do espanhol. Às vezes, também, um pouco de indianismo.

A mais popular e, talvez, a mais rio-grandense, é o **fandango.** Contudo há, nela, muita cousa de espanhol, semelhanças com o **pericón,** dansa popular uruguaia.

O **fandango** tem duas músicas, de que hoje, infelizmente, não se consegue fàcilmente uma reprodução que se aproxime do original, tão deturpada está. Uma delas correspondia à dansa pròpriamente dita, que mais não era que um sapateado. A outra para o canto, nos intervalos, canto para o qual improvisavam-se quadras, si as originais não fôssem suficientes ou não satisfizessem. A música para estes cantos deveria ser semelhante às demais músicas populares.

Pelos anos de 1839-1840, segundo Cezimbra Jaques, o

fandango constituia um divertimento das classes elevadas. Mais tarde, descendo às senzalas, e aos salões da peonada, foi desprezado por aqueles.

Ainda hoje, em muitos lugares da serra, o fandango é dansado, mas, do original, pouco ou nada lhe resta.

Outra dansa popular era a **Quero-mana,** variante do **fandango,** e, como êste, quasi totalmente desaparecido, ou melhor, confundido com êste e com a dansa do **Balaio,** introduzida no Rio Grande do Sul pelos açorianos, segundo Roque Callage.

Esta dansa era acompanhada de cantoria. Os pares, dansando, cantavam:

Mandei fazer um balaio
pra guardar meu algodão;
balaio saíu pequeno:
não quero balaio, não.

ao que a moça respondia:

Meu balaio stá bem feito,
vou guardar o meu bordado,
para quando me casar
já ter tudo preparado.

e o moço, por sua vez, cantava:

Corta, meu bem, recorta,
recorta teu bordadinho;
depois de bem recortado,
guarda no teu balainho.

E por aí a fora, repetiam-se as quadras enquanto a dansa durasse.

A **Galinha-morta** não é, pròpriamente, uma dansa, si bem a aproveitassem, também, para dansar, como o fandango.

Os seus versos, como os das demais canções e dansas, são inúmeros. Exemplifiquemos, porém.

Vou cantar a galinha morta:
por cima dêste telhado,
viva branco, viva negro,
viva tudo misturado.

Eu vi a galinha morta
agora na água fervendo...
A galinha foi pra outro,
eu fiquei chorando e vendo.

A galinha e a mulher
não se deixa passear:
a galinha o bicho come,
a mulher dá que falar...

.....

Minha galinha pintada,
pontas d'asas amarelas:
também serve de remédio
pra quem tem **dor de canelas.**

.....

Como se vê é uma cantoria alegre, cheia de bom humor. **Dor de canelas** significava mêdo e, também, ciumes, sendo ainda hoje empregada a expressão neste último sentido.

Existem, ainda, outras dansas populares, mas todas elas menos originais, ou totalmente estrangeiras, como o já citado **pericón** uruguaio.

Menção especial merece, porém, a **Polca mancada,** dansada e cantada ùnicamente nas estâncias, sendo ainda hoje popular, si bem confundida já, em grande parte com o **fandango** e as demais dansas.

Os versos da **Polca mancada,** ou simplesmente **Mancada,** são, igualmente, em grande número. Existem, porém, três quadras que são de estilo e que a tradição conservou:

A mancada está doente,
muito mal, para morrer;
não há frango nem galinha
para a mancada comer.

A dita polca mancada
tem mau modo de falar;
de dia corre com a gente,
de noite manda chamar.

A mancada está doente,
muito mal, para morrer;
na botica tem remédio
pra mancadinha beber.

São quadras alegóricas em que, figuradamente, os comparsas pedem comidas e bebidas, sem os quais o baile, a festa, ou o desmancho (vesperal, ou reunião em casa de família), perdiam a graça e, mesmo, deixavam de existir.

Hoje, afora um ou outro recanto, na serra, onde o modernismo ainda não conseguiu fixar-se, não mais se ouvem estes cantos e estas dansas. Raros são os galpões em que, ao som da gaita, acordeona ou viola, os gaúchos ainda cantam seus velhos cantos, e improvisam trovas, como outrora.

As músicas modernas, que são, apenas, imitação das dansas bárbaras dos africanos do centro, — dansas e cantos de batuques e outras semelhantes, — tudo invadiram com seu infernal barulho e mau gosto, deseducando a mocidade de nossos dias, transportando-a com seus requebros desengonçados de polichinelos a épocas remotas, àqueles tempos bárbaros do paganismo, da promiscuidade e, quiçá, da antropofagia, dos banquetes de Kali-Dourgá, a deusa indú sedenta de sangue humano, ou dos banquetes de Cronos, devorando os próprios filhos.

III

POESIA HERÓICA

O patriotismo e o amor à liberdade foi, sempre, um dos traços característicos do sul-rio-grandense.

A Pátria e a Liberdade bailam-lhe sempre na mente, quer na paz, quer na guerra, — no remanso do lar, nas lides campeiras, nas escaramuças, nos entrevêros, no mais aceso das lutas.

E como si fôsse para uma festa, pala flamulando ao vento, parte, cantando, para a guerra:

Quando a voz da Pátria chama,
devemos obedecer;
na frente cantando o hino:
— ou liberdade ou morrer!

Sou livre como a siriêma,
não arreceio tirano:
me criei nas esc'ramuças
ao sopro do minuâno.

Quem é gaúcho de lei
e bom guasca de verdade,
ama acima de tudo
o bom sol da lberdade.

Nunca, o gaúcho, se negou à luta. Ao contrário: corria a ela de semblante satisfeito, como si fôsse "correr éguada" nas coxilhas do pago.

O visconde de São Leopoldo ([28]) confirma-o nessas palavras de seus "Anais":

"A afouteza, o entusiasmo, com que os naturais desta província afrontam as fadigas ainda as mais rudes e arriscadas da campanha, conspiram para que, ao primeiro grito de guerra, bandos de paizanos corram voluntáriamente às armas, e zombem dos perigos".

Assim se criou e assim viveu, e vive, o filho do Rio Grande do Sul: sempre atento ao primeiro grito de alarma, e sempre o primeiro a correr para o campo da luta em defesa da Pátria e de seus ideais que são os ideais da terra natal.

***

Povo essencialmente guerreiro deu, apesar disso, grandes poetas, e ainda os está dando às letras pátrias.

([28]) "Anais da Província de São Pedro 1839. Veja-se, também, Nicoláu Dreys, — "Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul. — Dreys fez parte da campanha contra Artigas e parte da revolução de 1835.

Temos, entre os vivos, Zeferino Brasil, o maior. E entre os mortos, sem falar em Araujo Pôrto Alegre, sobressaem Lobo da Costa, Fontoura Xavier, Múcio Teixeira e tantos outros, além de Alcêu Wamosy que foi soldado também e morreu em conseqüência de ferimentos no campo da luta, em 1923.

"Dos dias felizes e dos dias amargos, — escreveu Roque Callage ([29]), — anos depois, veiu-lhe a lembrança. Êle, entretanto, não se contentou com a simples materialidade dos episódios, com a recordação que o tempo lhe avivava na memória; pelo contrário, procurou envolver os fatos de um halo sagrado, de um idealismo de pura beleza, glorificando-os, ou melhor diremos, perpetuando-os na expansão de seu gênio melodramático, e, dessa maneira, transmitindo-nos através de suas cantigas patrióticas, de sua poesia quasi épica, períodos vários da existência passada, todos os ciclos heróicos da plaga natalícia".

Tal, em verdade, a história da poesia do folclore patriótico-guerreiro do Rio Grande do Sul.

Todos os grandes feitos de nossa História, especialmente a militar, deu, no Rio Grande do Sul, grande número de poesias, enriquecendo grandemente o seu já rico folclore. E produziu poetas, e poetas de valor, cujo nome só não é citado em toda a parte e em todas as histórias de literatura brasileira porque suas produções não foram publicadas, algumas, e outras ficaram sepultadas nas colunas de jornais efêmeros da província, em épocas agitadas. Mas, a-pesar disso, daria para mais de um alentado volume o que ainda existe e anda por aí recolhido por diversos autores e arquivado em documentos da época.

As diversas guerras em que o Brasil tomou parte, — Artigas (1816 a 20), Montevidéu (1825 a 28), Rosas (1851 a 52), Flores (1864 a 65) e López (1865 a 70), — enriqueceram grandemente a poesia heróica e o folclore sul-rio-grandenses.

Assim, por exemplo, incorporada ao populário está uma

([29]) "No Fogão do Gaúcho".

poesia em que se descreve a memorável batalha do Passo do Rosário, travada a 20 de fevereiro de 1827. É uma crítica ferina à ação de Barbacena. O autor é desconhecido, mas provàvelmente algum soldado, ou talvez mesmo algum oficial das fôrças que tomaram parte no combate.

Agora eu vou contar
o ataque dos guerreiros,
lá no Passo do Rosário,
dia 20 de fevereiro.

Os bombeiros ([30]) confirmaram
de quatro a cinco mil homens.
Ai Jesús! Meu Deus do céu,
isso é o que nos consome!

O inimigo aproximou-se
até uma certa altura,
— onde se deu o ataque:
Campos do Boaventura.

Os **pátrias** ([31]) nos perseguiram
com guerrilhas pelos flancos;
para mais nos consumirem,
botaram fogo nos campos.

Os fogos nos começaram
na esquerda muito primeiro.
Na direita nos faltou
quem comandasse os guerreiros.

([30]) **Bombeiros,** esculca, espia, sentinela avançada. De **bombear,** espiar, cuidar, vigiar.

([31]) **Pátrias,** apelido dado aos soldados de Artigas e, mais tarde, por extensão, aos inimigos na campanha de Montevidéu. Era apelido pejorativo.

E o nosso Barbacena
depois que fez a borrada,
fez montar a gente toda
e se pôs em retirada.

Marchamos pra Cacequí,
todos pra morrer de sono;
quando foi no outro dia
tanto cavalo sem dono...

Como se vê, o julgamento é severo e a ironia bastante mordaz. Entretanto, queremos crer, o poeta foi um tanto precipitado no seu julgamento e um tanto injusto. Não nos cabe, porém, verificar aquí o sucedido.

Sôbre a poesia das guerras externas, — poesia e folclore rio-grandenses, — querendo Deus, trataremos em outro trabalho futuro, para que seja tão completo quanto possível.

Neste modesto ensaio trataremos, apenas, dos poetas e do folclore referentes à grande revolução de 1835/1845.

***

A revolução farroupilha foi, sem dúvida alguma, a de maior entusiasmo, maior projeção política e social, e a que encheu de orgulho os valentes centauros dessa épica jornada.

A opressão da Côrte e de seus representantes no govêrno da província, enchia de indignação a alma livre do gaúcho.

A revolta ia em todos os peitos. De todos os cantos do **continente** ([32]) surgiam queixas. E de quando em quando arruaças e escaramuças mostravam ao govêrno o ânimo em que estavam os naturais de se vingarem das injustiças que vinham sofrendo: deportações, prisões, e outras arbitrariedades.

A lira popular, mais tarde, recordando êsses fatos, gravou-os nessa quadra:

([32]) **Continente** — era como designavam o Rio Grande do Sul, e daí **continentistas.** A palavra Continente, designando o Rio Grande do Sul teve sua origem em Santa Catarina em cuja ilha se dizia, sempre que dela saíam — "Vamos ao continente".

As duras pedras choravam,
as árvores davam gemidos,
por verem os patriótas
da própria pátria corridos.

Os jornais da época revolucionária estão cheios de poesias celebrando episódios guerreiros, vitórias farrapas, e seus heróis.

Não só os soldados, — o povo, — mas mesmo oficiais e estadistas da República, entre um e outro combate, nas horas de lazer faziam versos e cantavam os feitos da guerra e seus fautores.

A liberdade era o seu têma predileto. Por ela se batiam. Por ela lutavam. Por ela se encarniçavam nos entrevêros. Por ela andavam, de dia e de noite, em exhaustivas marchas e contramarchas pelas coxilhas e descampados da província, cercando e tomando cidades, sempre respeitando a liberdade e propriedade alheias, a honra e os lares do adversário.

Firme, amante, independente,
é dever de um filho honrado
pela Pátria dar a vida:
é justo, é dever sagrado.

Unidos, amantes, briosos
da feliz fraternidade,
seremos republicanos,
justa lei da Liberdade ([33]).

Quem saudoso ainda suspira
pela lei do cativeiro,
vá servir ao seu senhor:
deixe de ser brasileiro.

([33]) Desta quadra existe mais a seguinte variante:

Unidos, amantes briosos
da feliz fraternidade,
também seremos na vida
amantes da liberdade.

Amarrei o sol e a lua
com a fita da Liberdade,
aquartelando as estrêlas,
só respeito a Divindade.

Nos ângulos do Continente
o pavilhão tricolor
se divisa sustentado
por liberdade e valor.

Os poetas da grande revolução faziam, também, côro com os poetas anônimos: cantavam, como êles, a Pátria, o pago, a liberdade e os heróis da jornada.

E êsses poetas-soldados, cujos nomes ficaram registados nas páginas da História, eram "tão destemidos no enristar a lança em loucas correrias pelo dorso das verdes coxilhas como em manejar aparada pena, na doçura dos seus cantos, rememorando façanhas que, vezes a fio, tanto celebraram os destemidos homens de então" ([34]).

Dentre estes destacam-se Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena, "figura quasi lendária", na frase do Dr. Eduardo Duarte (ob. cit.), Francisco Pinto da Fontoura, o popular "Chiquinho da Vovó", Antônio Paulo (Paulino) da Fontoura, Serafim Joaquim de Alencastre, José Pinheiro de Ulhôa Cintra, Antônio Vicente da Fontoura, autor de preciosíssimo "Diário" sôbre os últimos anos da revolução, Francisco de Paula do Amaral Sarmento Mena, João Machado da Silveira, e outros mais.

Para que se tenha uma idéia do que foram êsses poetas ([35]), daremos, a seguir, uma poesia, uma só, de cada um dos citados.

([34]) Dr. Eduardo Duarte, "Poetas da Grande Revolução".

([35]) Para mais pormenores sôbre todos êsses poetas, mandamos o leitor ao ótimo trabalho do Dr. Eduardo Duarte, acima citado, in R. I. H. G. do R. G. S., 1931.

Memorando a fuga de Fernandes Braga e exalçando o valor de Bento Gonçalves, escreveu Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena o seguinte soneto:

Altivos muros firmes impediam
de animoso inimigo a marcha ousada;
esta avança com a música ajustada
das trombetas, que os peitos influiam.

Eis que de susto e de pavor enfiam
os contrários, ao ver Belona irada!
Caem por terra os muros de pancada,
e aqueles que inda há pouco os guarneciam!

Não de outra sorte, ó Bento valoroso,
há pouco aconteceu nessa cidade,
mal te avistou o déspota medroso.

Dissipou-se a facção da iniquidade;
fugiu o despotismo pavoroso;
triunfou com teu braço a liberdade.

Grande admirador do general João Antônio da Silveira, Antônio Paulo da Fontoura dedicou-lhe, além de um soneto, estes versos escritos em 1841:

Quem virtuoso se mostra,
sem o vício da ambição?
— João.

Quem persegue sem descanso
o caramurú demônio?
— Antônio.

Qual é a valente espada
que brilha em nossa fileira?
— Silveira.

— Erija-se um templo agora
a essa espada primeira;
e imite, quem quer ser grande,
João Antônio da Silveira ([36]).

Francisco Pinto da Fontoura, mais conhecido por Chiquinho da Vovó, escreveu, entre muitas outras poesias, uma letra para o hino da República farrapa.

É conhecidíssima a letra do hino escrito por êste poeta e ainda hoje cantado nas escolas públicas do Estado. A-pesar disso preferimos a variante publicada pelo jornal "O Povo", de 4 de maio de 1839, sem designação de autor. A primeira letra do hino da República do Piratiní foi escrita em princípios de maio de 1838, logo após o combate do Rio Pardo (30 de abril), em que aprisionaram a banda de música imperial cujo maestro era o célebre Mendanha, uma das figuras mais populares da época. Foi seu autor Serafim Joaquim de Alencastre.

Existem, pois, três letras do hino de 35: a de Alencastre, a publicada pelo "O Povo", e a de Chiquinho da Vovó ([37]).

([36]) Desta mesma poesia existem duas variantes: uma firmada por Serafim Joaquim de Alencastre, e outra, datada de 20 de dezembro de 1842, cujo autor se assina **Um soldado republicano.** As quadras finais dessas duas variantes foram incorporadas ao populário da revolução de 35. São as seguintes, respectivamente:

Respeitado inda há de ser
pela nação brasileira,
o herói republicano
João Antônio da Silveira

***

Vencer a fôrça que oprime
toda a nação brasileira,
é o que aquí faz com glória
João Antônio da Silveira.

([37]) Em nossa 2.ª série do "Farrapos"! publicamos, em apêndice, a música e as três referidas letras do hino da República. Explicamos, também, a origem da música e porque preferimos a letra publicada pelo "O Povo", jornal oficial da República de 35.

Para uma prova do estro dêste último, damos, a seguir, as quadras do popularíssimo hino, incorporado já ao populário, e em especial a última quadra que corre mundo com diversas variantes:

Como a aurora precursora
do faról da divindade,
foi o Vinte de Setembro
precursor da Liberdade.

Entre nós reviva Atenas
para assombro dos tiranos;
sejamos gregos na glória
e na virtude romanos.

Mas não basta para ser livre,
ser forte, aguerrido e bravo;
povo que não tem virtude,
acaba por ser escravo.

E como estribilho, esta quadra altiva que bem representa a opinião de um povo conciente de seu valor:

Mostremos valor, constância
nesta ímpia e injusta guerra;
sirvam as nossas façanhas
de modêlo a toda a terra.

Francisco Pinto da Fontoura, o popular Chiquinho da Vovó, tinha fama como improvisador, e legou-nos grande número de poesias, dispersas nos periódicos da época. Regular parte do cancioneiro popular da revolução de 35 é de sua autoria, ao que parece.

José Pinheiro de Ulhôa Cintra, soldado, ministro e diplomata, foi também grande poeta e um dos homens de mais vasto saber da república piratiniense.

O soneto **A Morte de Um Bravo**, que transcrevemos, escreveu-o Ulhôa Cintra celebrando a memória do major José

Inácio Pereira, farrapo intrépido, morto heróicamente no ataque à vila de São José do Norte, em 16 de julho de 1840.

Vulcões de fogo o bronze vomitava
em terra e mar; ensanguentada a morte
alçando a dura mão no aflito Norte
cadáveres sem conta amontoava.

Herói Pereira intrépido marchava
dos seus na frente, denodado e forte,
zombando dos perigos e da sorte,
com nobre exemplo aos outros animava.

Imigas hostes abatidas vira
e, quando ia ganhar alta vitória,
ferido de uma bala arqueja e expira.

Morreu um bravo, mas ficou-lhe a glória;
saudosa a pátria por êle inda suspira.
Quanto é digna de inveja esta memória!

Antônio Vicente da Fontoura, mais tarde comendador, foi, durante a revolução, soldado e ministro, e, também, diplomata: o intérprete dos revolucionários junto ao trono quando se tratou da pacificação da província, presidida, então, pelo imortal Caxias.

Autor de um **Diário** preciosíssimo dos últimos anos da revolução, **diário** feito de cartas que quotidianamente escrevia à espôsa amada, foi também poeta. Cantou, como os outros, a glória e os feitos farroupilhas. Entretanto, para dar uma amostra de seu estro preferimos transcrever uma poesia dirigida à espôsa, e que figura no corpo da carta datada de 22 de abril de 1844.

Não nos furtamos ao prazer de transcrever, também, o trecho da carta que precede os versinhos:

> Hoje mais que nunca tenho sentido todo o poder da saudade... Em nada achava distração. Já de aborrecido, pego na pena e entro a fazer

umas letrinhas. **A saudade.** Nem consoantes eu achava, quando de improviso, me lembro que, em algum serão das noites de inverno, hei de ouvir tu cantares estas mesmas letrinhas e naquele tom com que costumavas cantar a **Veloz borboleta**; e por tal lembrança, ou porque quisesse a saudade também uma homenagem, afluiram tanto as consoantes que, sem saber como, em um instante, fiz o hino seguinte:

Aos golpes da sorte
resiste o meu peito,
e só à Saudade
se rende sujeito.

Austera Saudade,
não tens razão;
dominar queres
no meu coração.

Julgas acaso
que, por distante,
possa esquecer-me
da espôsa amante?

Austera saudade,
não tens razão;
ela está sempre
no meu coração.

Não tenho na idéia
os gestos meiguinhos,
bem retratados,
dos caros filhinhos?

Austera saudade,
não tens razão;
êles têm parte
no meu coração.

Mas ah! que delírio
tenho na mente!
Não! não me deixes,
amiga inocente!

Meiga saudade
por compaixão,
domina e impera
no meu coração!

Contigo sou forte,
redobro o vigor;
afronto o destino
e o fado traidor.

Meiga saudade,
divisa e brazão
da alma sensível,
do meu coração!

E foi o autor dêsses versinhos chorosos que, em chegando ao Rio de Janeiro, como embaixador dos farrapos no tratado de paz, fez-se respeitar pela sua audácia e coragem. Foi êle

que, depois da primeira reünião, recebido com desdem pelos ministros, negou-se a comparecer a um beija-mão, na Côrte, após o qual o Imperador iria recebê-lo em audiência especial, dizendo:

— Respeito D. Pedro como imperador, mas não beijo a mão de um menino.

E foi ainda êste mesmo Antônio Vicente da Fontoura que, após a reünião final, presentes todos os ministros, retirou-se altivamente do recinto da reünião com um tratado de paz, honroso, no bolso, recebendo as continências a que tinha direito um diplomata, um embaixador. E os áulicos da Côrte viram, nesse homem modesto e simples, a confirmação do que Caxias dizia referindo-se aos farrapos:

— Não é com a espada que se vencem tais homens.

***

Outro poeta de valor foi Francisco de Paula do Amaral Sarmento Mena, irmão de Sebastião Xavier, já citado.

Cedo, porém, levou-o a morte. Não teve tempo de mostrar todo o valor de sua espada.

Faleceu a 18 de julho de 1836, na terrível e encarniçada pugna pela reconquista de Pôrto Alegre que a contra revolução de 15, dia do combate e do ferimento do bravo Francisco de Paula, entregara aos imperiais.

Sua morte foi sentidíssima e no dia seguinte distribuíram um soneto que começa por êste quarteto:

> Tranqüilo no teu fim como Juliano
> expiraste, Amaral, mortos deixando
> vinte malvados do contrário bando,
> escravos de Feijó, cruel tirano.

Também Serafim Joaquim de Alencastre dedicou-lhe sentido soneto.

De Francisco de Paula do Amaral Sarmento Mena, bem como do paisano João Machado da Silveira, simples cidadão

da República, não transcrevemos poesias porque todas as que conhecemos são demasiado longas.

Para os que se interessarem, aconselhamos a leitura do já mencionado trabalho do Dr. Edurado Duarte sôbre os poetas da grande revolução, onde o seu ilustre autor transcreve uma **Epístola protestativa e laudatícia,** em versos, do primeiro, e, também em versos, uma **Epístola** do segundo.

***

Estes os poetas da revolução de 1835, cujos nomes foram conservados. Outros, e muitos haverá ainda que nunca, talvez, serão revelados, mas vivem na alma popular, nessas quadrinhas e xácaras da época que correm mundo incorporadas ao folclore.

Entre estes há um que se assina **Um soldado republicano,** a que já nos referimos. Há **Um curioso** que, com êsse pseudônimo (?) firma o seguinte soneto escrito por ocasião de um dos cercos à cidade de Pôrto Alegre quando em poder dos legais:

Soam da tuba os écos repetidos
nos vales do Caí, e nos outeiros;
marcham sem susto intrépidos guerreiros
a vencer ou morrer já decididos.

Não tardará, mil ais enternecidos
tragam consigo os zéfiros ligeiros...
São talvez os suspiros derradeiros
dêsses que morrem, mas sem ser vencidos.

Lá perde um pai um filho esperançoso,
aquí o irmão, além mais a consorte
a falta chora do querido espôso:

É dos combates a triste, infausta sorte:
mas só ergue um grito o peito valoroso:
oh Pátria! oh honra! oh sacrifício! oh morte!

Como êste soneto, muitas outras poesias poderiamos citar e transcrever. Os jornais da época, de ambos os partidos estão cheios de versos cujos autores não se revelaram nunca.

Obra prima, por certo, nenhum fez. Mas são, todos, apreciáveis, mormente em se tratando da época e do meio que os produziu.

Tirando Sebastião Xavier, Ulhôa Cintra e Serafim Alencastre, os outros só tinham inspiração. O resto supria o patriotismo e a intenção. E não é esta a grande arte de todos os poetas anônimos?

Com a grande revolução farrapa a lira popular, o folclore, muito lucrou. Enriqueceu-se extraordinàriamente. Com as simples quadrinhas podem ser reproduzidos muitos fatos importantes da história dêsse decênio de lutas e sacrifícios, de idealismo e patriotismo.

Todos os grandes homens foram cantados.

O herói Bento Gonçalves,
que de nada se temeu,
no dia 20 de setembro
bateu palmas e venceu.

Esta quadra é uma alusão irônica à facilidade com que foi tomada a cidade de Pôrto Alegre no dia 20 de setembro de 1835.

A confiança que lhes inspiravam os chefes, o seu valor guerreiro, mereceram dos poetas anônimos a imortalidade da trova:

Bento Gonçalves, primeiro,
general Neto, segundo;
não se lhes dá de atacar
em qualquer parte do mundo.

Bento Gonçalves da Silva
foi prêso, foi desterrado,
mas deixou o bravo Neto
pra cumprir os seus **tratado** ([38]).

Grande Neto abençoado
o teu nome é que mais brilha:
por isso tu serás sempre
o mimo dos farroupilhas.

O Neto gritou na frente,
o David na retaguarda:
esta corja de cativos ([39])
para os livres não são nada.

Valente David guerreiro ([40])
que na mão sustenta a espada,
atropela, prende e mata
a nojenta galegada ([39]).

([38]) Alusão ao combate da Ilha do Fanfa em que foi preso por Bento Manuel o chefe farrapo e seu estado maior.

([39]) Corja de cativos, galegada, camêlos, caramurús, apelidos que os farrapos deram aos imperiais. Só nos documentos oficiais farroupilhas é que falavam em fôrças do Império. Entre o povo, e nas demais ocasiões vigoravam sòmente os apelidos.

([40]) Desta quadra encontramos a seguinte pertencente a um hino patriótico escrito por Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena:

David, guerreiro valente,
si na mão sustenta a espada,
atropela, corta e mata
a nojenta galegada.

Veja-se: "Obras Completas" de Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena, coligidas, anotadas e prefaciadas de um estudo crítico, por Dante de Laytano. Edição do Centenário Farroupilha, no Rio de Janeiro, n.° 3, 1933.

Hei de mandar escrever
por montanhas e desertos
em letras de ouro êste nome:
— Antônio de Sousa Neto.

Graças imensas são dadas
a Gonçalves, Lima e Neto;
viva o coronel Crescencio
e seus camaradas libertos.

***

Um revéz sofrido pelo valente coronel Onofre Pires de Oliveira Canto, — tão inglóriamente morto em 1844, — mereceu, também, não pelo revés, mas pela causa que o motivou, a perpetuação na trova:

Onofre rendeu as armas
com dores no coração;
não foi falta de coragem:
foi falta de munição.

Os imperiais, por sua vez, vingavam-se, ironizando os republicanos.

Assim, o assassinato do general João Manuel de Lima e Silva, nascido no Rio de Janeiro e tio do grande Caxias, foi cantado pelos imperiais na quadra que a seguir transcrevemos. Note-se porém, que na quadra aludem a uma bala que lhe levou o queixo, o que não é exato. José Tieté Jardim ([41]) assim descreve o assassinato:

"João Manuel de Lima e Silva foi preso no Povo de São Luis no dia 18 de agôsto de 1837 das

([41]) Veja-se "O Povo", n.º 123, de 30 de novembro de 1839. Note-se que a nota de Tieté Jardim é uma retificação à notícia biográfica de Lima e Silva publicada no mesmo jornal "O Povo", n.º 111, de 19 de outubro de 1839. Êste número é todo êle consagrado à memória do herói assassinado.

9 para as 10 horas da manhã, na ocasião que entrava na praça, e na tarde do mesmo dia a partida que o prendeu retirando-se com êle para o Distrito de Camaquam, repassou o Piratiní no passo geral, e na distância de 10 quadras áquem do passo o assassinaram perto da estrada velha".

Como se pode ver pela quadra, os imperiais contavam o fato de outro modo.

O Lima subiu ao valo
como um grande valentão:
um tiro levou-lhe o queixo,
desmaiou, caiu no chão.

Quando Bento Manuel Ribeiro, em 1837, após ter aprisionado o brigadeiro Antero nomeado havia pouco presidente da província, passou-se novamente para as fôrças farrapas, os imperiais não o perdoaram:

Bento Gonçalves, farrapo,
Bento Manuel, caramurú:
juntaram-se os dois **bentinhos,**
fizeram da província **angú.**

O Sr. Honorio Hermeto Cavalheiro de Figueiredo, filho de Santana do Livramento, ilustre descendente de farrapos, teve a gentileza de fornecer-nos copia das seguintes quadras que sua Exma. mãe lhe ensinára:

O Rio Grande acordando
deu um grito e pôs-se em pé:
muita gente foi formando
nova bandeira da fé.

Para o sul já se enxergava
mais uma nova nação,
e um farol que alumiava
o pôrto da salvação.

O Garibaldi, passando,
dessa luz se enamorou,
sua espada foi puxando
e ao combate se atirou.

Nessas quadras, como se vê, é celebrada a entrada de José Garibaldi nas hostes farrapas.

O Sr. Honorio Hermeto Cavalheiro de Figueiredo é sobrinho-neto, por parte de mãe, do ilustre oficial farrapo Manuel Cavalheiro de Oliveira Filho.

Bento Manuel Ribeiro tentou arrastá-lo para as colunas imperiais, como se depreende de uma carta escrita em março de 1836, ao pai, farrapo também, dêsse "interessante jovem", como o chama Bento Manuel.

O velho Manuel Cavalheiro de Oliveira, era fabricante de pólvora para os rebeldes, tendo sido assassinado por ordem dos imperiais, em 1844.

Valeram-se os legais, para isso, de um escravo do velho Cavalheiro de Oliveira que, na casa, gozava de confiança. Êste episódio foi relatado pelo Sr. Honorio Hermeto a quem o contára a própria mãe, ainda meninota quando foi perpetrado o crime.

***

Os pelo sinal, Sinal da Cruz, ou **Persignação,** são um tipo de poesias que, entre o povo, si bem sua origem seja de algum letrado, a nosso ver, foi usado com irreverência em mais de uma ocasião. Do período revolucionário conhecemos três: uma legalista e duas farrapas.

Note-se, porém, que no Norte do Brasil êste gênero, oriundo de Portugal, foi muito cultivado e cantado, como na sua terra de origem, e, tanto num como noutra, ainda hoje uzam e abuzam dêsses **Sinal da Cruz.**

Das rio-grandenses, quer parecer-nos que a mais antiga é a seguinte **Persignação,** bem caramurú:

Tristes tempos mal fadados,
nunca vistas maravilhas.
distinguem-se os **farroupilhas**
Pelo sinal.

De pistóla, de punhal,
a vaga, raivosa gente,
assola o Continente
Da Santa Cruz.

Chamam-nos **caramurús,**
nos ameaçam de saque;
mas de similhante ataque
Livre-nos Deus.

As leis andam aos boléus,
o povo tremendo foge,
— **Bento Gonçalves** — é hoje
Nosso Senhor!...

Os que furtam sem pudor,
espancam os seus patrícios,
chamam-se, sem artifícios,
Dos nossos.

Os que, temendo alvoroços,
querem viver retirados,
logo são apelidados
Inimigos.

Dizem ainda tais amigos
que há de **Caldas** governar (42),
que a lei se há de ditar
Em nome do Padre.

(42) Alusão ao Padre Caldas, revolucionário da Confederação do Equador, refugiado no Uruguai, e que muito auxiliou a revolução farrapa.

No entanto anda o compadre
do compadre dividido.
Foge da espôsa o marido,
E do Filho.

Grande Deus! eu me humilho
ante vossa divindade!
Mandai-nos a claridade
Do Espírito Santo.

Enxugai o nosso pranto,
acalmai nossa discordia,
por vossa misericordia,
Amem Jesús.

Após a proclamação da República, pelo general Neto, no Seival, apareceu um **Pelo sinal,** farrapo, em o qual aludem ao fato e ao comandante imperial vencido, Silva Tavares.

Na coxilha do Seival
eu o vi muito depressa
fazer logo às avessas
Pelo sinal.

Maldito monstro infernal!
Não há quem dêle dê cabo,
só não entende o diabo
Da Santa Cruz.

Santo nome de Jesús!
Nós todos somos humanos,
de semelhantes tiranos
Livre-nos Deus.

Tanto mal queres aos teus
que o sangue desejas ver
pra depois vires a ser
Nosso Senhor.

Tendo já visto o rigor,
inimigo da nação,
que produz a boa união
Dos nossos.

Nós todos somos sócios
da ordem e patriotismo,
e somos do despotismo
Inimigos.

E tu, com os teus amigos
caramurús diabólicos,
não obram como católicos
Em nome do Padre.

Não acham lei que lhes agrade
senão com a lei dos seus.
Todos abusam de Deus
E do Filho.

Malditos! Em um tornilho
ver-se-á cada qual,
com o tormento corporal
Do Espírito Santo.

Assim queira Deus portanto
que o diabo por êsses ares
carregue o Silva Tavares
Amem Jesús.

Datado de 1837, encontramos o seguinte **Pelo Sinal,** em que se tece um hino a Bento Gonçalves e Neto, e, mais uma vez, se alude a Silva Tavares, o vencido do Seival.

O herói Bento Gonçalves
por ter de nós piedade,
quer mostrar a liberdade
Pelo sinal.

O Neto, que é seu igual,
não teme grandes perigos,
livra-nos dos inimigos
Da Santa Cruz,

Que são os caramurús;
de João da Silva Tavares
e de todos os seus sequazes,
Livre-nos Deus!

Perdoa os pecados meus,
e tem de nós piedade,
livra-nos da crueldade,
Nosso Senhor,

Dêstes que com furor
tudo levam a eito,
para tirar o direito
Dos nossos.

Sofrer eu já não posso
esta malvada gente,
porque são do Continente
Inimigos.

Olhem que grandes perigos!
estar-se criando outro Pedro!
Deus nos livre dêste enrêdo
Em nome do Padre.

Deste-nos a liberdade,
já nos livraste do pai:
vê si também nos livras
Do Filho.

E então eu me humilho
com todo o meu coração;
manda-nos a proteção
Do Espírito Santo.

E ressoará suave canto
e compassada melodia,
dizendo à Virgem Maria,
Amem Jesús.

Em 1849, dedicado aos liberais, Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena ([43]) publicou, também, uma dessas poesias a que intitulou **Sinal da Cruz:**

O partido que pretende ([44])
nossa moral corromper,
vou fazê-lo conhecer
Pelo sinal.

Da palavra liberal
tem êle tanto temor,
como o diabo tem horror
Da Santa Cruz.
Em seus escritos transluz
a indescência em grau subído.
De tão funesto partido
Livre-nos Deus.

Perseguir patrícios seus,
pra de estranhos ser bem visto,
só faz quem não crê em Cristo
Nosso Senhor.

Mas de Deus não tem temor
o partido saquarema ([45]).
Longe vá o seu sistema
Dos nossos.

([43]) **Obras completas,** cit.

([44]) Refere-se ao partido conservador, cuja imprensa era violenta no ataque aos adversários.

([45]) **Saquarema,** segundo Souza Doca — "Vocábulos Indigenas na Geografia Rio Grandense", — é corruptela de **çocó-rema** = o mau cheiro, a catinga do socós.

Era, esta palavra, um dos tantos apelidos pejorativos dos **caramurús,** ou seja: do partido conservador.

Rebater os êrros grossos
dos saquaremas devemos,
porque são, das leis que temos,
Inimigos.

Do povo fazem-se amigos
quando tem necessidade;
porém, é sua amizade
Em nome.

Lição tal o povo tome
desta gente que deseja
que o filho contrário seja
Do Pai.

Vêde qual é, reparai,
de Pernambuco hoje a sorte: (46)
chora o pai a triste morte
Do Filho.

Da desordem o caudilho
quer ver si ao mal nos conduz,
porque odeia a clara luz
Do Espírito Santo.

Mas há de ver com espanto,
que, amando o povo a verdade,
só quer paz e liberdade,
Amem.

Êste mesmo príncipe dos poetas farrapos, Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena, escreveu mais uma poesia nesse gênero, também no ano de 1849, dedicada aos liberais, aproveitando, para ela, em vez das palavras do sinal da cruz, as do Padre nosso.

---

(46) Provàvelmente alusão à **Confederação do Equador,** (revolução pernambucana de 1824) de efêmera duração.

Deixamos de transcrevê-la não só por ser muito longa, como também por não interessar ao assunto desta nossa modesta e falha contribuïção para o monumento do folclore gaúcho.

Aliás, o **Sinal da Cruz** de Sebastião Xavier, transcrevemo-lo mais a título de curiosidade, pois foi composto quatro anos após a revolução farrapa. Verdade é que toda essa poesia está eivada do espírito revolucionário, e é esta a justificativa da sua transcrição neste ensaio.

Chamamos a atenção para êsse fato, aliás muito comum até a queda da monarquia, pois o govêrno da Côrte procurou, por todos os meios fazer com que ficasse completamente esquecido o decênio farrapo, escrevendo, mesmo, ao grande Caxias, D. Pedro II uma carta em que pedia seus esforços para que não mais se falasse na revolução. Apêlo inútil. O decênio glorioso estava gravado em todos os corações, e gravado ficaria nas páginas da História para todo o sempre.

***

A causa que defendem, os farrapos a têm por justa e sagrada, e com muita razão. Orgulham-se disso, e trovam seu juramento:

Os bravos filhos de Marte
juraram pela existência
sustentar a todo o custo
da nação a independência.

Cheios, ainda, dêsse mesmo orgulho, cantam, nas redondilhas, sua profissão de fé republicana:

Si eu não sou republicano,
o Deus do céu não me escute,
a luz do dia me falte,
a terra não me sepulte.

Outro, despedindo-se de sua mãe, ao que parece caramurú ou, pelo menos, não partidária dos farrapos, diz-lhe, desabridamente:

Minha mãe, eu lhe dou parte:
não me chame de tirano;
vou seguir as minhas armas
porque sou republicano.

Como é sabido, os farrapos lutaram sempre com falta de armas e munições. Dificilmente as conseguiam e assim mesmo caríssimas, da República Oriental do Uruguai. Grande parte delas, porém, eram frutos das vitórias sôbre os legais. Há mesmo quem diga que, sempre que os farrapos de Neto precisavam de munição, procuravam encontrar-se com Silva Tavares, porque era certo que a obtinham.

Esta falta de munição era, contudo, segrêdo, e ninguém o proclamava para que os legais não o soubessem. Por isso pergunta um farrapo, cheio de indignação, nesta quadra:

Qual seria o farroupilha
de tão duro coração,
que foi dizer aos galêgos
não termos nós munição?

***

Todos os feitos maiores da revolução foram celebrados pela lira popular, não raro com ironia e bom humor ao se referirem ao adversário vencido.

Silva Tavares, um dos grandes oficiais do império no combate aos farrapos, foi várias vezes batido pelo general Neto.

O povo não esqueceu êste fato e imortalizou-o nas suas quadras.

Delas, a mais típica, é uma em resposta a seguinte, can-

tada, com música ([47]) pelos soldados legalistas de Silva Tavares:

Sinhô Neto vá s'imbora,
não se meta a capadócio;
vá cuidá dos parelheros
que fará melhor negócio.

O bom humor farrapo retrucou em seguida, aproveitando a mesma música para o canto:

Sinhô Neto não precisa
de cuidá dos parelhero:
já lá tem Silva Tavares
só lhe faltando o Medeiros.

O combate do Seival, após o qual Neto proclamou a República, foi um dos mais celebrados e decantados feitos. Inúmeras são as quadras que a êle se referem. Citamos algumas.

Já vem o Silva Tavares
com a sua fôrça armada,
perguntando pelo Neto
mais a sua farrapada.

Com fôrças três vezes mais
em campo raso alinhado
o legal Silva Tavares
foi batido e destroçado.

No dia 10 de setembro
lá nos campos do Seival,
foi derrotada a soberba
dos tais barbudos do Herval.

([47]) A música desta quadra vai reproduzida em nosso "Farrapos!" (2.ª série) Apêndice.

O dia 10 de setembro
foi um dia soberano
em que no Seival soou
o grito republicano.

Todas, como se vê, aludem claramente ao sucesso. Por elas pode-se reconstituir o combate.

Silva Tavares, soberbo, certo de vencer, procurava Neto. Aquele tinha fôrças três vezes superiores a êste. Encontraram-se nos campos do Seival, no dia 10 de setembro (1836). Silva Tavares foi derrotado e Neto proclamou a República do Piratiní.

A ironia com que tratavam os farrapos aos imperiais é digna de nota.

No dia vinte e cinco,
no passo do Inhanduí,
camêlo virou capincho, (capivara)
ninguém me contou, eu vi.

Há muito lombilho novo,
carona de couro crú,
pois já vai chegando o tempo
de ensilhar caramurú.

Tenho uns arreios velhos,
carona de couro crú,
com que pretendo ensilhar
o partido caramurú.

Tenho um cavalo baio
tosado a cogotilho,
para correr os galegos
como tropa de novilhos.

Nenhum dos adversários, porém, do partido farrapo foi mais atacado e ironizado do que Bento Manuel Ribeiro, aliás, uma das maiores espadas da época.

Êste gaúcho de Sorocaba (São Paulo), como se sabe, foi

um dos fautores da revolução de 35, tendo conspirado com Bento Gonçalves e os demais chefes.

Em dezembro de 35, porém, ao ser nomeado presidente da província um seu parente, José de Araujo Ribeiro, ilustre por vários títulos, Bento Manuel pôs-se logo de seu lado. Note-se, porém, que também Bento Gonçalves estava disposto a auxiliá-lo para que a missão de que vinha incumbido fôsse coroada de êxito. Mas uma precipitação do govêrno imperial fez desandar tudo. Bento Gonçalves, como fautor da revolução, ficou com os seus. Bento Manuel, ao contrário, sorrateiramente foi reunir fôrças para sustentar a posse de seu parente e amigo, e combater os seus amigos de ontem. Em 1837, volta novamente às fôrças farrapas. Em 1840 escreve a Bento Gonçalves dizendo que iria depor as armas porque não estava de acôrdo com certos atos da República, e que queria descansar o resto de sua vida. Mas em 1842, rompendo a promessa, manifesta-se a Caxias que o convida para dirigir uma das alas de seu exército. Bento Manuel aceita e luta contra aqueles que auxiliou a se levantarem, até o fim da revolução.

Daí o ódio mortal dos farrapos ao valente cabo de guerra.

A respeito dessa atitude de Bento Manuel, conta a história o seguinte fato:

Em 1837 quando passara novamente para as fôrças rebeldes, Bento Manuel ao atravassar uma povoação sentindo sêde chegou-se a uma casa e pediu água. Atendeu-o uma senhora que o serviu prontamente oferecendo-lhe o precioso líquido num copo em que havia pintado de um lado uma cara e do outro lado outra, dizem até que meio parecidas com o guerreiro. Bento Manuel olhou o copo meio desconfiado. Mas a senhora explicou logo:

— Beba sem receio. Guardei êste copo especialmente para V. S.

Bento Manuel enguliu a água, agradeceu e se afastou, contam que com um sorriso nos lábios.

A senhora que o atendeu era espôsa de um oficial do Império que, havia pouco, batalhara ainda sob as suas ordens.

Outro episódio que a história nos apresenta como verí-

dico e vem relatado em vários autores da época, é o da fuga de Bento Manuel, no entrechoque do passo do Canapé, a 24 de março de 1836, com uma só bota, isto é, um pé calçado e o outro descalço, por ter perdido a bota, na corrida.

Esta quadra relata o episódio:

No dia vinte e quatro,
no passo do Canapé,
Bento Manuel escapou-se
só com uma bota no pé.

Farrapa é, também, a seguinte imprecação:

Oh! do inferno instrumento,
Bento,

modêlo dos tiranos, da traição painel.
Manuel.

No inferno te aguardem qual primeiro,
Ribeiro,

com um montão de chamas e um brazeiro:
Bento Manuel Ribeiro.

De origem duvidosa, mas a nosso ver farrapa também, são os seguintes

Versos contra Bento Manuel Ribeiro

Pode um altivo humilhar-se,
pode um teimoso ceder,
pode um pobre enriquecer,
pode um pagão batizar-se,
pode um ávaro prestar-se,
um lascivo confessar-se,
pode um mouro ser cristão,
o arrependido salvar-se,
tudo pode ter perdão!
Só o Bento Manuel — NÃO.

Dentre os poetas da revolução, já citados, Sebastião Xavier do Amaral foi um de seus mais temíveis inimigos. Sua lira não o poupou, ferina, agressiva.

As armas empunhar contra o malvado
que escravisar a pátria pretendia,
desamparar a pátria noutro dia
e escravo ser dum déspota execrado;

Ter ao Sul viva guerra declarado
porque êste a liberdade pretendia;
vir ao sul defender com alegria
por ter êste a república fundado;

Ter no império o grau de brigadeiro,
ser da República um general,
voltar ao posto seu primeiro;

Ser homem sem caráter, sem moral,
eis aquí o que fez o **cangalheiro,**
de Curitiba estúpido animal ([48]).

O soneto é terrível e... um tanto injusto. Bento Manuel não foi ainda bem estudado, si bem suas defecções não sejam lá muito explicáveis. O que, porém, não se lhe pode negar é o valor guerreiro. Sempre as maiores vitórias estiveram do lado em que esteve, com raras, mas honrosas excepções.

No meio de todo êsse ardor guerreiro, de todo êsse cáus de marchas, contramarchas, cargas e entrevêros, não esqueceram os farrapos a mulher.

Também ela foi cantada numa comparação que por certo a fez sorrir envaidecida, orgulhosa:

([48]) **Cangalheiro,** apelido de Bento Manuel. O poeta diz que Bento Manuel era de Curitiba, o que é engano. Seu berço natal foi Sorocaba, em São Paulo. — Êste soneto figura nas cits. **Obras completas.**

Mais vale uma farroupilha
que tenha uma saia só,
do que duas mil camêlas
cobertas de ouro em pó.

Seu amor à liberdade pátria, isto é, ao Rio Grande republicano, era enorme. Por êle abandonaram o lar e perderam fortuna. E por êle pediam às mães que cuidassem bem dos filhinhos, porque a pátria precisava de seus braços.

Mimosas rio grandenses,
criai bem vossos filhinhos
que a Pátria muito precisa
do vigor dos seus bracinhos.

Não faltava, também, o bom humor para as conquistas amorosas:

Toda a moça que não ama
um mocinho militar,
pode viver na certeza
que no céu não há de entrar.

E depois de tudo isso lá vinha uma canção guerreira, incentivando para a luta:

Guerra, guerra! Fogo, fogo!
contra os bárbaros tiranos,
e também contra os patrícios
que não são republicanos ([49]).

Assim, rico, variado, patriótico, amoroso e irônico é todo o folclore do decênio farrapo. E assim, também, todo o folclore do Rio Grande do Sul.

Entretanto, quantos dêle tem tratado? Quantos o tem estudado?

([49]) Esta quadra vem nas "Memorie Autobiografiche" de Garibaldi, num português quasi irreconhecível.

Relativamente poucos. E dêsses poucos nenhum fez obra completa. Nenhum o estudou como merecia.

O nosso folclore... Porque não o estudamos detidamente?

"As nossas lendas e tradições, a nossa poesia popular e as nossas canções heróicas são manifestações da alma da nossa raça no tempo e no espaço, — escreveu Gustavo Barroso ([50]). — Elas representam épocas de nossa vida e faces de nossa existência. Elas são, no fundo, a voz ardente ou triste, entusiasmada ou amorosa, saudosa ou plangente, desta pátria linda e querida, cujo seio nos dá fôrças e cujo sol nos alumia".

Sim, nosso folclore é tudo isso: parte integrante de nossa formação social e política.

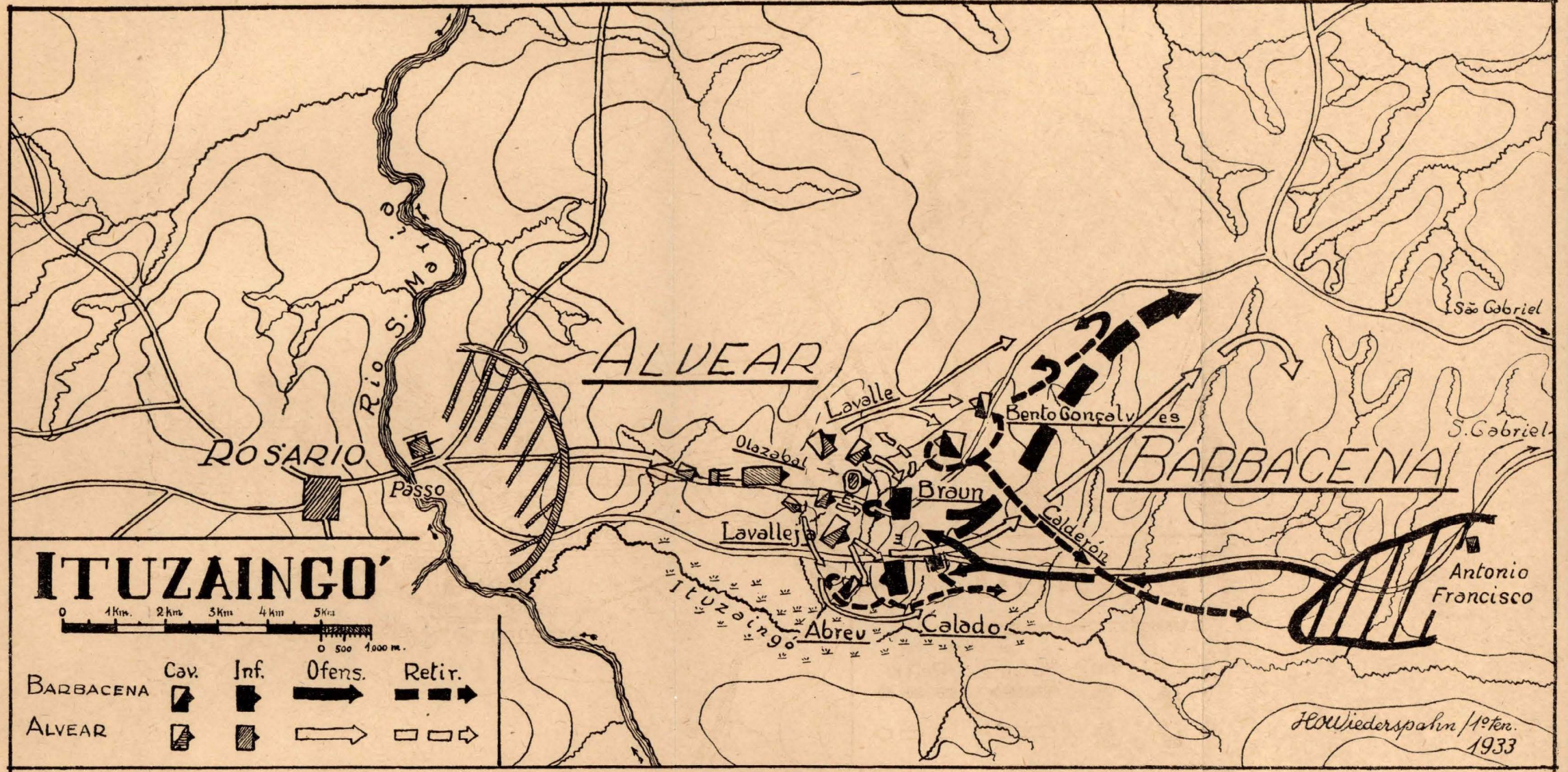
Nêle encontraremos todas as manifestações do espírito de nosso povo: suas glórias e seus martírios, suas vitórias e seus revezes, seus amores e ciúmes, seus momentos de tristeza e seus momentos de alegria, de bom humor.

Tudo.

Por isso, "amemos nosso folclore", mas amemo-lo devéras, como a um filho muito querido, digno de todo nosso carinho, de toda a nossa dedicação.

Pôrto Alegre, rua do Porvir, 445 (Glória).

([50]) "Colunas do Templo".


ITUZAINGO'
0 1Km. 2Km. 3Km. 4Km. 5Km.
0 500 1.000 m.
Cav. Inf. Ofens. Retir.
BARBACENA
ALVEAR
ROSARIO
Rio S. Martin
Passo
ALVEAR
Lavalle
Olazabal
Bento Gonçalves
Braun
Lavalleja
Calderón
BARBACENA
S. Gabriel
São Gabriel
Antonio Francisco
Ituzaingo
Abreu
Calado
H.W. Wiederspahn 1ºTen. 1933

Batalha de Ituzaingo

20 de Fevereiro de 1827

Ten. Art. Henrique Oscar Wiederspahn

A batalha de Ituzaingo, também chamada do Passo do Rosário, foi o epílogo, nas regiões platinas, das lutas entre as antigas colônias das velhas rivais ibéricas. Embora em detrimento de nossa sonhada expansão em alcançar as divisas naturais do Prata e de adquirir também um ponto estratégico, evitando a formação de uma potência ao longo de nossas fronteiras meridionais, esta campanha veiu solucionar a questão gerada em janeiro de 1680, com a fundação da Colônia do Sacramento por D. Manuel Lôbo. Mas permaneceu de pé a causa política das guerras contra Artigas, pois depois desta campanha de 1825 a 1828 irrompeu no Rio Grande do Sul a Revolução Farroupilha, acentuadamente republicana. Os fatos vieram demonstrar posteriormente, que a côrte do Rio de Janeiro era impotente ante o surto democrático provindo das antigas colônias espanholas da América.

Sarandí nos fez perder a Cisplatina. Ituzaingo, como vitória ordinária platina, não decidiu da campanha. Como triunfo tático de uma defensiva estratégica obrigada e momentânea só podia trazer a vitória, segundo Willisen, no campo de batalha sem o mínimo resultado para a campanha ou guerra. Compeliu o exhausto vencedor a abandonar o país invadido. A campanha de 1825 a 1828 passou então a ser uma verdadeira guerra de usura dentro dos escassos meios dos adversários em presença. A estratégia de esgotamento das guerrilhas quebrou a resistência dos dois beligerantes e esta pri-

meira "guerra nacional argentina" fez surgir a República Oriental do Uruguai que, embora com acentuadas tendências castelhanas, constituiu uma barreira entre Buenos Aires e o Império. Polìticamente os dois rivais sairam vencidos: nós perdemos a Banda Oriental, acelerámos a queda de D. Pedro I e aumentámos o desgôsto regional gaúcho, e a Argentina perdeu as esperanças de constituir então as Províncias Unidas do Rio da Prata.

ALVEAR ATE' A VÉSPERA DA BATALHA

A sublevação dos 33 orientais, triunfante com a vitória de Lavalleja em Sarandí, fez a opinião pública de Buenos Aires vibrar de patriótico entusiasmo contra o inimigo tradicional. O antigo sonho dos patriotas de 1816 parecia enfim prestes a se realizar!

Em vista disso, o congresso argentino foi levado a proclamar a **Banda Oriental reintegrada ao seio das Províncias Unidas do Rio da Prata, a que por direito pertenceu e deseja pertencer.** A esta provocação o Império respondeu com a declaração de guerra lacônica e enérgica de 10 de dezembro de 1825.

Sob a pressão do govêrno portenho o exército de observação do Arroio del Molina transpôs o Uruguai em princípios do ano seguinte, acampando no Salto. Contava cêrca de 2.000 homens e era comandado pelo general Martin Rodriguez. Na mesma época dispunha o Exército Libertador oriental 4.000 homens de milícias sob as ordens de Lavalleja. Pouco culto, ambicioso mas extremamente patriota, não viu êste com bons olhos a intervenção argentina. Não tinha a envergadura de Artigas e conformou-se com a situação.

A concentração dos exércitos argentino e oriental, sob a denominação de **Exército Republicano,** efetuou-se em Durazno e San José sob o comando em chefe de Rodriguez. Lavalleja e o turbulento Frutuoso Rivera começaram desde então a se insubordinar, prejudicando bastante os preparativos para a campanha. A desorganização se aproximava assim ameaçadora.

Rivera foi pouco depois obrigado a retirar para Buenos Aires, mas seu irmão Bernabé revoltou os corpos de Durazno. A rebelião se alastrou provocando a demissão voluntária do general Martin Rodriguez.

Foi nomeado para substituí-lo o ministro da guerra e marinha do govêrno Rivadavia, general Carlos Maria de Alvear. De nobre estirpe castelhana era argentino nato. Sua instrução, iniciada nos cursos primários da capital de sua pátria, foi completada na Inglaterra. Bateu-se contra os exércitos de Napoleão na península ibérica. Um dos chefes subalternos nas operações contra os espanhóis de Montevidéu, foi êle quem recebeu a capitulação daqueles em 1814.

Era inteligente e ambicioso, mas desprovido da audácia operativa que deve caracterizar todo chefe. Não era nem simpatizado, nem prestigiado por seus compatriotas: era impopular! Seu passado político, cheio de egoismo e intrigas, não permitia que de fato tivesse a fôrça moral que é a confiança que o chefe sabe impor a um exército que, como êste, iria iniciar a primeira guerra nacional contra o Império do Brasil, embora na ocasião "suas vistas se identificassem com as da Pátria".

Dispunha entretanto da mais plena liberdade de ação que lhe dava o govêrno, o que lhe poderia proporcionar maiores facilidades para se cobrir de glorias na carreira militar.

Desde que assumiu seu pôsto em 1.º de setembro conseguiu, por intermédio da junta de Montevidéu, a obediência de Lavalleja. Marchando contra Durazno, dissolveu os rebeldes riveristas.

Veiu acompanhado do general Miguel Estanislau Soler, antigo e prestigioso auxiliar de San Martin nos Andes desde o acampamento de Mendoza. Transladado o campo de concentração para Arroio Grande, foi Solér a alma da formação e do preparo do Exército Republicano. Aí se improvizaram arsenais sob a direção inteligente e experimentada do tenente-coronel Luiz Beltrán, chefe do Serviço de Intendência.

Com energia e habilidade foi refundido o exército a tal ponto que em dezembro estava pronto para iniciar, dos cam-

pos de concentração, a marcha estratégica contra os brasileiros.

Quasi um ano levaram os platinos a mobilizar seus homens. As leis que organizaram, a bem da Defesa Nacional, o exército argentino haviam sido decretadas apenas em 1825 e 1826. O executivo não dispunha ainda de fôrça bastante, uma vez que de fato não existia ainda a confederação. As províncias relutavam em remeter recursos de homens e dinheiro. A política e a caudilhagem provocavam dissenções locais por toda parte e assim foram desviados fortes contingentes dos campos da Cisplatina. Sòmente cêrca de 11.000 homens conseguiu Alvear movimentar contra nossas fronteiras, ao alvorecer o ano de 1827, assim distribuidos:

Quartel General e serviços.....	100	
Infantaria	1.600	
Cavalaria de linha.....	5.000	
Artilharia de campanha.....	600	homens e 24 peças
Argentinos	7.300	homens e 24 peças
Milícias orientais	3.700	
Exército Republicano	11.000	homens e 24 peças.

Estes homens estavam organizados em 3 corpos, sendo 2 de cavalaria e 1 com elementos das três armas, mas com predomínio de infantaria. O 1.º C. estava sob o comando do General Lavalleja e compreendia quasi todas as milícias orientais mais 1 R. C. argentino. Constituia a vanguarda. O 2.º C. estava sob as ordens diretas de Alvear com a gema da cavalaira platina. O 3.º C. sob Soler dispunha de toda infantaria ou 4 B. C., 1 R. A. de campanha e uma D. C.

Entre seus oficiais contava o general em chefe de brilhantes figuras dos exércitos dos Andes e do Perú, como o coronel José Olavarria que se criou nas lutas da independência contra os espanhóis, coronel Feliz Olazábal, herói de Pichincha, e Brandzen, veterano das guerras de Napoleão e por que fôra condecorado em Bautzen, que não titubeara em servir no Exér-

cito Republicano rebaixado no pôsto de coronel, uma vez que já era general do Exército do Perú. Ao par dêstes homens surgiam os caudilhos orientais e platinos da escola de Artigas e Gúemez galardoados em coronéis e mesmo em generais, e que tantas atribulações iriam preparar à Confederação Argentina.

Alvear dispunha de um Estado Maior regular, cuja chefia foi atribuída, a partir do dia 5 de janeiro, ao general Lucio Mansilla.

A cavalhada era medíocre e bastante numerosa. Permitia algumas vezes o montar dos infantes durante parte das marchas. Os animais de tração bons e fortes. Sua impedimenta montava em mais de 120 veículos.

Neste exército havia representantes de todas as antigas províncias platinas. A par dos infantes, quasi todos negros veteranos, havia "voluntários" arrebanhados à fôrça. Estes homens, òtimamente enquadrados pelos antigos combatentes dos exércitos dos Andes que regressavam do Perú, foram em breve transformados em praças veteranas. Mas sôbre o exército pairavam as azas negras da impopularidade de Alvear, dos ressentimentos de Lavalleja e de seus ambiciosos partidários.

A cavalaria formava o núcleo mais forte do exército. Dispunha de lança, sabre e clavina e algumas unidades também de couraças. Quanto às milícias orientais, seu armamento era sofrível. Os fuzis de pederneira da infantaria eram de modêlo variado e sua munição pouco abundante.

Os equipamentos e calçados eram precários e de péssima qualidade. Em pouco tempo os infantes marchavam descalços. O estado dos uniformes também não era dos melhores.

Enquanto isto, as operações militares se restringiam a pequenas incursões orientais de resultados variáveis ao longo das fronteiras do Rio Grande do Sul, o que exasperava a população pastoril com estas provações que sofria desde as lutas de Artigas. Assim fortificavam-se os motivos que levaram a província ao movimento de 1835!

Em vista das informações colhidas em Arroio Grande por Alvear, êste traçou seu plano de campanha. Sabia que em Santana e Rio Grande estava o exército brasileiro acampado

em dois núcleos que reunídos deveriam perfazer um total de 10.000 homens. Sabia mais, que naquela localidade o comando em chefe do exército do Império, general Barbacena, contava com 7 batalhões de infantaria e alguma tropa de cavalaria de São Paulo e Rio Grande do Sul em plena fase de reorganização. O outro núcleo, às ordens do marechal alemão contratado Braun ou Brown deveria marchar de Rio Grande para se reünir ao grosso em Santana. Constava de ótimos batalhões de infantaria, desembarcadas do Norte, e não deveriam ultrapassar o número de 2.000 homens.

Cobrindo esta concentração, as Brigadas, ligeiras de cavalaria de Bento Manuel, no Quaraí, e a de Bento Gonçalves, no Jaguarão, pelo seu efetivo pouca preocupação pareciam apresentar.

Estas informações e a linha do vale do Rio Negro traçaram lògicamente o plano estratégico de Alvear:

Manobrando em ambas as margens dêsse rio, que corta a Banda Oriental de S.O. a N.E., cobrindo-se com um C. C., o de Lavalleja, contra o núcleo de Santana, marchar sôbre o de Braun, atacá-lo e perseguí-lo, se necessário fôsse, até Rio Grande. Separaria assim os dois exércitos inimigos por meio de uma manobra em linhas interiores, a partir de Bagé, seu primeiro objetivo geográfico. Senhor do único pôrto da província e assegurada sua superioridade numérica sôbre o grosso brasileiro, a glória militar de general em chefe sorriria desde então ao general Alvear.

Informado do movimento que ameaçava cortá-lo de Braun e romper sua linha de operações, Barbacena retira de Santana e ruma a São Gabriel, ordenando ao seu chefe de estado maior Braun a acelerar a marcha ao seu encontro.

Assim a surpresa estratégica de Alvear fracassou e a missão de Lavalleja caiu no vazio. De Bagé ainda poderia o comando platino remediar seu fracasso mas ficou inativo alguns preciosos dias devido ao mau tempo e outras causas. Esta inação permitiu a reünião dos brasileiros no Camaquam, o que se verificou dias depois. Para Barbacena e Braun não constituíram impecilhos nem a chuva, nem os temporais!

Com os flancos contìnuamente inquietados pelas Bdas.

ligeiras de Barreto e Bento Gonçalves, Alvear procura o inimigo para lhe dar batalha. Êste recuando, vai impondo ao invasor a sua vontade até esperá-lo em Palmas, numa região em que a superioridade de cavalaria dos platinos de nada poderia servir.

Passa então Alvear à defensiva estratégica retirando para Rosário. Vai se apoiar no Rio Santa Maria para garantir sua linha de operações e obrigar o inimigo a marchar para o pampa.

Mas o movimento iniciado por Barbacena tornava-se uma ameaça à retaguarda do Exército Republicano e Alvear, cedendo aos que o cercam, continua a retirada para Cacequí, para preceder aquele e chegar ao Passo do Rosário em tempo de transpô-lo e depois oferecer-lhe uma batalha defensiva.

Desde Bagé que a discórdia recomeçara a lavrar entre os chefes do exército invasor. Mas "dentro de oito a dez dias, a província do Rio Grande do Sul será livre ou subjugada, a Banda Oriental salva ou perdida, e a República constituida ou desmantelada, e reduzida a humilhar o seu orgulho e sua existência à lei do vencedor. ...E' preciso vencer ou morrer", escreve tão acertadamente o coronel Brandzen a 4 do mesmo mês de fevereiro. Diante disso os chefes de maior valor apoiam decididamente a autoridade de Alvear, tão antipatizada entre todos os componentes do Exército Republicano.

A cavalaria de Bento Manuel, que operava sôbre o flanco direito platino, molestava-o contìnuamente. A D. C. Lavalle rechaçou-o em Vacacaí a 13 e mais tarde o C. C. Mansilla com 1.190 cavalarianos de escol repeliu-o de vez em Umbú no dia 15. Livre da ação daquela Bda. ligeira, Alvear continuou sua marcha e às 11 horas do dia 19 acampava à margem do rio Santa Maria, no Passo do Rosário.

Ante a impossibilidade de transpor o rio, que estava a nado, com toda a tropa e o parque, numa posição crítica e perigosa com o inimigo próximo, o general em chefe resolve fazer frente ao exército do Império na manhã do dia seguinte.

Reune seus generais e coronéis e declara numa linguagem "decidida porém áspera" que vai contramarchar, na noite do mesmo dia, sôbre o inimigo. Suas ordens foram seve-

ríssimas e só as firmadas pelo punho do general em chefe deveriam ser tomadas em conta e cumpridas. Procurava assim conservar toda unidade de comando e sua autoridade em face das dissenções havidas ùltimamente.

A menos de 20 Km. do inimigo, houve entretanto uma conspiração de Lavalleja que fracassou graças aos patrióticos conselhos de Manuel Oribe, coronel do R. C. argentino do 1.º C. que, como cabeça de ponte, fazia a retroguarda do exército ocupando as cochilhas que ficavam a leste do passo.

Em conseqüência da decisão de Alvear, foi organizado um destacamento sob as ordens do coronel Olazábal com seu 5.º B. C. e uma Bda. de artilharia sob Chilavert para ocupar as alturas que deveriam constituir a linha de resistência do exército. Deveria Olazábal resistir aí no seu pôsto avançado até a morte. Recebia uma missão de sacrifício pela segurança de seus comandados e compatriotas.

Antes de anoitecer, o destacamento já se tinha organizado na cochilha que constituia a posição ordenada. Aí dominava toda a baixada defronte e as saídas das elevações fronteiras.

Pouco depois o exército iniciou seu movimento para os lugares em que deveria bivacar. O carroçame ficou na costa do Santa Maria. À noite, o 1.º C. Lavalleja, que tiroteava com as avançadas inimigas, retrocedeu e acampou junto ao grosso.

BARBACENA ATE' O MESMO DIA

Após os desastres de Rincón e Sarandí, nossos soldados foram obrigados a recuar as fronteiras ante uma nova Pátria que se formava e que pouco depois caía nos braços de Buenos Aires. O comandante das armas no Rio Grande do Sul, marechal Abreu, depois Barão de Serro Largo, foi em conseqüência demitido. Mesmo fim teve o general Lecór do cargo de capitão geral da Província Cisplatina.

O novo governador das armas da província gaúcha foi o brigadeiro Francisco de Paula Massena Rosado, cujas fraquezas ocasionaram mais a dissolução que a mobilização de nosso exército, então diminuto. A má localização de seu campo de

concentração em lugar impróprio, numa árida cochilha perto de Santana, poderia nos ser bastante fatal. Entretanto, recolheu o censurável cordão que Abreu havia adotado para guarnecer as fronteiras. Cobriu a concentração com duas Bdas. ligeiras em Quaraí e Jaguarão, respectivamente sob Bento Manuel e Bento Gonçalves.

O responsável principal pela desorganização de nossos batalhões foi de fato o general Gordilho, presidente da província, que esqueceu todo e qualquer sentimento de patriotismo e se deixou levar pelos baixos instintos de uma desavença de caráter político. Impedia ou retardava sistemàticamente a remessa de material e fardamento para Santana. Ao mesmo tempo semeava o descrédito em tôrno de seu inimigo político.

Na côrte, a reação de D. Pedro I contra a constituinte liberal e o sangue dos mártires pernambucanos que verteu, tornaram esta campanha impopular e de maneira alguma nacional. E a província ameaçada continuava vítima dos saques e incursões dos caudilhos orientais para descrédito da autoridade do govêrno central, o que vinha desde então preparando o espírito rebelde dos heroismos de 1835 para que não se transformasse o "Rio Grande numa estalagem do Império!", como declarou Bento Gonçalves no manifesto de 1838.

Incrível, mas triste verdade; só depois de encerrado o legislativo é que se poude tratar de repelir a afronta e o esbulho planejado e executado por Buenos Aires com a anexação da Banda Oriental. Tanto no Norte como em Minas Gerais, foram freqüentes as cenas de recrutamento "voluntário" forçado para a defesa dos direitos da Pátria e responder à luva que o inimigo secular nos havia lançado. Então nosso exército permanente não alcançava 9.000 homens!

Em novembro do mesmo ano, o imperador fez uma viagem ao Rio Grande do Sul afim de dar maior impulso à reorganização do exército que deveria reconquistar a Banda Oriental. Mas regressou inesperadamente à Côrte ante os primeiros sintomas de sua queda, que já se esboçava.

No mês anterior tinha sido nomeado o substituto do brigadeiro Rosado, o qual continuava no acampamento de Santana em meio de seus soldados apaisanados.

O general Felisberto Caldeira Brant Pontes, Visconde de Barbacena, foi o novo general em chefe do exército do Império em operações no Sul. Era um cidadão conspícuo, inteligente, culto, de fino trato e servidor leal do país. Brasileiro nato, formou-se em Portugal na Escola de Marinha tendo passado para o exército no pôsto de major de Estado Maior. Combateu na Angola e no pôsto imediato veiu depois à Baía comandar um regimento. Teve papel simpático e altamente patriótico nos acontecimentos daquela província em 1821. Foi deputado à constituinte e era senador por Alagoas quando foi nomeado para suas novas funções no Exército do Sul. Como os demais chefes e caudilhos nossos, nunca tinha comandado grandes massas e estava fadado a falhar muitas vezes. Não era o homem para a ocasião.

Embarcou logo para a fronteira sem ter esquecido de expor ao imperador sua firme vontade de levar a ofensiva ao território inimigo. Mas muito mal informado se encontrava o novo general em chefe quanto ao efetivo e valor real dos homens que ia comandar!

No dia 1.º de janeiro de 1827 assumia Barbacena o comando e via pessoalmente a desorganização que Rosado havia permitido. Pouco depois tratava de abandonar o acampamento impróprio. Dia 13 rumava, em meio de grande entusiasmo, para Bagé. A ação dos dois Oribe, nas cabeceiras do Rio Negro e seus afluentes superiores, chamou sua atenção para a probabilidade do plano do inimigo. Isto significava séria ameaça, pois poderia cortá-lo dos reforços que o marechal Braun havia trazido para a província e que deveriam se encontrar na cidade de Rio Grande.

O marechal Henrique Braun, veterano das lutas contra os franceses na península ibérica, havia sido contratado pelo govêrno imperial e nomeado chefe do Estado Maior do Exército do Sul. Era de nacionalidade alemã, mas servira no exército britânico. Comandava na ocasião um refôrço provindo do Norte e que havia desembarcado em Rio Grande. Deveria imediatamente fazer junção ao exército principal de Barbacena para coroar a concentração.

Com estes poucos dias já pairava uma animação benéfica

e disciplinadora por sob os 1.500 infantes das 2 D. I., as quais deveriam ser acrescidas de 2 Bdas. ligeiras do coronel Bento Manuel Ribeiro, com 1.500 homens, e do coronel Bento Gonçalves da Silva, com 800. Além disso esperava-se contar com cêrca de 2.000 paisanos armados que o general Abreu havia prometido e que iria constituir a vanguarda do exército.

Compreendeu logo Barbacena que não lhe era possível pensar em ofensiva com os 4.400 homens que dispunha, uma vez que não tinha seu exército reunído. Teve que abandonar a ofensiva idealizada para realizar uma estratégia defensiva com o fim primeiro de reünir seu exército.

Cobriu o flanco direito, em sua marcha para Bagé, com a 1.ª Bda. ligeira reforçada para 1.700 homens, sob o comando do general Barreto. Bento Manuel desde o meio dia de 14 estava reünido ao grosso e na mesma noite Barreto iniciou seu movimento de cobertura.

Ante a falta absoluta de informações sôbre a marcha da ofensiva inimiga, era premente a aceleração da marcha para que Braun e Bento Gonçalves alcançassem Barbacena com a máxima brevidade. Para tal foram expedidas ordens urgentíssimas.

De posse das primeiras informações sôbre Alvear, foi atribuida à Barreto e Bento Gonçalves a missão de reconhecimento sôbre os flancos esquerdo e direito do inimigo, cuja marcha sôbre Bagé estava agora mais que evidente, bem assim como o esbôço do plano argentino. Nas mãos destas duas Bdas. ligeiras estava o sucesso da reünião estratégica de Barbacena. Souberam cumprir com garlhardia a missão que lhes havia sido atribuida.

Barbacena escrevia então:

"Enquanto eu não tiver fôrça igual à sua, ou não cometer o inimigo algum grande êrro estratégico, permanecerei em pura defensiva, atraindo-o quanto puder para o interior, porque nesta direção eu ficarei cada dia mais forte em gente, cavalos e munição, e êle mais fraco em todos estes elementos".

Recuando diante de Alvear as fôrças brasileiras rumaram sôbre D. Pedrito. Devido às chuvas a passagem do Camaquam-Chico foi bem penosa. Bento Gonçalves reteve judiciosamente o inimigo combatendo em retirada, no que foi auxiliado por Barreto.

Assim cabe ao glorioso Bento Gonçalves com sua cavalaria gaúcha parte saliente no fracasso do plano estratégico de Alvear e na salvação do nosso Exército do Sul!

Passando por São Gabriel chegou o grosso à margem direita do arroio das Palmas onde acampou. O inimigo era então observado por Bento Manuel. No dia 4 de fevereiro êste acampamento era mudado para posição melhor, no arroio Lexiguana, meia légua do anterior.

No dia seguinte Barbacena festejava sua primeira vitória estratégica: a chegada de Braun com seus 1.600 homens. O Exército do Sul estava reünido!

Na posição forte de Palmas a superioridade dos 7.000 homens de Barbacena com maior e melhor infantaria que Alvear, era evidente. O terreno não se prestava às ações de cavalaria, o que constituia o maior efetivo platino. A região aí era de serra alta e bem pedregosa.

Alvear foi então obrigado a iniciar a retirada para o Rio Santa Maria passando por São Gabriel. A necessidade de melhores pastagens obrigava os exércitos a procurar o pampa.

Confiante em que a resolução inimiga fôsse conseqüência de desânimo e derrota moral, Barbacena declarou que iria "em seu encalce até o Uruguai, e a derrota de uma tropa desmoralizada será completa". Mas ainda desta vez perdeu 4 dias preciosíssimos em Palmas, esquecendo que embora se possa recuperar o terreno perdido, nunca será possível conseguí-lo quanto ao tempo.

Bento Manuel e Bento Gonçalves foram destacados afim de colher informações sôbre a direção da retirada inimiga. Dias depois foi reforçado pelo general Abreu com mais de 500 cavaleiros armados que foram constituir a vanguarda, em substituição da 1.ª Bda. ligeira.

Só às 5 da tarde de 17 que Barbacena recebeu de Bento Manuel uma informação de grande valor:

Alvear retirava pelo passo de São Simão afim de transpor o rio Santa Maria.

Cedendo ao clamor geral da província invadida e à vontade de seus homens, concedeu Barbacena iniciar imediatamente a ofensiva sôbre o Passo do Rosário. Sem abandonar a morosidade característica dos generais de então, começou a avançar deixando em São Gabriel doentes, bagagens e munições.

Com esta ofensiva estratégica, o general em chefe brasileiro ia por fim levar o problema principal ao ápice: bater o exército de Alvear! Transposto o Santa Maria, atacaria de flanco o inimigo "em franca retirada".

A constante defensiva tinha irritado o povo, saqueado pelo invasor, contra as manobras de Barbacena. Além do mais a animosidade contra os componentes das outras províncias reinava em toda parte. Barbacena era mineiro. Só a ofensiva mudou o estado de cousas. Levantou de uma maneira surpreendente o moral da tropa, ainda mais com a proclamação lançada em São Gabriel. O entusiasmo era então indescritível.

Nosso exército estava organizado em 2 D. I. sob Barreto e Calado, o Corpo de Voluntários do general Abreu, 2.ª Bda. ligeira de cavalaria sob Bento Gonçalves e 12 peças de artilharia sob Madeira, o qual contava o tenente Mallet como um de seus subalternos.

Dispunha pois Barbacena de:

Estado Maior e escolta	70	
Infantaria	2.600	
Cavalaria	4.000	
Artilharia	420	homens e 12 peças
Total	7.090	homens e 12 peças
1.ª Bda. ligeira	1.100	
Corpo do general Abreu	560	
Exército do Sul	8.750	homens e 12 peças

O general em chefe era secundado pelo marechal Braun,

seu chefe de Estado Maior e por uma pleiade de oficiais distintos e enérgicos que enquadravam as unidades de linha de infantaria. Esta estava òtimamente instruida e disciplinada e provinha das províncias do Norte e Centro. Seu armamento consistia em boas espingardas de pederneira, modêlo 1822.

A cavalaria compunha-se em sua maioria de milícias de instrução medíocre e chefes valentes mas com poucas qualidades de comando fora das pequenas escaramuças da arma. Dispunha de clavina e pistolas de pederneiras superiores às dos platinos.

A cavalhada estava nas mesmas condições da do invasor e sua impedimenta também não lhe era inferior.

Os 1.100 homens de Bento Manuel, como já vimos, rechassados por Mansilla não cooperaram na ação que breve se desenvolveria nas cochilhas do rincão formado pelo Cacequí e Santa Maria.

Marchando a 17 com uma presteza que nos surpreende, já a 19, ao meio-dia acampava na estância de Manuel Pereira, hoje de propriedade de um tal Ferreira, a menos de 20 Km. do inimigo, com quem Abreu tiroteou ao anoitecer.

Nesse mesmo dia Barbacena reüniu seus generais e comandantes de Bda. e, conselho de guerra, recurso dos chefes pouco capazes e tão repreensível por quebrar a fôrça moral do chefe. Barbacena não os reüniu para pô-los a par de seus planos e sim para ouvir suas opiniões. E a opinião geral era de descrença para com o visconde, tanto na Província como no seio de seus soldados!

Todos concordaram em acometer "o inimigo em qualquer lugar e disposição em que fôsse encontrado", tal era a necessidade premente de uma batalha. Não acharam justificável o motivo apresentado da fadiga da cavalhada. A adversa não se achava então em idênticas condições?... E a ausência de Bento Manuel? O terreno próprio à infantaria deveria compensar a ausência daquele. Não lhe foi dado ordem para se reünir ao exército, como Napoleão em Marengo, onde ordenou a Dessai retornar para junto da "Grande Armée" em perigo e já batida! E uma vitória surgiu dos escombros da derrota.

Bem disse von Moltke que não se poderá precindir de elementos, julgando-se já bastante forte para dar batalha.

Uma decisão rápida era necessária, e mais uma vez Barbacena perdia um tempo preciosíssimo ante esta verdadeira batalha de reencontro: atacaria só no dia seguinte. Nosso general em chefe não queria vencer!

Nossa vanguarda manteve contacto com o inimigo, com quem tiroteou até a noite. Recolheu-se então e informou que Alvear parecia aceitar a batalha.

O CAMPO DE BATALHA

A posição escolhida por Alvear para travar a batalha tinha sido trilhado na madrugada anterior pelo Exército Republicano em retirada sôbre o Passo do Rosário. O terreno é formado por linhas de cochilhas que se sucedem entre o rio Santa Maria e o arroio Ituzaingo ou Imbaé.

E' Alcides Cruz quem nos oferece a mais feliz descrição do campo de batalha:

"No interior dêste vasto triângulo curvilíneo, ladeado pelos rios Santa Maria e Cacequí, tendo por base o Ituzaingo e o Inhatium, o terreno deixa de ser plano logo que se afasta das comvizinhanças de quaisquer dessas águas, sejam correntes, sejam palustres. Até uns três quilômetros da passagem do Santa Maria, defronte da vila do Rosário, se desdobra uma vastíssima planície transformada durante as invernias prolongadas em impérvio terreno encharcado, embora aparentemente a superfície pareça entapizada de verdejante relvedo; mas, quando de estio um sol intenso, sem a peia de arvoredos adoçar-lhe o fulgor flamante, ressecando a terra êrma, deixa a vivo uma infinidade de pequenas proeminências de terra as quais também tornam penosamente transitáveis as sendas por esta charnéca. Vencida aquela distância, começam a altear as primeiras cochilhas em extensas lombadas paralelas ao Santa Maria; depois elas vão dobrando para Leste, cada vez mais elevadas, sucessivamente, e formando novas cochilhas com canhadas ou vales entre umas e outras, cortadas de córregos,

as mais das vezes totalmente exhaustos de linfa, quando a estiagem se faz sentir com o costumado rigor. Para o Sul estas colinas têm um fim: acabam no banhado do Ituzaingo, por onde passa a estrada que vai ao passo, volteando e entrando pela várzea ou vale do Rosário. Para o Norte elas se levantam e baixam alternadamente".

A cêrca de 8 Km. do Passo do Rosário, após duas sangas maiores, alcança-se uma terceira cochilha denominada do Olho D'água em cuja canhada se encontra a célebre sanga mencionada nas partes e narrativas da batalha: é a sanga do Barro Negro.

Diante desta cochilha há outra paralela e de altura quasi igual. Ambas estão separadas por uma larga canhada onde, em 1827, por ocasião da refrega, "o terreno se achava cortado nos lugares mais baixos em diferentes partes, porém sempre na direção do comprimento do vale". Estas cortaduras, "feitas pelo tempo e pelas águas e que se chamam sangas, não se ligavam umas às outras, nem tinham o aspecto de um longo vale, como errôneamente já foi esboçado, nem tão pouco servia como divisão dos dois exércitos, como também houve quem o escrevesse." Esta sanga, que existia em alguns lugares funda e larga, não impedia a livre manobra da cavalaria e infantaria. Mais ao Norte, na canhada, havia um capão num pequeno banhado, sêco na ocasião.

Em 20 de fevereiro de 1827 naquela região caracterìsticamente arenosa, a sanga estava sêca e levemente assinalado o seu curso até desaguar no Ituzaingo.

Atualmente uma cruz assinala o ponto onde estão sepultados o general Abreu e seus companheiros, no declive meridional da cochilha além da sanga, na linha de alturas ocupada pelo nosso exército.

As alturas anteriores ao vale marcam a posição do exército platino na cochilha do Olho D'água que vem desprender do Norte uma grande garupa na direção Sul e outras menores para Leste.

O destacamento Olazábal, como já mencionamos, foi ocupar uma garupa de elevação média, donde dominava a baixada, logo acima da estrada que de São Gabriel trilha verticalmente

as cristas e vai dar no Passo do Rosário. Ao Sul, próximo do Ituzaingo, outra estrada, chamada Estrada Velha, percorre a várzea até a embocadura da canhada do Barro Negro.

OS EXÉRCITOS EM PRESENÇA

Ao romper a madrugada do dia 20 de fevereiro, o Exército Republicano pôs-se em movimento para ocupar os lugares que o dispositivo de Alvear determinara. Houve relativa desordem nesta ocasião, pois os Corpos não tinham bivacado nos lugares certos, talvez devido à escuridão da noite.

Era a seguinte a ordem de batalha do invasor:

Comandante em chefe

General Carlos Maria de Alvear.

Chefe do Estado Maior

General Lucio Mansilla.
Estado Maior e escolta..... 20

1.º Corpo — Vanguarda

General Juan Antônio Lavalleja..... 3.850
1.ª D.C. Laguna 1.800
Milícias de Maldonado — Cel. Leonardo Oliveira.
Milícias de Paisandú — Cmt. Melilla.
Outras Milícias.
2.ª D.C. Manuel Oribe..... 960
Regimento de Cavalaria n.º 9—Cel. Manuel Oribe.
Milícias orientais.
3.ª D.C. Ignacio Oribe 1.090
R.C. Dragones libertadores — Cel. Servando Gomez 600
Milícias guerrilheiras e vaqueanos..... 490

2.º Corpo

General Carlos Maria de Alvear..... 3.399
4.ª D.C. Brandzen 900
R.C. 1.º — Cel. Frederico Brandzen 460
R.C. 2.º — Cel. Anjel Pacheco 440
5.ª D.C. Lavalle 1.009
R.C. 4.º — Cel. Juan Gallo Lavalle..... 509
Colorados de las Conchas — Cel. José Vilela.... 500
6.ª D.C. Zufriatégui 1.490
R.C. 8.º — Cel. Juan Zufriatégui..... 520
R.C. 16.º — Cel. José de Olavárria..... 475
Coraceros — Cel. Anacleto Medina..... 495

3.º Corpo

General Miguel Estanislao Soler..... 3.374
7.ª D.C. Paz 796
R.C. 2.º — Cel. José Maria Paz..... 444
Milícias de Mercedes — Ten. Cel. Adrian Medina. 352
D.I. Olazábal 1.578
1.º B.C. — Cel. Manuel Corrêa (400).
2.º B.C. — Cel. Ventura Alegre (470).
3.º B.C. — Cel. Eugenio Garzón (300).
5.º B.C. — Ten. Cel. Antonio Dias (408).
Artilharia — Iriarte 600
R.A. leve — Cel. Tomás Iriarte.
22 canhões e 2 obuzes.
Serviço — Beltrán..... 350 aproximadamente.
Parque e mestrança — Ten. Cel. Luiz Beltrán.
Esquadrão escolta de Milícias de Mercedes (50 homens).

Dispunha pois Alvear de cêrca de 10.623 homens. Dêstes, deixou os órgãos dos serviços com o esquadrão que os protegia perto do Passo do Rosário e ia enfrentar Barbacena com os restantes 10.200 homens.

As avançadas de Lavalleja, na madrugada dêste dia, estabelecendo o contacto com o inimigo que marchava pela Es-

trada Velha, em direção ao passo, traçaram a idéia de manobra de Alvear. Iria ferir aí uma batalha defensiva para a posse da cabeça de ponte do Rosário.

Lavalleja, à direita, e o destacamento avançado de Olazábal defenderiam a linha de resistência escolhida na cochilha do Olho D'água, enquanto o resto do exército se desdobraria para o Norte afim de atacar o flanco direito brasileiro e envolvê-lo pelo mesmo lado.

Tencionava levar a efeito a ação principal com o seu 2.º C., o qual ocuparia o segundo escalão do dispositivo. A artilharia em massa deveria apoiar o ataque do centro e esquerda logo que o 3.º C. Soler alcançasse a linha de batalha.

Para isso dispôs:

Na DIREITA — o 1.º C. Lavalleja sôbre a garupa Sul, como flanco-guarda, ligeiramente para a retaguarda.

No CENTRO — o destacamento Olazábal, com missão de resistir a todo custo.

Na ESQUERDA — a artilharia e os B.C. de Soler que se encontravam em marcha.

Como RESERVA — o 2.º C. Alvear com as D.C. Brandzen e Zufriatégui e mais a D.C. Paz de Soler, no Centro, ligeiramente para a esquerda em segundo escalão. A D.C. Lavalle recebeu como missão observar a região Norte da posição e estava posteriormente destinada a envolver o exército de Barbacena.

Todo êste dispositivo é bastante mais razoável que o do nosso general em chefe. Alvear teve previsão do ponto onde se deveria ferir a decisão: o centro. Aí dispõe sua reserva composta de sua melhor cavalaria. Entretanto parece desprezar a infantaria, pois vai livrar uma batalha ao gôsto de Lavalleja e dos gaúchos platinos. Vai livrar uma batalha de cavalaria onde brilhará a infantaria brasileira cheia de brio, disciplina e coesão.

***

Entretanto Barbacena estava convencido de que iria surpreender o Exército Republicano em plena operação de vadear o Santa Maria, isto é, dividido e em situação bem crítica.

O contacto que sua vanguarda mantivera na véspera à noite lhe havia provocado apenas a hipótese de se tratar de retroguarda inimiga composta de Milícias orientais de Lavalleja.

A rapidez de sua marcha sôbre o passo até o dia 19 foi seguida de nova morosidade e indecisão provada no conselho de guerra que reüniu. Um ataque na mesma tarde teria destruido o invasor na péssima posição que escolhera.

A ordem de batalha do nosso Exército do Sul era:

Comandante em chefe

General — Visconde de Barbacena.

Chefe do Estado Maior

Marechal — Henrique Braun.
Estado Maior e escolta..... 65

1.ª Divisão de Infantaria

General — Sebastião Barreto Pereira Pinto..... 3.168
1.ª Bda. I. — Cel. Leitão Bandeira..... 1.802
3.º — B.C. — Maj. Crisostomo da Silva (664).
4.º B.C. — Ten. Cel. Freire de Andrade (563).
27.º B.C. — Alemães — Maj. William Woods Yeats (575).
1.ª Bda. C. — Cel. Emidio Calmon..... 547
1.º R.C. — Ten. Cel. Souza da Silveira (393).
24.º R. Milícias — Indios — Maj. Severiano de Abreu (154).
2.ª Bda. C. — Cel. Miguel Pereira de Araujo Barreto.. 819
4.º R.C. — Ten. Cel. M. Barreto Pereira Pinto (523).
4.º R. Milícias Lunarejo — Ten. Cel. José Rodrigues Barbosa (218).
Esq. Lanceiros Alemães — Cap. von Quast (78).

2.ª Divisão de Infantaria

General — João Crisostomo Calado..... 2.095
2.ª Bda. I. — Cel. Leite Pacheco..... 766
13.º B.C. — Ten. Cel. Morais Cid (571).
18.º B.C. — Ten. Cel. Lamenha Lins (195).
3.ª Bda. C. — Cel. Barbosa Pita..... 564
6.º R.C. — Maj. Bernardo J. Correia (115).
20.º R. Milícias — Cel. J. J. da Silva (257).
Esquadrão de Baía — Maj. Pinto Garcez (192).
4.ª Bda. C. — Cel. Tomaz da Silva..... 765
3.º R.C. — Ten. Cel. Xavier de Souza (469).
5.º R.C. —Ten. Cel. Felipe Néri de Oliveira (296).

Artilharia

Coronel Tomé Madeira..... 420
1.º G.A.M. com 4 bias de 2 peças à disposição da 1.ª D.I. (240).
4.º C.A. Pos. com 4 peças à disposição da 2.ª D.I. (180).

1.ª Brigada de Cavalaria Ligeira

Coronel Bento Manuel Ribeiro..... 1.078
22.º R. Milícias — Cel. Medeiros (365).
23.º R. Milícias — (240).
Guerrilhas e lanceiros — Maj. Eleuterio Santos Pereira (473).

2.ª Brigada de Cavalaria Ligeira

Coronel Bento Gonçalves da Silva..... 405
21.º R. Milícias — Maj. Soares da Silva (224).
39.º R. Milícias — Ten. Cel. Bonifácio Isas Calderón (181).

Corpo de Voluntários Abreu

General Barão do Serro Largo (Abreu)..... 560
11 esquadrões de paisanos e guerrilheiros.

Parque e Bagagem

Viatura de artilharia, bagagens e arquivos da tropa.
Cavalhada de muda dos cavalarianos, condutores, serviços, escoltas para a guarda..... 477

Entrávamos assim em combate com um efetivo de cêrca de 8.224 homens, dos quais o comando em chefe julgou poder dispensar os 1.078 cavalarianos que se achavam com Bento Manuel além do Umbú. Outros 477 estavam encarregados dos serviços e da guarda do parque, comboio e cavalhada. Os 560 homens de Abreu não podiam merecer muita fé, pois eram falhos de instrução e disciplina. Eram guerrilheiros que não poderiam resistir a um embate de tropa organizada e bem comandada.

Tínhamos pois para a ação:

Cavalaria	3.660
Infantaria	2.568
Artilharia	420 e 12 peças
Estado Maior e escolta.....	67
Exército do Sul.....	6.715 homens e 12 peças.

A vanguarda constituida por Abreu e Bento Gonçalves iniciou o movimento ao pôr da lua e a 1 hora da madrugada Barbacena parte do acampamento com o grosso de seu exército. Marchava a 2.ª D.I. à testa da coluna principal seguida pela Artilharia, 1.ª D.I. e pelo Comboio e Parque.

Tendo, às 6 horas, os elementos da vanguarda restabelecido o contacto com o inimigo, a coluna fez alto atrás da cochilha que iriam ocupar e foi feita a muda da cavalhada. O

parque e comboio foi localizado numa canhada próxima onde ficaram os 477 homens das escoltas, serviços, etc.

O general em chefe subiu ao ponto mais alto e poude ver a vanguarda e os elementos mais avançados de Lavalleja trocarem disparos. O 1.º C. oriental que se achava em batalha sôbre a baixada de São Gabriel-Rosário avistou o destacamento Olazábal e mais distante alguma tropa que se aproximava.

Fortificada a hipótese que formulara, em enfrentar apenas uma retroguarda inimiga, Barbacena e Braun resolvem levar um ataque frontal contra o que deveria ser o centro de resistência platina. Sua idéia de manobra não tem ligação nenhuma com o dispositivo de marchas que delinearam.

Levaria o ataque principal frontal contra Olazábal e Lavaleja com a 1.ª D.I. Barreto no que seria apoiado pela 2.ª D.I. Calado, com reserva, protegida por Abreu no seu flanco esquerdo sôbre a Estrada Velha e numa altura que é a garupa sul das cochilhas da posição brasileira. Vencido aí o inimigo, cairia de roldão sôbre Alvear no passo.

Para isso deu Braun, que foi quem verdadeiramente comandou na batalha, ao exército o seguinte dispositivo:

Na DIREITA — Bento Gonçalves ao Norte protegendo nosso flanco.

No CENTRO — a 1.ª D.I. em primeiro escalão com missão de levar o ataque principal de frente contra o centro de resistência inimigo.

Na ESQUERDA — o Corpo de voluntários de Abreu defrontado a direita de Lavalleja e protegendo nossa reserva.

Como RESERVA — a 2.ª D.I. no centro um pouco à esquerda e retaguarda da 1.ª D.I., mas mais próxima de Abreu que de Barreto.

Quanto à Artilharia não houve o cuidado de um emprêgo em massa, pois as D.I. receberam cada uma 2 peças, Abreu 1 e as demais foram disseminadas pela base de partida do nosso ataque perto da cota que separava Calado de Barreto. Braun destacou uma Cia. de caçadores para protegê-la.

Em conseqüência, Bento Gonçalves recebeu ordem de se deslocar da vanguarda para o flanco direito, à altura das nascentes da sanga.

Devido ao êrro inicial na marcha, a 1.ª D.I. teve que percorrer longo itinerário enquanto a de reserva pouco se deslocava do eixo de marcha. Foi uma temeridade crer que os 560 paisanos de Abreu mantivessem em cheque o 1.º C. Lavalleja.

Braun iniciava a ofensiva tática sem ter seu exército reünido para a batalha e com sua reserva obrigada a manobrar sob a ameaça do fogo inimigo e contra o terreno que dificultaria sobremodo a realização da ordem para reforçar o ataque quasi vitorioso no centro.

A BATALHA: O ATAQUE BRASILEIRO

Perto das 8 horas Barreto ocupa o lugar designado no dispositivo de partida de nossa ofensiva. Braun com esta D.I. passa logo ao ataque. As 2 Bdas. de cavalaria marcham em primeiro escalão. As duas peças à disposição da 1.ª D.I. apoiam pelo fogo e são comandadas pelo então tenente Mallet.

Neste momento Alvear modifica incontinenti seu dispositivo. Compreende mais que nunca que acertara em sua previsão e aí, diante do destacamento Olazábal, o ataque brasileiro tinha que ser repelido ou o Exército Republicano seria vencido nesta batalha defensiva. Destaca do 1.º C. Lavalleja a D.C. Laguna da direita, a unica disponível na ocasião para a esquerda do 5.º B. C. afim de deter a D.I. Barreto.

Braun contudo continua a progredir e repele os volteadores inimigos que ocupavam a margem da sanga e lança a 2.ª Bda. C. contra os elementos avançados de Laguna. Estes são obrigados a retranspor a sanga pela bravura do regimento gaúcho de Lunarejo que foi o primeiro a medir-se com o inimigo.

Junto a sanga Braun reorganiza sua coluna de ataque, pois começou a sentir a ação dos fogos de Olazábal. A cavalaria passa então a ocupar a direita para proteger o flanco do ataque da infantaria. Esta avança ràpidamente e seu entusiasmo faz vencer a fralda da posição inimiga. Mallet ficara com a 2 peças aquem da sanga e apoiava com seus certeiros tiros a ofensiva brasileira. A 1.ª Bda. C. permanece junto de Mallet para sua proteção.

Laguna carrega então contra o flanco direito do ataque, após três cargas renovadas com calor pelos esquadrões da milícia oriental e enfrentadas com denôdo pelos nossos, a D.I. Barreto é detida pela primeira vez.

Renovado o ataque pouco depois a-pesar do mortífero fogo inimigo, a D.I. é obrigada a novamente fazer alto para repelir nova carga de Laguna. Assoma então na linha de batalha inimiga o 2.º C. Alvear com seus 2.780 cavalarianos. Zufriatégui vai reforçar Lavalleja já desfalcado de Laguna. A D.C. Brandzen aparece no centro com a reserva e pouco depois a D.C. Paz do 3.º C. Soler.

O general em chefe brasileiro vê nesta ocasião que tinha em frente não apenas a retroguarda platina e sim todo o exército de Alvear. Sua situação é crítica, mas, se conseguir com a D.I. de reserva levar avante o ataque quasi vitorioso corrigindo o êrro de dispositivo, ainda pode esperar vencer.

O prolongamento ameaçador da linha inimiga para o Norte, o perigo que daí resulta para seu flanco direito e retaguarda, leva Braun a reclamar o auxílio de Calado caso estiver desvencilhado do inimigo e levar avante o plano concebido.

Com a chegada do grosso do Exército Republicano, Alvear ia passar ao contra-ataque na situação desesperada em que se julgava encontrar.

A BATALHA: O CONTRA-ATAQUE PLATINO

Detido Braun pela segunda vez, Alvear resolveu, como vimos, passar por sua vez à ofensiva tática. Neste momento o dispositivo do Exército Republicano é o seguinte:

Na DIREITA — 2 D.C. do 1.º C. Lavalleja e a D.C. Zufriatégui ameaçando o flanco esquerdo de Calado e de Abreu. Dispunha de 2.300 cavalarianos de linha e milícias.

No CENTRO — o destemido destacamento Olazábal, no centro de resistência e o 2 B.C. restantes à sua direita.

Na ESQUERDA — a massa de artilharia de Iriarte com o 3.º B.C. no flanco esquerdo e os destroços da D.C. Laguna em segundo escalão no mesmo flanco.

Como RESERVA — atrás do centro, isto no ponto da decisão, a D.C. Paz e os 1.º e 3.º R.C. de Brandzen e, além do Norte da cochilha, a D.C. Lavalle. Esta tinha por missão envolver a direita inimiga no momento decisivo. Tendo Lavalleja recebido o refôrço que carecia, Alvear ordena que carregue sôbre Calado. Com suas 1.ª e 3.ª D.C. o chefe oriental se lança sôbre a D.I. que ia iniciar sua marcha para cerrar o intervalo entre as duas D.I. e socorrer Braun.

Atacado de flanco, Abreu não poude conter os seus ante o impulso dos esquadrões de Lavalleja. Apanhado quasi de surpresa é atirado de roldão sôbre as posições de Calado. A 2.ª D.I. forma imediatamente quadrado com os 2 batalhões. A 2.ª Bda. C. fica a esquerda para apoiar e acolher Abreu e a 3.ª à esquerda para manter a ligação com a 1.ª D.I. Assim aguarda a avalanche que se aproxima.

Debalde Abreu tenta dominar seus homens. Atordoados atropelam o 5.º R.C. de Felipe Néri e envoltos com o inimigo caem sôbre o nosso quadrado. Ante a eminência do perigo, Calado não hesita; dá ordem de fogo. Amigos e inimigos caem fusilados e a D.I. é salva. O inimigo é repelido, mas destruiu nossa flanco-guarda direita e paralisou a marcha de Calado. Abreu cai morto, alí mesmo, dando como ancião "à guerra tudo que a guerra lhe havia dado". Seus homens dispersam-se rumando à S. Gabriel.

Uma nova carga inimiga é repelida pelo 5.º R.C. reorganizado e pelo 20.º de Milícias. Por ordem de Alvear, a D.C. Zufriatégui se lança contra nossa esquerda onde mais uma vez nossa incomparável infantaria a aniquila e repele com seu fogo. O 5.º R.C. persegue o inimigo até perto de sua base de partida.

No centro Paz ataca com sua D.C. a infantaria de Barreto, em vista de ameaça de novo ataque brasileiro, "estrelando-se contra los cuadros incombiles de los batallones del mariscal Brown (Braun)", segundo os dizeres do coronel Beverina. Paz é repelido mas fez fracassar nossa derradeira tentativa para a frente.

Não podendo mais esperar o auxílio de Calado, Braun se sentiu atacado na retaguarda por elementos de Laguna que

investem contra nossa artilharia e dispersam completamente os guaranís do 24.º de Milícias. Estes, abandonando o campo da luta, vão saquear nosso próprio combóio.

Ameaçado assim pela direita, nosso chefe de Estado Maior ordena que a 3.ª Bda. C. venha da esquerda para se colocar entre a 1.ª D.I. e Bento Gonçalves, que faz nossa extrema direita, afim de evitar infiltrações inimigas sôbre nossa linha de operações. Em seu deslocamento esta Bda. repele os vencedores dos guaranís e salva as peças já em poder do inimigo. O inimigo tinha conseguido todos seus intentos: Barreto estava imobilizado em seu ataque quasi vitorioso e nossa cavalaria quasi que não existia mais no ponto da decisão.

Nesta emergência, Braun recua até reocupar a posição que mantivera antes de transpor a sanga.

Nossa frente contava a D.I. Calado com os derradeiros da 4.ª Bda. C. na esquerda, a D.I. Barreto e alguns cavaleiros no centro e Bento Gonçalves com a sua Bda. Ligeira intacta e a 3.ª Bda. C. para proteção do nosso flanco direito e retaguarda.

Para agravar a situação, alguns esquadrões de Lavalleja desbordam nossa esquerda e caem sôbre nosso parque capturando-o. Só a cavalhada foi salva pois os condutores fugiram para São Gabriel em meio dos guaranís do 24.º de Milícias. Convém relembrar que as célebres bandeiras ou "troféus de Ituzaingo" não foram encontrados aí e sim uns nove dias antes dentro de um mato e guardadas em suas próprias caixas.

Lá na nossa extrema direita surge repentinamente a D.C. Lavalle que cai sôbre Bento Gonçalves, a 3.ª Bda. C. que dispersam. O 39.º de Milícias abandona nesta ocasião sem licença o campo de batalha e ruma a Jaguarão. Era a indisciplina que ameaçava mais uma vez nosso exército nesta campanha chefiada por um general inepto e impopular.

Mas no centro, Braun quer insistir ainda para enfrentar mais uma vez os infantes platinos que, tendo ocupado agora suas posições, começam a progredir descendo pela encosta da cochilha do Olho D'água e ameaçando atacar o flanco direito da D.I. Barreto. Mas, as peças de Iriarte abrem também seu fogo certeiro sôbre os quadrados heróicos. Suas granadas

ateiam fogo no campo amarelecido pela sêca. Braun faz um derradeiro apêlo à Calado que, hostilizado contìnuamente por Lavalleja e Zufriatégui, não pode manobrar.

Dá-se então o ataque principal de Alvear sôbre a D.I. indomável. Brandzen carrega com seu 1.º R.C. e cai morto junto à sanga. Esta carga aniquila, embora rechaçada, toda tentativa de novo contra-ataque dos nossos bravos.

Nesta ocasião Paz, por iniciativa própria, isto é, contrariando ordens terminantes de Alvear, ataca mais uma vez e carrega sôbre o flanco direito de Calado que parecia ter conseguido se aproximar um tanto do centro. A carga de Paz fracassou mas a 2.ª D.I. reconhece a inutilidade de uma manobra sob as vistas, as cargas e o fogo inimigo.

Pode-se dizer que estas duas cargas decidiram nossas D.I. a retirar para salvar o Exército do Sul de um desastre decisivo. Contudo é de pasmar que o general em chefe inimigo não tivesse lançado os veteranos dos seus B.C. contra Barreto ao envés de sacrificar os luzídios couraceiros de Brandzen!

Envolvido por uma nuvem de cavalaria e com a retirada ameaçada por Lavalle, o general em chefe brasileiro ordena a retirada geral às 14 horas, após perto de 6 horas de fogo sob um sol abrasador e as fumaças do campo que queimava. Tinha já empenhado toda sua tropa; a todo momento os negros veteranos da infantaria argentina podiam passar ao ataque. Êste poderia tornar a vitória inimiga decisiva. Barbacena e Braun retiravam, como em 1914 Lanrezac de Charleroi ao Marne, para salvar o exército de um aniquilamento completo.

A 1.ª D.I. iniciou a retirada, seguida pouco depois pela 2.ª que foi recolhendo todo material extraviado e os estropiados que encontrava.

O Exército do Sul deve também aí a Bento Gonçalves e seus derradeiros bravos a garantia desta retirada, pois com suas guerrilhas enfrentava resolutamente todo esquadrão inimigo que surgia contra nossa coluna em marcha.

PERSEGUIÇÃO

Vendo Alvear que o inimigo se lhe escapava ante a energia de Bento Gonçalves e a tenacidade dos infantes inimigos, experimenta, ainda, transformar esta vitória ordinária em decisiva.

Inicia a perseguição com os quatro B.C. de Soler e o 3.º R.C. de Pacheco que breve chegaram até alcance de fuzil das nossas colunas que recuavam em quadrado, contìnuamente inquietadas por Lavalleja e Lavalle. Mas o cansaço de todos privou esta perseguição platina da energia que caracterizou a perseguição dos hussardos prussianos em Waterloo.

A informação alarmante, depois verificada ser apenas fruto de um engano, de que uma forte coluna inimiga vinha descendo pela margem esquerda do Santa Maria levou Alvear a ordenar ao 3.º C. Soler a suster a perseguição e às 17 horas acampar a Leste do campo de batalha, num sítio com água, embora pouca e má. Também Zufriatégui atendeu prontamente à ordem do general em chefe argentino, mas o comandante da vanguarda e Lavalle só no dia seguinte se reüniram ao Exército Republicano no Passo do Rosário, pois tinham mantido o contacto com Barbacena até ao anoitecer.

Ao crepúsculo do mesmo dia da batalha o grosso do exército de Alvear repassou o campo de batalha que ardia ainda e regressou ao passo. Dizem os chefes castelhanos que esta foi a mais penosa marcha da campanha, pois os homens e a cavalhada estavam cançadíssimos.

Nossa retirada se executou "a custa de muitos esfôrços, na maior ordem, mostrando os soldados grande serenidade e sangue frio, como êle nunca esperava ver no Brasil", segundo os próprios dizeres de Seweloh, ajudante de Barbacena.

Às 11 horas do dia seguinte acampou nosso exército no Cacequí onde encontrou tudo que Alvear havia aí abandonado. Quanto a êste, também teve que se retirar do país invadido, pois a Confederação Argentina, a braços com toda sorte de complicações internas, não podia mais auxiliá-lo.

Nesta batalha nìtidamente perdida por nossa direção do exército, a-pesar do valor e tenacidade de nossa tropa de li-

nha, tivemos que lamentar cêrca de 600 baixas, das quais 250 mortos, 200 feridos, 150 prisioneiros fora os extraviados e desertores, que depois foram aos poucos se apresentando. Deixamos 1 peça de artilharia que foi rehavida meses mais tarde, pois Calado, ao retirar, recolheu todas que encontrava abandonadas.

Alvear teve perto de 500 baixas entre as quais 162 mortos, 253 feridos e os demais extraviados e alguns prisioneiros. Inutilizou, também, ainda durante a ação, toda sua cavalhada.

CONCLUSÕES

Quanto à batalha de Ituzaingo ou de Passo do Rosário, podemos parodiar von Schlieffen quando se refere à Iena: "o Brasil não tinha um chefe de exército, o Brasil não tinha generais."

Nossos batalhões disciplinados e coesos mantiveram durante toda a jornada as posições que ocupavam. Lembram até os quadrados de Wellington em Waterloo! Nossa cavalaria regular foi uma adversária digna dos inimigos heróis dos Andes e Perú. Mas os voluntários paisanos e as milícias sem uma disciplina sólida e, por isso mesmo, sem coesão, fracassaram fragorosamente deixando aos cavalarianos argentinos o domínio do campo da batalha. Os soldados improvizados comprometeram em Ituzaingo, a-pesar-de todo seu valor individual, a sorte de nosso exército.

E' a eterna reprodução desta sangrenta e cruel lição que encontramos nas páginas de nossa História Militar: soldados não se improvisam com o simples fato de alistar, fardar e armar. O patriotismo e a bravura não bastam! Fora dos exércitos regulares, as guerrilhas podem inquietar um inimigo organizado e coeso, mas só podem enfrentar com sucesso e vencer a uma outra guerrilha.

Barbacena não era o homem do momento. Não soube **"tornar seu"** o exército que reorganizara em Santana e que comandara na campanha. Não soube impor aos seus comandados uma personalidade que não tinha. Seu chefe de Estado Maior, Braun, era estrangeiro e por isso só obedecido com re-

lutância e êle iria comandar na batalha. Com um general em chefe imposto pela política e não por seu valor intrínseco e um chefe de Estado Maior malquisto, ambos medíocres e sem fôrça moral para impor a admiração e a confiança ao Exército do Sul, êste estava fadado a um insucesso embora se entusiasmasse com ataque próximo. Barbacena tinha que vencer e não soube vencer.

As marchas e contra-marchas de Alvear, o pouco prestígio que seu nome odiado impunha nas Províncias Unidas, não poderiam ser superadas pela energia pessoal do general em chefe invasor. E assim em Ituzaingo, Barbacena poderia ter vencido à maneira de Leuthen.

Se atacasse no mesmo dia 19 o grosso platino, êste apanhado em péssima situação, não resistiria ao embate e a batalha tinha que ser decisiva com o auxílio das águas invadeáveis do Santa Maria.

Com o estado de ânimo de sua tropa, poderia ter contornado a retroguarda de Alvear e cair sôbre o flanco direito do inimigo quer estivesse êle transpondo o rio, acampado ou mesmo em marcha para reforçar Lavalleja.

Em Leuthen os 35.000 homens de Frederico o Grande encontraram os 65.000 de Carlos de Lorena em linha de batalha à cavaleiro da estrada de Breslau. O ataque frontal seria seu aniquilamento e por isso a cavalaria prussiana de Driesen enfrenta a vanguarda austríaca em Borne, mantendo assim a frente em cheque. Manobra com todos seus homens pelo Sul e vai cair sôbre o flanco esquerdo inimigo. Age com sua artilharia em massa no morro Butterberg, em sua esquerda, e a rápida conversão não pode conservar aquela longa frente de batalha inicial austríaca. Carlos de Lorena cai então no êrro que perdeu Terencio Varro em Canas. Zieten domina a cavalaria na nova esquerda austríaca e embora Driesen não vença o adversário Lucchese, o ataque principal prussiano atira o inimigo em desordem sôbre Lissa. O terreno impediu uma ação decisiva de Zieten sôbre o flanco e retaguarda do novo dispositivo de Lorena. A enorme disparidade de efetivos não permitiu aniquilamento igual ao obtido por Anibal mas a vitória nestas condições baqueou o moral inimigo e depois de

Lissa a retirada se transformou em verdadeira fuga. Dos 65.000 austríacos apenas cêrca de 20.000 volveram à Boêmia. Por isso esta batalha também pode ser considerada como uma vitória decisiva. Ora, em Ituzaingo o eixo de marcha dos 6.000 combatentes de Barbacena indicava mesmo um ataque sôbre o flanco direito dos 8.500 argentinos que não podiam estar ainda reünidos para uma batalha afim de poder reagir à surpresa do ataque brasileiro.

Os banhados de Ituzaingo protegiam nosso flanco esquerdo. Bento Gonçalves e Abreu poderiam fixar as posições de Olazábal e Lavalleja, enquanto mensageiros seguiriam por caminhos diversos à procura de Bento Manuel, além do Umbú, afim de determinar-lhe cair sôbre a retaguarda de Alvear pela margem do Santa Maria.

As cavalarias divisionárias, reünidas num C.C. forte de perto de 2.500 homens, dominariam perfeitamente os 2.200 milicianos de Lavalleja enquanto as D.I. ràpidamente cairiam sôbre as colunas de infantaria e artilharia argentinas batidas pelas nossas peças empregadas em massa.

Batido Lavalleja, tínhamos a superioridade numérica sôbre o invasor. Só tínhamos a temer a cavalaria do 2.° C. Alvear que seria contida pelos nossos cavalarianos enquanto os B.C. de Soler seriam batidos pelos nossos batalhões, de instrução mais sólida e de melhor armamento. Apanhado em coluna, Iriarte nada poderia fazer com sua superioridade de artilharia.

Um emprêgo judicioso da massa de artilharia, das nossas reservas e a provável chegada de Bento Manuel, embora nos derradeiros momentos da pugna, e teriamos todas as probabilidades de naquele mesmo lugar ter colhido uma brilhante e decisiva vitória que também decidiria da guerra, em face dos sucessos navais que obtivemos, e teriamos imposto à Buenos Aires a nossa vontade de vencedores.

Mas Barbacena e Braun quiseram atacar de frente um inimigo organizado defensivamente numa posição por êle mesmo escolhida. Baseavam-se em hipóteses e na incógnita que a cochilha do Olho D'água apresentava. Por sua vez surpreendido, nosso comando não podia mais corrigir a falha de seu dispositivo. Quis encolher ainda mais a frente para levar

com todos seus alentos o ataque de ruptura ao centro inimigo sem uma preparação de artilharia que êle mesmo dispersou. Empenhou a cavalaria dividida e a perdeu.

Atacado por sua vez de flanco e ameaçado de um envolvimento do centro, retirou porque tal era necessário ante o aniquilamento que com os três batalhões incólumes inimigos se aproximava.

Foi o ataque levado por Alvear sôbre o nosso flanco direito que deu ao chefe argentino o domínio do campo de batalha de Ituzaingo e devemos a Braun a salvação de nosso exército com uma ordem judiciosa de retirada que permitiu que alcançássemos em tempo nossa base de operações, para novas iniciativas de nossa parte.

Monumento ao general Osorio

Como é do domínio de todos realizou-se a 6 de agôsto passado, nesta capital, a inauguração do monumento eqüestre ao general Manuel Luiz Osorio, saldando assim, o Rio Grande do Sul uma dívida contraída com o seu ínclito filho.

Transcrevemos a seguir os discursos pronunciados nessa memorável solenidade.

Discurso do nosso confrade João Maia, presidente da comissão Pro-Monumento.

"Meus senhores! — Não é rigorosamente exato que a história se repete, como querem alguns; pois admiti-lo com a plenitude apregoada, importaria em negar-se, em definitivo, a lei da evolução a que a humanidade obedece, na sua ascendente marcha ininterrupta, através dos milênios, sem detenções nem regressividades.

Contudo, um fenômeno altamente sugestivo nos é dado contemplar nesta hora augusta de transcendente consagração cívica, e consiste na apoteose ora em desdobramento. Exatamente neste dia, há sessenta e dois anos, o general Manoel Luiz Osorio era recebido em Pôrto Alegre, pelo povo em verdadeiro delírio patriótico.

Dias a fio durou a prestação das excepcionais homenagens ao herói sem par em que às salvas de palmas, às aclamações populares se reüniam o troar festivo da artilharia e o crepitar frenético dos fusís, em renhidos combates simulados.

Uma trégua súbita na sua acidentada vida militar, e essa mesma conseqüente a graves ferimentos recebidos em combate no Paraguai, permitiu ao herói acudir ao carinhoso chamamento da província, ansiosa por testemunhar-lhe sua admiração seu afeto, seu reconhecimento.

Primeiro entre os primeiros a pisar o território inimigo, foi com estas palavras memoráveis, hoje convertidas em translúcida legenda educativa, que Osorio transpôs o Passo da Pátria: "Soldados! E' fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever".

De sua atuação na porfiada luta, já sexagenário, após uma esteira de triunfos começados aos quinze anos de idade com a guerra da Independência e continuados em todas as campanhas em que esteve em causa a honra e a integridade do Brasil, são marcos inabaláveis e iniciais a epopéia esboçada, as organizações de dois corpos de exército no Rio Grande do Sul — paisanos que penosamente teve de transformar em soldados e conduzir aos recontros; e êle participava pessoalmente dos perigos das arremetidas, respondendo aos que lhe estranhavam a temeridade: "Eu preciso provar aos meus comandados, que o seu general é capaz de ir até onde os manda".

Momento houve, no decorrer da guerra, em que os sofrimentos físicos do herói o forçaram a abandonar o teatro da ação. Foi quando os ferimentos recebidos em Tuiutí e agravados pelo excesso de trabalho e pelas chuvas, lhe aumentavam as dôres e o impediram de andar a cavalo. Pediu licença para tratar-se. Mesmo ausente, entretanto, o prestígio de Osorio impelia as hostes combatentes para as avançadas vitoriosas.

Refere, com efeito, o historiador Pereira da Costa, que certa ocasião, ao receberem os soldados brasileiros ordem de avançar para tomar um forte ocupado pelos paraguaios, encontraram fortíssima resistência, e por algum tempo deixaram de obedecer à manobra. Então, um oficial, avançando com a espada levantada, gritou: — Soldados, viva o general Osorio! à baioneta! A voz foi obedecida com entusiasmo, e aos gritos de vivas ao general Osorio — a posição foi tomada à baioneta.

Pouco lhe foi dado, porém, repousar e atender aos reclamos da saúde combalida. Nomeado em 1866 comandante em chefe das forças brasileiras em operações de guerra, Caxias conclama a Osorio que, atendendo sem hesitação ao apêlo da

Pátria, corre de novo aos campos de batalha, onde em memorável combate travado no decurso da perseguição no Grão Chaco, tem o rosto atravessado por uma bala, que lhe parte a maxila. Contudo, o seu alevantado espírito empreende suplantar-lhe a contingência física. Vendo que não era possível estancar o sangue, percorreu mais uma vez todas as linhas, cobrindo o ferimento com o poncho e dizendo aos soldados: "Carreguem, camaradas: acabem com êsse resto".

Mas o batalhador teve de ceder, ainda, ao imperativo da sua natureza humana. Quasi semi-deus no consenso unânime do exército brasileiro e no conceito coletivo da nacionalidade, a sua condição de homem gravemente baleado na linha de fogo, impelío-o de novo, para fora dos campos de batalha.

Pouco lhe foi dado, porém, permanecer longe do teatro das operações, donde os apêlos para o seu imediato regresso se contavam pelos dias em transcurso.

E ao ser nomeado o conde d'Eu para comandar o nosso exército na derradeira fase da guerra, tão formal e insistente foi o convite dêsse general — secundado pelo expressivo desejo do imperador — para que o nosso herói retornasse aos campos de ação que Osorio se declarou pronto, contra os pareceres dos médicos e os protestos da família, pois ainda sofria do grave ferimento da maxila.

"Quando — narra um cronista da época — o vulto varonil do notável guerreiro assomou nas dobras do acampamento, um entusiasmo, quasi delírio, quasi loucura, apoderou-se do exército. Apenas apertou-lhe a mão, o conde d'Eu galopou à toda brida, deixando-o atrás para que êle recebesse sózinho as continências da tropa. Os soldados, infringindo as severas regras da disicplina, os rigorosos preceitos da guerra, sairam da forma, às carreiras, em tropel, e cercaram o valente cabo de guerra. Vivas, hurras, tirar de bonés, agitar de braços casando-se aos sons das bandas marciais, tal foi a recepção nos campos de Pirajú.

Os mais sôfregos, os mais entusiastas apoderaram-se das rédeas do cavalo, e Osorio, exhausto de comoção, pedia, suplicava que o deixassem passar, e o herói passou entre alas de soldados, que bendiziam a chegada do mensageiro da vitória".

Reencetando a rude vida da inspecção pessoal dos acampamentos, das marchas e contramarchas, das explorações e dos embates, da perseguição incessante do inimigo sem mais guarida, irradiando da sua figura aureolada de vencedor nunca vencido o prestígio da necessidade de sua presença para que o anjo da vitória nunca desamparasse a bandeira querida da nossa Pátria, vinculado ìntimamente à confiança do príncipe, pois não lhe dispensava êste quer o conselho quer o auxílio em todos os atos derivados de seu supremo comando, a resistência indômita do herói atingiu afinal, a irreprimível solução de continuidade do — és homem, pára! — da expressão hugoana, e licenciou-se, com os padecimentos consideràvelmente agravados.

E aquí, no ponto em que se fecha o ciclo guerreiro da estranha individualidade, cabe indagar: Fazia Osorio a guerra pela guerra, ou um objetivo transcendente o impeliu sempre para os prélios, desde a mais tenra adolescência?

Que o responda a própria personalidade em foco: "A data mais feliz da minha existência seria aquela em que me dessem a notícia de que os povos — os civilizados pelo menos, festejavam a sua fraternização, queimando os seus arsenais".

E assim, em plena fase guerreira de que era expoente inconfundível, Osorio se integra simultâneamente na pleiade dos apóstolos da paz entre os homens, formulando um voto que vale pelos mais belos postulados até hoje consagrados à causa da humanidade.

Não é tudo ainda. O espetáculo de um campo de batalha, com o seu desconcertante aspecto de mortos, feridos, agônicos e destroços de material belico ainda fumegante da peleja, confrangia-lhe a grande alma de varão plutarquiano, em cujo amago o clarinar da vitória não sobrepujava as expressões de dor dos camaradas mal feridos e o clamor penetrante dos míseros vencidos.

E, ao rememorar os anseios pelo advento da éra da paz, os horrores que no seu espírito superior causava o aspecto doloroso de um campo onde se ferira destemeroso embate, recordo, a propósito, as palavras de Napoleão — figura excepcio-

nal de extensa projeção histórica a quem lamentável desvio privou de figurar hoje no quadro dos eleitos da humanidade.

Efetivamente, após a vitória de Marengo não se embriaga o corso sob o esplendor do triunfo e é nestes termos que conjura o imperador da Alemanha a celebrar a paz:

"E' do campo de batalha de Marengo, no meio dos sofrimentos e cercado de 15.000 cadáveres, que eu conjuro vossa majestade a que ouça o grito da humanidade... Sou eu que solicito vossa majestade, porque estou muito mais próximo do teatro da guerra. Seu coração não pode estar mais profundamente ferido do que o meu. As armas de vossa majestade são bastante gloriosas. Vossa majestade governa um mundo muito grande de Estados. Proporcionemos repouso e tranquilidade à geração atual. Si as gerações futuras forem tão loucas a ponto de se baterem, que, nesse caso, aprendam, depois de alguns anos de guerra, a se tornar sensatas e a viver em paz".

Um ideal alevantado impulsionava o gaúcho impertérrito para diante sempre: — o patriotismo. Bem o compreendeu o Brasil, quando êle, acedendo aos apêlos que de toda parte recebia, percorreu o país de Pôrto Alegre a Pernambuco, recebendo homenagens como jamais, até então e posteriormente, brasileiro algum recebeu.

O Brasil inteiro, como um só homem, o acompanharia a um simples gesto seu, e a própria sorte do regimen esteve pendente de uma deliberação sua, quando o sondaram sôbre a mudança das instituïções políticas dominantes. A resposta do herói foi que a espada desembainhada nos campos de batalha para combater o inimigo, não se desembainharia dentro das fronteiras da Pátria, para derramar o sangue de seus irmãos.

E quando parecia ter soado para tão excelso patriota a hora de lazer a que fizera largo jus, eis que, em outras esferas de ação, é reclamado o seu concurso. No Senado, no Ministério da Guerra, postos em que desenvolveu atividade não inferior à exercida à frente dos corpos de exército, jamais descurou o progresso de sua terra natal, mas acima de tudo colocou sempre a necessidade de prover a segurança

das nossas fronteiras, promovendo a construção de estradas estratégicas. E si mais não alcançou, nessas eminências, para a realização de seus empreendimentos nobilíssimos foi porque a política lhe opunha percalços, o que não será para admirar, si recordarmos, aliás com certa amargura, dos óbices de idêntica origem opostos quando fôra da mobilização para a defesa imediata da Pátria ultrajada...

Finalmente, derrubou-o a única potestade capaz de eliminá-lo definitivamente: — a morte.

Não pôde, entretanto, a exterminadora implacável remover para o laboratório da terra senão o material transformável, pois inatingida pela morte objetiva, reagindo vitoriosamente contra um nivelamento que em vão se esforça por alcançar os eleitos da popularidade e da glória, a auréola da individualidade de Manoel Luiz Osorio se dilata mais e mais no reconhecimento e na admiração do povo brasileiro através de gerações sucessivas.

Que arquétipo outro se assinala nos fastos da nacionalidade com uma tão dilatada veneração?

A que outro objetivo superior se poderia, por exemplo, atribuir esta comparência ao ato inaugural da obra darte em foco, a não ser a afirmação peremptória do culto ao herói morto, tal como, há mais de meio século afirmávamos, na presença do herói vivo, o nosso amor o nosso culto, a nossa gratidão pela sua individualidade empolgante?

E que mais fortes vínculos de solidariedade humana poderiamos nós exibir neste magno episódio de emocionante evocação do passado, sincera afirmação do presente e radiosa esperança no futuro?

Certo o Rio Grande do Sul contraira, desde muito, uma dívida de honra para com a memória do filho estremecido, e foi no propósito de saldá-la que, vai para vinte anos, o coronel Manoel Joaquim Faria Corrêa, modesto pioneiro de tão meritória campanha de civismo, congregara elementos capazes de promover a satisfação dêsse débito sagrado.

Nada menos de quatro lustros passamos na labuta de angariar subsídios para o fim visado.

A certa altura, graças aos pecúlios de procedência vária,

entre os quais se destacavam os destinados pelo Estado, sob a presidência dos ilustres drs. Borges de Medeiros e Getulio Vargas e pelo município de Pôrto Alegre, quando o administrou o saudoso renovador da cidade dr. Octavio Rocha — graças ao total dêsses pecúlios, dizíamos, a Comissão Permanente Pró-Monumento ao general Osorio teve a possibilidade de abrir concorrência nesta capital e no Rio de Janeiro, para apresentação de "maquettes".

Longe estávamos, ainda, porém, de um aparelhamento eficiente para a consumação definitiva da obra empreendida.

Foi quando, num digno gesto que bem traduziu o sentir geral de sua gente, o benemérito interventor federal, no Rio Grande do Sul, exmo. sr. general José Antonio Flores da Cunha, veiu ao encontro dos anseios da comissão, concedendo-lhe de início, vultosa contribuïção monetária para o fim colimado e, posteriormente, associou co-responsàvelmente o Estado nos compromissos contratuais assumidos pelos promotores da ereção do monumento ao batalhador patrício.

Estava, pois, vitoriosa a nossa jornada.

Do mais encarregou-se a arte, na sua eminente função social de idealizadora da verdade e da beleza, pelo órgão ocasional da execução do monumento, o jovem obreiro Hildegardo Leão Velloso, que tem, na concepção estética e na plasmação dessa obra de escultura, o melhor título de recomendação de sua cultura profissional, o definitivo ponto de partida de sua auspiciosa carreira artística.

Está cumprida, sim, a missão que nos impuzemos, saldada a dívida contraida pela gleba de nosso berço para com a memória augusta do expoente máximo da heroicidade gauchesca. Mas, ao vencermos a etapa derradeira não nos desvanecemos ao ponto de incorrrermos na ingratidão clamorosa de esquecer nomes queridos, deixando de evocar, nesta solenidade fundamentalmente sentimental, anteriores etapas que o mais belo e sugestivo dos símbolos assinala: — a cruz.

O primeiro companheiro tombado na jornada foi o marechal João Candido Jacques, também o primeiro presidente da Comissão.

A seguir foram resvalando na selva escura, sucessiva-

mente, o marechal João Cesar Sampaio, segundo presidente; o general José Luiz Rodrigues da Silva, vice-presidente; capitão Anatolio Boeckel, major Octaviano Travassos Alves, dr. Arno Filipp e coronel Afonso E. Massot, membros da Comissão. A todos êsses infortunados mortos, sempre vivos na lembrança e no aprêço dos seus poucos companheiros sobreviventes, a expressão vibrante da nossa incoercível saudade.

Com o desaparecimento, sobremaneira lamentável, do marechal João Cesar Sampaio — um devotado e um puro — deteve-se a marcha dos trabalhos conducentes à realização do monumento. Mas reorganizou-se, a seguir, a Comissão, para que nos fôsse possível voltar ao prosseguimento das lides momentâneamente interrompidas.

Tivemos, então, a chefiar-nos essa figura prestigiosa, mixta de bondade e de energia, conjunto de acrisoladas virtudes de soldado e de cidadão que foi o general Cypriano da Costa Fereira, a quem pela mais cruel das fatalidades estava também reservado o seu monte Nebo, para daí contemplar à distância, como Moysés à terra da Promissão, a obra mais querida do último quartel de sua vida exemplificante, sem contudo lhe ser dada a ventura de atingí-la, como nós outros.

Com a profunda diferenciação, entretanto, de que a privação da entrada do personagem bíblico em Chanaan resultou de uma pena imposta pelo Senhor ao condutor do povo israelita, por ter duvidado de sua palavra numa circunstância solene, ao passo que o saudoso Cypriano viveu e morreu como um verdadeiro crente, jamais insubmisso às imperiosas leis e determinações do nosso Deus.

Exmo. sr. general interventor federal no Estado. Sr. Prefeito do município de Pôrto Alegre. Tenho a insigne honra de entregar a v. excias., em nome da Comissão Permanente, o monumento que o Rio Grande do Sul houve por bem consagrar à memória excelsa do glorioso general Manoel Luiz Osorio.

Ainda no exercício da mesma delegação confio à guarda impertérrita das nossas briosas forças armadas, êsse padrão inderrocável ao civismo brasileiro.

E tu, povo rio-grandense, si acaso um dia, a despeito do ambiente de concórdia dominante no continente e do proclamado encerramento do ciclo guerreiro que tanto atormentou a humanidade, tiveres de acudir, armado, a aflitivos brados de socorro da nossa Pátria em perigo, equipado em ordem de marcha acorre confiante para junto dessa sugestiva imagem da bravura, da lealdade, do sacrifício e da heroicidade, para que ela te indique o caminho do triunfo, como os deuses da Grécia legendária o indicavam, nos templos, ao seu povo para êles afluente, súplice e inflamado, pavilhões em pannejamentos de esperança antes de transpôr as fronteiras, no delírio santo das reivinditas."

Disse.

A PALAVRA DE UM DESCENDENTE DE OSORIO

Foi esta a brilhante oração pronunciada pelo nosso confrade dr. Fernando Luiz Osorio, neto do grande herói, no ato inaugural da estatua:

"Rejubila-se a Família Osorio nesta apoteose de que radia toda a escultura dos traços eternos do Rio Grande! E' verdadeiramente bela a estatuária dêste monumento porque ela se alteia desta terra forte e boa, como um padrão de entusiasmo, um organismo de bronze, uma narrativa escultural, que tem sangue e nervos, em que o Rio Grande, varonil e magnânimo, que, em suas glórias imarcessíveis, aprendeu o civismo em séculos de valor, perpetua, viva, palpitante, focalizando as conciências, mais do que uma fase da sua história de provações e orgulhecida de vitórias, e mais, ainda, do que um nome próprio, a própria imagem ideal do rito da Pátria!

Eis porque é verdadeiramente bela esta estátua, que se apruma ao sol, porque, num instantâneo prodigioso, ela consubstancia toda a contínua chama em que fulgem as nossas tradições, todas as renúncias anônimas e a lealdade de quantos, em favor da nossa soberania, levantaram os seus nomes para a consagração definitiva. E', portanto, uma estátua que a vossa benemerência forjou pelo trabalho de colaboração do sentimento popular, a um filho do Povo, uma estátua virtualmente talhada, a cuja representação o buril do artista soube

dar o molde, no dom mágico concedido aos iluminados pela Arte tão propícia a desenvolver os instintos simpáticos. Foi essa representação dos sonhos que rolaram no coração Rio Grandense que acompanhou Osorio por toda parte, mostrando aos homens livres o caminho do dever, que pousou um instante no campo de 24 de Maio e no Passo da Pátria e nos muros de Humaitá e perpassou, na livre atmosfera de pampa e coxilha, entre as harmonias grandiosamente selvagens do pampeiro. Pátria! é bem verdade que tu foste a preocupação do pensamento de Osorio, na paz e na guerra; é bem verdade que êle viveu servindo-te desde a juventude à velhice, com sacrifício de suas comodidades pessoais; e que amou-te mais que a própria vida: amargurado muitas vezes, vencedor sempre; quando descansou foi para morrer. Mas não lhe faltaste, jamais, com o teu aplauso. Ergueste o seu nome aos gritos do entusiasmo e o levaste aos batismos da glória. Pátria adorada, e justa, e boa, — que proteges a memória de teus leais servidores! Também, naquele símbolo da fôrça que alimentava o corpo gigantesco de Antheu, era o contacto do seio materno que divinisava o espírito do lutador, porque era a própria Terra que o revigorava, como esta terra santa do Rio Grande que, em seus merecimentos, excelsos, cobre o berço de seu filho com a reverência votiva de uma majestosa cúpola de bronze, a que, nem siquer, faltou o efeito de dilatada perspectiva histórica, para que a contemplassem, hoje, atestando, no lampejo gaúcho, consubstanciado numa síntese de largos painéis, a aparição simultânea que refrata, no delineamento do nosso típo sociogênico, a fusão de uma vida na poderosa alma de um povo — paladino, definindo-se em termos essenciais de defesa, de repulsa, de expansão, de luta e de equilíbrio da formação da grande alma brasileira dos rio-grandenses, no branco mármore da coragem... Reabro a página em que, neste mesmo dia 6 de agôsto, vai para 62 anos, Osorio, nesta formosa Pôrto Alegre, quando o imortal Deodoro da Fonseca lhe confiava a primorosa espada que a maestria de um artista trabalhara com o ouro subscrito nos próprios campos paraguaios, — agradeceu, commovido, a esta oferta como a mais sensível ao seu coração, porque o Exército é o verdadeiro apreciador, —

dizia, — dos trabalhos que juntos sofremos, dos obstáculos que encontramos, das dificuldades vencidas; é êle, pois, o juíz imparcial dos serviços prestados à causa da nacionalidade e à causa da América, naquelas ásperas campanhas em que comandara o inexcedível patriotismo e a invicta bravura de todos os brasileiros a quem a Pátria devia o brilho de suas armas e a glória de sua bandeira. E, por isto, nessa partilha, o general Osorio pediu a Deodoro que transmitisse a seus camaradas o voto de sua profunda gratidão e dos seus sentimentos admirativos que lhe inspiravam o valor, o devotamento e a incomparável abnegação do honrado, destemido, sofredor e útil exército brasileiro como a ordenança da nação em marcha, que êle, julgando-se feliz ao lado dos heróis, guiara com o segrêdo de temperar a energia com a brandura. Estão na Pátria os que vibram por ela. E estamos, aquí, dentro das tradições coletivas, levantando a alma para essa visão de deveres iniludíveis do espírito das armas brasileiras orientado pelo pensamento da honra e da ânsia da justiça e da fraternidade na América do Sul. E as vozes e as aclamações que enchem e inflamam êste soberbo espetáculo, repercutem ao meus ouvidos como um grandioso hino nacional ampliado, o egregio e inspirado híno que estrugiu não só na intrepidez das batalhas, porque sendo um hino de amor, as suas notas triunfais acompanharam as vitórias pacíficas, em estos de entusiasmo por novas eras de ideais, que se harmonizam com o voto esculpido em bronze neste pedestal, assim como Aristófanes venerava a paz que preside aos cânticos e aos noivados. Não é, portanto, esta a apoteose senão do profundo brasileirismo orgânico de Osorio que tinha no coração o futuro da humanidade, como um amigo dos proletários fardados, um predileto dos humildes, na sublime utopia que refulge, num risco de beleza, do páramo sagrado em que circula a nossa história, abrigando a esperança, na atitude ovante e coesiva de um povo generoso que sôbre as cabeças de seus paradigmas lança a triangulação do Brasil, pondo em comunhão todas as legendas vivas do Rio Grande, para o resguardo do nosso patrimônio e para o fulgor do dia de amanhã! Senhores, é, assim, verdadeiramente bela esta estátua que reflete

toda a escultura heróica do Rio Grande... E si para erigí-la, faltasse material bastante, dirieis como o poeta, sem mendigar fulgores às estrêlas:

> ... Temos na terra o que não há no céu,
> Recolhe os ossos dos titães soldados,
> Apanha as armas que a seus pés caíram
> E ajunta as balas que os canhões cuspiram,
> E, então, de sabres e canhões e balas
> Lanças partidas, pavilhões rasgados,
> Levanta o alto pedestal da estátua
> Que irá nas brumas se perder no espaço...
> E, assim, aos astros erguerás seu crânio,
> E ao mundo inteiro estenderás seu braço!

— Eu ajoelho a minha alma diante dêste monumento, porque, também, venho, aquí, em nome da Família Osorio, render homenagem ao gênio da Pátria!

A ORAÇÃO DO REPRESENTANTE DO EXÉRCITO

Falando no ato inaugural da estátua, o 1.º tenente Bayard Galvão, em nome da 3.ª Região Militar, disse as seguintes palavras, que mereceram de todos os mais calorosos aplausos:

"Osorio:

E' chegado o momento solene da capital do Estado em que nasceste, deixar erguida nesta praça que é o seu próprio coração, — a tua imagem de bronze, menos eterna que tua memória, menos inflexível que teu caráter, como um símbolo sagrado, um ídolo divino a nos indicar, por todo o sempre, o caminho da honra e do dever!

Neste instante luminoso que passa, em que nos encontramos reünidos, cidadãos de todas as classes sociais, a prestarmos todo o nosso respeito, a exprimirmos toda a nossa admiração à tua personalidade incomparável que atravessou a existência sempre firmada nos pináculos da glória, — neste instante luminoso, evoquemos algumas passagens de tua vida.

Menino ainda, quando o teu engenho tinha a sêde ardente e moça de ser dirígido pela senda intérmina dos conhecimen-

tos humanos, quando o teu cérebro jovem necessitava dos primeiros clarões da ciência, — foste arrancado do lar para o serviço da pátria: tiveste que abandonar, ao mesmo tempo, a escola primária, onde ias ensinar os primeiros passos da cultura intelectual, e a família, a sublime escola que nos ensina a subordinar, doutrinàriamente, os empreendimentos gigantescos da inteligencia aos princípios sagrados do coração.

E a tua alma jovem foi lançada ao torvelinho da vida, ao turbilhão desordenado das competições, sem as luzes precisas do conhecimento do mundo, da sociedade e do homem, e sem a sistematização perfeita dos teus sentimentos. Mas o teu cérebro era privilegiado, o teu coração era superior! Não fracassaste, nem siquer te sentiste vacilante.

A pátria exigiu dos teus quinze anos, o sacrifício de combateres pela sua independência, e, acompanhando o teu invicto pai, tiveste o teu batismo de fogo no combate de Arroio Miguelete contra a cavalaria Luzitana. Lutaste aí valorosamente, anônimo, desconhecido no meio da massa dos soldados.

No ano seguinte, juraste a Constituïção Política do Império do Brasil que ias defender com todas as tuas fôrças; logo após foste reconhecido cadete de primeira classe; e, em dezembro de 1824, atingiste o primeiro posto do oficialato.

Tentaste, novamente, haurir conhecimentos, desta vez na capital do país; mas chamou-te a pátria para os campos da luta, para a guerra a que dera motivo a sublevação dos trinta e três orientais; e, nos primeiros contingentes, seguiste.

Nos combates cruentos que se verificaram, entre outros o de Sarandí, graças ao teu físico vigoroso e à tua têmpera de aço te tornaste digno da admiração e do entusiasmo dos que te cercavam. Começaste a entrever, a vislumbrar então a aurora da tua glória.

Campanhas seguidas se sucederam, inclusive a denominada guerra dos Farrapos que ensanguentou durante dez anos o solo do nosso Estado, e a cruenta guerra contra Rosas, onde tu demonstraste excepcionalmente as tuas excepcionais qualidades de cavaleiro audaz — o Murat Brasileiro, como já te chamou alguém. Em todas elas te sobressaiste pelo teu de-

nôdo pela tua intuïção guerreira, esclarecida e precisa; e, em conseqüência, foste galgando os pôstos de hierarquia militar, dilatando assim, dia a dia, a tua ação de comando.

Várias vezes a política, nos períodos de tréguas acorreu a ti, foi implorar o teu concurso, e várias vezes tiveste que embainhar a tua espada nobre de soldado, pelas incertezas e agruras que proporciona a arte complexa de dirigir os povos mormente quando êstes em formação .

Momento houve que, desacreditando da ação dos homens encarregados de pacificar o teu Estado natal, que uma guerra fratricida enfraquecia, cada vez mais, acirrando o ódio de todos, — chegaste a pedir reforma do serviço ativo, renunciando tanto às fainas da política como às lides militares.

Mas já era conhecido sobremaneira o teu valor, já não eras o combatente anônimo das lutas da Independência; por isso não deixaram o Exército Nacional ficar privado do teu concurso valioso. E assim continuaste a labutar pelo Brasil.

Depois de uma seqüência de outras pequenas lutas na região platina, principiava a nublar-se fortemente o céu sul-americano; uma tempestade violenta ia desencadear-se. Por uma série de inadvertências diplomáticas recíprocas que não nos é dado agora analisá-las, o Paraguai de um lado, e o Brasil, aliado às repúblicas do Prata, iam erguer suas armas.

Iniciada a guerra, acorreste em demanda do Paraguai, já então no cargo de comandante em chefe das fôrças brasileiras em operações.

Depois de uma longa travessia, cheia de obstáculos e imprevistos, aguardaste com o teu exército os necessários meios para ser transposto o Paraná.

E no memorável dia em que foi iniciada a travessia dêste caudaloso rio, lançaste aos teus soldados aquela proclamação que inúmeras vezes tem sido repetida:

"Soldados do Exército Imperial!

A margem do rio que tendes à vista é o têrmo das nossas fadigas e dos sacrifícios da nação brasileira. Chegou a hora da expiação para êsse inimigo cruel que devastou nossos campos indefesos e cometeu tantos atos de ferocidade contra populações inermes! E mais adiante: "Soldados! E' fácil a mis-

são de comandar homens livres; basta mostrar-lhes o caminho do dever. Não tenho necessidade de recordar-vos que o inimigo vencido e o paraguaio desarmado ou pacífico, vêm ser sagrados para um exército composto de homens de honra e de coração".

Nesta ordem do dia, sintetisaste duma maneira brilhante as modalidades do teu feitio guerreiro: — Bravo, de uma bravura conciente, às vezes até implacável, contra o inimigo de armas voltadas para a tua pátria! Confiante nos homens que comandavas, estimulando-os com as tuas palavras ardentes de patriota são! Magnânimo para com o adversário combalido ou inerte! Denodado e generoso!

Depois dos combates de 16 e 17 de Abril, quando do desembarque de nossas tropas em território paraguaio, depois de conquistado o forte de Itapirú, as armas brasileiras se lançaram, dirigidas por tua espada flamejante, sôbre os entrincheiramentos do Passo da Pátria.

Conquistado êste, sucederam-se-lhe os combates de Estero Bellaco, Passo Cidra e Estero Rojas. E em seguida surgiu o areal de Tuituí. Aí atingiu ao apogeu o brilho das armas brasileiras; e nessa batalha, por todos conhecida, das sul-americanas a maior, firmaste as tuas qualidades de grande general. Os laureis de glória que acabavas de colher, tu os sentias ofuscados pelo pesar imenso em contemplares as vastidões dos campos, juncados de cadáveres dos inimigos e dos teus. Isso feria a tua sensibilidade moral delicada que apenas te não dominava no fragor da luta, nas arremetidas da peleja. O cumprimento do dever assim o exigia.

Nessa batalha, asseguraste a vitória de nossas armas, abalando fortemente o moral das tropas adversas.

Depois vieram Humaitá, Itororó, Avaí que foram outros tantos feitos darmas que te cobriram de outras tantas glórias.

Ferido no rosto por uma bala de fuzil, deixaste derramado o teu sangue no campo inimigo, como o estigma rubro do teu denôdo. Tiveste assim, depois dessas vitórias, que regressar ao teu Rio Grande para tratares de tua saúde abalada, esquecido, como aí estavas, da fatalidade biológica da intermitência das funções. E nem bem havias repousado, voltas-

te a expôr a tua vida, conquistando outras façanhas imortais da nossa gente.

Mas teus ferimentos se agravaram; e, enfêrmo, entraste em Assunção. Ainda convalescente reassumiste o comando do primeiro corpo de exército. Novamente a saúde te faltou e tiveste ainda que regressar ao Rio Grande. E era de ver-se a luta gigantesca que se desenrolava dentro de ti mesmo entre o ardor imenso para o cumprimento exato do dever e a desorganização fisiológica que te assolava inexoràvelmente.

Mas logo após terminava a guerra do Paraguai.

Foste então receber, na capital do Império, as justas homenagens da pátria reconhecida que, com lágrimas de satisfação, recebia o seu filho estremecido que envelhecera ao serviço dela.

Ouviste de todas as bôcas todas as expressões de carinho e admiração.

Uma multidão sem conta acompanhou teu carro, repetindo com voz trêmula pela emoção o teu nome glorioso; entraste na capital da tua pátria como um herói lendário.

Desde êsse dia memorável, não mais foi preciso empunhares a tua espada fulgurante de general, para conduzir exércitos à vitória.

Tomaste posse, logo em seguida, de tua cadeira no Senado. E poucos anos depois recebias a pasta da Guerra.

Quando pois marechal do Exército Imperial, Marquês do Herval, dignatário de várias ordens monárquicas, ministro de Estado, — veio colher-te a morte na sua faina inexorável.

A triste nova correu o Brasil inteiro onde não havia um sítio em que não existisse um teu ex-comandado; e a população em pêso chorou o teu fim.

Osorio, tu não morreste para o Brasil!

Essa fatalidade irrevogável a que está sujeito o mundo vivo não tem significação social para uma personalidade como a tua.

O Exército Brasileiro, do qual fizeste parte integrante, que ainda experimenta a tua influência subjetiva, hoje representada por descendentes daqueles que tiveram a ventura de ser teus comandados nas batalhas, — sente-se pleno de

júbilo, todo entusiasmo, em prestar uma homenagem sincera a seu servidor sem par que concorreu com todas as suas energias morais, intelectuais e físicas, na guerra como na paz, para o seu bom nome, para a sua glória!

A ORAÇÃO DO PADRE PONCIANO DOS SANTOS STENZEL

"O espírito gaúcho que vive sempre moço no coração dêste povo, que tem por cenário o tapête ondulante das coxilhas e por tecto a cúpola de auroras floridas e das tardes elanguecentes e amorosas do Sul, dir-se-ia que vibra e cintila nos rasgos de generosidade e nos feitos de bravura dos filhos do Rio Grande!...

Mas não é só no campo da batalha onde reconhecemos a alma vibrátil, grande, nobre e desinteressada do habitante das coxilhas, mas ainda em todos os momentos de sua vida airosa que se desdobra em outros tantos feitos de galhardia que são padrão de lustre e glória dos homens de nossa terra...

A nobreza, a hospitalidade, a defesa do mais fraco, foi sempre apanágio glorioso do gaúcho, que nunca titubeia em dar o seu sangue, a sua vida na defesa das idealidades que encarna.

E isto é belo, e isto é grande, mais belo e mais admirável do que a natureza luxuriante dos trópicos que arrebenta de solo quente, na ostentação verde-florida das montanhas a tapetaram as nuvens doiradas do firmamento, das campinas a se desenrolarem em pastagens ricas e das messes que despontam de um solo fecundo...

E' por isso que eu desde pequenino acostumei a venerar a memória dos nossos grandes heróis. Perpassavam na minha mente de infante aqueles lances de galhardia da nossa gente que ao ouvir periclitar as fronteiras do país abandonava casa, parentes, haveres para ir lavar a afronta atirada a nossos brios ou defender como leões o patrimônio comum de nossa nacionalidade.

Enquanto o Norte inteiro do país se dedicava ao cultivo das letras, o Rio Grande do Sul era quasi desconhecido no panorama literário e culto do país. E' que o Rio Grande em pêso, de lança nas mãos, defendia como gigante as frontei-

ras ameaçadas da pátria, e à voz de "às armas", um frêmito de entusiasmo perpassava as coxilhas, embatia nas quebradas de nossas serranias, deslizava pelas nossas campinas sempre verdes, e êste grito se avolumava, crescia, estrugia, despertando a gauchada das alegrias da vida campezina, dos rodeios, das folganças do churrasco de espeto e do chimarrão para a guerra pronta e decisiva. Em dois minutos a fazenda era um arsenal; os corcéis de cola atada resfolegavam no palanque, escarvando o chão; surgiam de todos os recantos, desde o rincão mais profundo até à cidade populosa, pessoas que se apresentavam para ir à guerra. Por toda parte a silhueta do gaúcho apontava no alto da colina como o gênio das batalhas, pronto a exterminar o inimigo de nossas instituïções.

E foi nesses lances, em que as lanças rodopiavam nas mãos gaúchas, os corcéis mordiam os freios, e a onda de heróis se despenhava pelas encostas, por entre a nuvem de pó, levantada dos cascos dos cavalos, foi neste cenário de glórias e feitos heróicos, o campo onde se retemperou o metal de nossa raça.

Osorio viveu nesse meio, contemplou estes horizontes, banhou-se nesta natureza, viveu estas horas de luta, que serão, em todos os séculos, páginas fulgurantes de nossa história pátria.

Lembra-me bem, era eu ainda criança e já me sentia orgulhoso por ter nascido na terra, onde Osorio, pela primeira vez, vira a luz do sol formoso do Rio Grande e afinara as primeiras harmonias de sua vida ao som alegre dos cânticos maternos, nesse recôndito do Rio Grande, que é Conceição do Arroio.

Quantas vezes, cavalgando pelos campos, surgia-me imediatamente à imaginação aquela figura que não era amada, mas adorada como ídolo do Exército Brasileiro. Era Osorio que, com os olhos incendiados pelo fogo do amor da pátria, sustentando na dextra a sua lança de ébano e com a a sinistra sofrenando o fogoso ginete, que parecia também viver o entusiasmo do herói, apontava aos seus bravos do 21.º de infantaria a fortaleza de Tuiutí exclamando: "Soldados,

fácil é a missão de comandar homens livres, basta mostrar-lhes o caminho do dever e o nosso caminho está aí em frente..."

Nunca me esquecerei de um momento de minha vida, momento êste que já foi descrito na literatura de nossa terra.

Tinha eu doze anos de idade e cavalgava de minha vila para o próximo povoado de Tramandaí. O sol, tombando para o ocaso, se escodia por detrás das montanhas da Serra do Mar, tingindo de lilaz e púrpura as nuvens do horizonte e dando àquela hora dos crepúsculos uma tonalidade de tristeza e de saudade...

A uma légua de distância o mar, testemunha indiferente dos humanos acontecimentos, continuava em seus perenes regougos... Nessa hora solene da tarde chegara eu ao passo dos "Emboabas". Quasi instintivamente dei de rédeas ao cavalo. Contemplei com alegria e tristeza aquele lugar sagrado para a nossa história pátria: com alegria, porque dêle emergira, aureolada de glórias, a mais popular, a mais heróica figura do Exército brasileiro, Osorio, o ídolo dos campeões de nossa pátria, o gênio das batalhas, o amigo dos soldados, o homem nobre, generoso e forte; com tristeza, porque daquela morada que servira de berço ao ínclito cabo de guerra, daquele remanso feliz, onde pela primeira vez bebera a luz do sol, balbuciara as primeiras palavras e sorrira às primeiras carícias de amor, nada mais resta, nem tapéra, nem alambrado, mas uns simples sinais de antigos valos que a tradição dos anciãos de Conceição do Arroio aponta como únicos vestígios da morada de Manoel Luiz da Silva Borges e d. Ana Joaquina Osorio, progenitores do herói cujo monumento inauguramos hoje no coração da capital gaúcha.

E' de se esperar que a nobre iniciativa para colocar num pedestal de glória a figura brônzea de Osorio, como símbolo do patriotismo desinteressado do nosso povo, leve também os meus conterrâneos a assinalarem com uma coluna, com um marco o lugar do nascimento de Osorio, onde se leia, ao menos uma simples frase, "aquí nasceu Osorio", para que a tradição dêste lugar não desapareça com as gerações futuras, mas permaneça como centro de unidade da família ar-

roiense que verá sempre na figura do "Legendário" a maior e a mais significativa expressão de sua grandeza histórica que se projetou em iluminuras de gênio para as páginas aurifulgentes de nossos anais de glória...

Não quero neste momento historiar a vida de Osorio, apenas desejo apresentá-lo como a encarnação mais viva do patriotismo desinteressado pelo bem comum de nosso amado Brasil.

E' com razão que um escritor o compara com Napoleão, com Leonidas e com Carlos Magno. Como Napoleão, tinha êle atitude do leão indômito na arena da luta, o olhar de águia a dominar o campo da batalha assim que inspirasse completa confiança na vitória da parte dos seus comandados; como Leonidas, nunca queria abandonar o campo da luta e preferia a morte à desgraça de uma derrota; como Carlos Magno, muito ambicionava ganhar e conquistar, não, porém, para si, mas para o Brasil, a quem consagrára todos os áureos dias de sua vida trabalhosa.

Êste patriotismo sadio e regenerador é que precisamos infiltrar nos glóbulos sanguíneos das veias do nosso povo, engranizá-lo nas partículas calcáreas dos ossos de nossa raça, fazê-lo vibrar na ematose admirável de uma pletora de nova vida para que pulse o nosso grande e generoso coração de brasileiros ao ritmo mavioso de nossa exuberância territorial: da majestade das nossas montanhas, da largueza dos nossos horizontes, da exuberância do nosso solo, da riqueza de nossa flora, da variedade de nossa fauna, da ostentação de nossos céus e da harmonia impressionante de nossa natureza, onde o cântico do sabiá vem saüdar, entre a consonância das luzes das campinas, dos perfumes das florestas, dos harpejos melancólicos das cascatas, do rumorejo das brisas, do pulsar de corações, a grandeza do nosso povo fadado, por êste patriotismo, para o mais rizonho porvir na harmonia histórica de todos os povos do planeta...

Sim, é êste patriotismo de Osorio que precisamos viver nos momentos difíceis de nossa vida social, porque é patriotismo que coloca o bem comum acima das individualidades, que se sacrifica generosamente pelo bem de todos os seus

concidadãos, como sua vida foi um perene exemplo desta abnegação desde a batalha de Sarandí, em que expunha a vida para salvar a de seu chefe, Bento Manoel, até o tempo de ministro da Guerra, em que interrogado pelo Imperador porque não requeria a comenda de São Bento de Aviz, a que faziam jús os seus trinta e cinco anos de serviço efetivo, respondeu como o homem convicto de sua sublime missão: "Majestade, assim procedo para que não pareça que sirvo à minha pátria disputando recompensas".

Como o coração do grande herói se confrangia diante da luta dos partidos. A um amigo que lhe insinuava para que resistisse pelas armas em favor de seu partido, respondeu o ínclito guerreiro: "A espada que eu desembainhei nos campos da guerra para defender a pátria e a ordem, nunca a desembainharei no tempo da paz para derramar o sangue dos meus compatriotas"...

Permaneceu o lendário Osorio na fé que herdara dos seus maiores e teve sempre grande amor à religião católica, pelo que combateu contra Gaspar Martins a liberdade de cultos, alegando que ela traria mais inconvenientes do que vantagens, dado ser o Brasil um país católico na sua quasi totalidade.

Grande patrióta e grande crente, o Legendário não quis morrer sem os auxílios da religião e por isso, a 3 de outubro de 1879, quando entrava frei Fidelis para dar-lhe os últimos sacramentos da religião, poude o grande herói ainda responder, claramente, em admirável profissão de fé, às verdades salutares da religião.

Agora, terminando, o que eu só vos peço é um entranhável sentimento de amor à pátria, à semelhança do amor do grande Osorio, que parece reviver naquelas palavras cheias de estro do poeta gaúcho:

"O' lanceiros do Rio Grande
Quem há que os possa imitar,
São como as hostes dos francos
Nos mares de Trafalgar...

O' na peleja sombria
A lança que rodopia
Semelha à voz dos tufões

Caem fortes, arrogantes,
O' caem como gigantes
E morrem como leões..."

E si nas horas difíceis da Pátria periclitarem as nossas instituïções e as conciências se sentirem desorientadas pelo "mare-magnum" dos contratempos sociais, anima-te, ó estátua de bronze, faze fulgurar nos olhos de Osorio a luz da vitória, o ginete resfolegar e morder o freio e o herói de mil batalhas, o ídolo do Exército brasileiro, o que primeiro pisou em território paraguaio, o rio-grandense destemido e forte, o brasileiro brioso e magnânimo, o Osorio de nossa terra, há de surgir diante da conciência nacional, como o gênio do triunfo, empunhando de novo a sua lança de ébano, refreando o fogoso corcel para logo depois desaparecer, por entre o fumo da batalha, vibrando a durindana da vitória e conduzindo, de triunfo em triunfo, a nação brasileira para o destino feliz que a aguarda.

E tu, ó estátua de bronze, desprende-te, então, dêste pedestal, cavalga as ondas de nossos rios-oceanos, perlustra as plagas de nossa terra, penetra o seio de nossos povoados e cidades, galga a escarpada de nossas montanhas, sobe ao cume do Itatiaia e, de lá, tendo esta montanha por pedestal, contempla o Brasil inteiro para que do Amazonas ao Prata ecôe o grito de teu comando, que será o grito da salvação, o brado da justiça e da verdade, o éco da conciência nacional despertando para os horizontes de nova éra de grandeza e felicidade nacional: Será, então, o gênio de Osorio vivendo no coração do povo brasileiro, e salvando o Brasil mais do que de uma derrota, livrando-o da ruína de um cataclismo moral...

Salve grande Osorio!..."

Nótulas Bibliográficas

por **Valter Spalding**

LOS PRIMITIVOS HABITANTES DEL TERRITÓRIO ARGENTINO, por **Antônio Serrano.** — Buenos Aires, 1930.

O snr. Antônio Serrano é um grande estudioso em arqueologia e etnografia. E não só estudioso, mas legítima autoridade na matéria.

A sua obra, vasta, sincera e concienciosa, lê-se com agrado e grande proveito.

Vazados em estilo simples, os trabalhos do snr. Serrano não são dêsses que se pretendem impor por uma linguagem rebarbativa, arrogante e pretensiosa de certos pretensos mestres nesses assuntos graves e difíceis. Não procura o A. de **Los primitivos habitantes del território argentino** espantar o leitor com frases bombásticas e conceitos arrojados, mas, ao contrário, procura aproximar-se o mais possível da verdade histórica sem se preocupar com escolas e teorias. E é êste um dos motivos pelo qual a sua obra se impõe, e se lê com simpatia.

O volume, nìtidamente impresso nas oficinas da "Libreria y Editorial LA FACULTAD", traz grande número de ilustrações, entre as quais reproduções de cerâmica das diversas tribus do território argentino.

E' interessante notar-se a grande semelhança, em formas e motivos de decoração, entre essa cerâmica que prova uma civilização adiantada, e a nossa da Marajó.

E a semelhança é tanta que chegamos a pensar que na América do Sul não houve, primitivamente, senão uma raça que, aos poucos, se foi espalhando por toda a América, deixando, por toda ela, vestígios de sua cultura.

E quem poderá afirmar, com precisão, o contrário?

***

O HOMEM AMERICANO E SEUS TEMAS (Tentativa de Síntese), por **Luiz da Câmara Cascudo**; Imprensa Oficial, Natal, MCMXXXIII.

Luiz da Câmara Cascudo é um moço que desde muito apreciamos e lemos sempre com carinho e simpatia. Sócio efetivo do Inst. Hist. do Rio Grande do Norte e ainda correspondente dos da Baía, Pernambuco, Ceará e outros, Câmara Cascudo é um nome vastamente conhecido em todo o Brasil. Conhecido e estimado.

"No gênero contos históricos o Sr. Luiz da Câmara Cascudo deu à publicidade **Histórias que o tempo leva,** onde a facilidade da fabulação, as propriedades do estilo, o conhecimento dos assuntos históricos são qualidades devéras apreciáveis."

Em **López do Paraguái,** revela-se, além de historiador, sociólogo, e o seu trabalho é devéras interessante e digno dos maiores encômios.

Bastariam estes dois livros para recomendá-lo. Entretanto tem ainda publicados **Alma patrícia** e **Joio,** em que se revela contista primoroso e conciencioso crítico literário.

De grande cultura, não é de estranhar vermos na sua bagagem literária obras sôbre todos os assuntos.

Com êste seu trabalho, sôbre o homem americano, Câmara Cascudo, com arrôjo, mas sobriedade de linguagem, procura provar a autoctoneidade do homem americano. E defende com entranhado amor essa tese.

Não somos contrários a ela, mas achamos que Câmara Cascudo poderia defendê-la por si, e sem utilizar-se das idéias de Ameghino, já há muito postas fora de combate. Em todo o caso **O Homem Americano** é uma obra de valor que honra o A.

MUSEO DEL PARANA' (Museo escolar central de la Província) Republica Argentina. — Diretor: **Antônio Serrano.**

Cinco **Memórias**, dois trabalhos do Conselho geral de educação e cinco Separatas, tudo publicação do grande **Museu** escolar central da província argentina de Paraná.

Obras verdadeiramente interessantes, úteis e instrutivas, honram sobremodo a instituïção que as divulga.

A vizinha República Argentina e também a do Uruguai, têm-se distinguido, ùltimamente, com publicações dêsse gênero, ao passo que, entre nós, nada se faz. Enquanto as obras sôbre arqueologia e etnografia nos vêm da Argentina e do Uruguái em quantidade, mas também de qualidade, aquí no Brasil pouco ou nada se publica no gênero.

***

Os trabalhos publicados pelo "Museo escolar Central del Paraná", que temos sôbre a mesa, são os seguintes:

Memórias: — Apuntes sôbre um resto de mandíbula de um indivíduo joven de MASTODON HUMBOLTI Cuv., por **Joaquim Frenguelli**; Paraná, 1929.

— Exploraciones arqueológicas en el Rio Uruguay médio, por **Antônio Serrano**; Paraná, 1932.

— Notícia sôbre la distribuición de las Palmeras en la flóra de Entre Rios, por **Juan R. Báez**; Paraná, 1933.

— Observaciones sôbre la alfarería de los médanos de Colón, por **Antônio Serrano**; Paraná, 1933.

— Las culturas protohistóricas del Este Argentino e Uruguay, por **Antônio Serrano**; Paraná, 1933.

Publicações do Conselho geral de educação: — Breve Cartilla del entomólogo aficionado, por **Ricardo N. Orfila**; Paraná, 1927.

— Instruciones para formar herbarios, por **Alberto Castellanos**; Paraná, 1928.

Separatas: — Nociones sôbre preparación y conservación de aves, por **Pedro Serié**; Paraná (sem data) (publicado pelo "Consejo General de Educación de la Província).

— Sôbre algunas piezas de alfarería indígena de la província de Entre Rios, por **Antônio Serrano**; separata de **Physis**, Buenos Aires, 1928.

— El área de disperción de las llamadas alfarerías gruesas del território Argentino, por **Antônio Serrano**; separata de **Physis**, Buenos Aires, 1930.

— Arqueología del Rio Uruguay, por **Antônio Serrano**; Separata da **Revista del Centro de Estudiantes**, Paraná, mayo de 1933.

— Material arqueológico del Departamento San Cristobal (Província de Santa Fé), por **Antônio Serrano**, separata de **Quid Novi?**, Rosário, 1932.

Como se vê, são todos trabalhos interessantes, devendo-se, porém, destacar os do sr. **Antônio Serrano**, e, em particular, as suas memórias, que são verdadeiras obras de arte e ciência.

***

VESTÍGIOS DA LÍNGUA PRIMITIVA, por **Jorge Bertolaso Stella**; Est. gráfico "Cruzeiro do Sul", S. Paulo, 1933.

A VIDA CIENTÍFICA DE TROMBETTI, por **Jorge Bertolaso Stella**; São Paulo, s/data.

O sr. Jorge Bertolaso Stella, tem grandes responsabilidades no mundo literário e, sobretudo, histórico e científico. E' membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, correspondente dos de Pernambuco, Santa Catarina, Paraíba e Espírito Santo, titular da sociedade dos Africanistas, da dos Americanistas, de París, e da de Linguística, também de París.

Si bem nem sempre títulos tais representem um verdadeiro valor, costumamos, contudo, ler com a maior atenção obras de tais autores, na esperança de algo aprendermos.

E' verdade que muitas vezes nossas esperanças são baldadas, mas damo-nos, sempre, por bem recompensados quando, como no caso do **Vestígios da língua primitiva**, topamos com obra de mestre que, com mão firme e concienciosamente, nos fala.

O sr. Bertolaso Stella é um caso raro de erudição pois, ao contrário da quasi totalidade dos eruditos de linguagem cas-

tigada e pesada, não só instrui, como também deleita, graças à sua linguagem clara, simples e exposição concisa da matéria.

Vestígios da língua primitiva é, por isso, um livro útil e interessante, e tanto mais útil porque seu autor expõe a sua tese sem a estulta pretensão de ter dito a última palavra no transcendente assunto de que trata.

***

Também **A vida científica** de **Trombetti** é um livro de real valor, em que Bertolaso Stella biografa o sábio glotólogo italiano, expondo sucintamente a doutrina, obras e os méritos do ilustre professor de Bolonha.

E' um livro que se lê com proveito e interêsse.

***

EL DOCTOR MANUEL AMADOR GUERRERO, **prócer de la Independência y prímer Presidente de la República de Panamá**; Prímer Centenário — 1933; por **Ernesto J. Castillero R.** — **Imprenta Nacional.** — Panamá, 1933.

Folheto de 24 páginas, com várias ilustrações **"hors texte"**, em que seu A., membro da "Academia Panameña de la História", traça a biografia do ilustre prócer independencista da República do Panamá.

Trabalho escrito com entusiasmo, carinho e patriotismo, é lástima ser tão resumido.

***

SLAVERY AND ABOLITION IN BRAZIL, por **Percy Alvin Martin**; Separata da **The Hispanic American Historical Review**, May, 1933. (Standford University.)

O sr. Percy Alvin Martin, professor da Standford University, EE. UU., é um grande amigo do Brasil e já em mais de uma ocasião tem escrito sôbre homens e cousas brasileiras.

E, o que é mais notável, escrevendo em inglês, cita autores nacionais, procurando, sempre, com verdadeiro carinho de historiador conciencioso, estudar à luz da História os problemas brasileiros sem lhes falsear a verdade, e procurando salientá-la por todos os meios ao seu alcance.

A sua monografia, sôbre a "escravidão e a abolição no Brasil", é mais uma prova cabal de seu amor ao que é nosso e, — notai bem, — ao que sempre tem sido, como a escravidão e a abolição, tratado com menosprêzo e encarado sob um ponto de vista todo odioso para o Brasil.

De certo o assunto, melindroso em si, e ingrato, pois que se trata de uma herança, — a escravidão, — que nos legou Portugal, não podia ser encarado como criação brasileira, como muitos o pretendem, alegando que em Portugal a escravidão foi relativa e, mesmo, pode-se dizer que não existiu.

Sim, na metrópole, mas nas colônias, — que eram parte **integrante** de Portugal, — o tráfico negreiro era praticado com verdadeiros requintes de horror, e incentivado pelo govêrno.

O livro póstumo do Dr. Nina Rodrigues, **Os Africanos no Brasil,** — é o estudo que melhor define e classifica o africanismo em nossa Pátria.

O sr. Percy A. Martin em seu excelente trabalho reconheceu a dificuldade da abolição da escravatura dizendo que "of the various social and political problems whose solution has taxed the best statesmanship of Hispanic America, none has exceeded in difficulty the abolition of negro slavery in Brazil".

E, realmente, a abolição foi um dos problemas mais difíceis a resolver da América latina. Era, como dissemos, uma herança de Portugal que ficou, como um cancro, a ser extirpado da sociedade. Com a princesa Isabel no govêrno foi curado o cancro mas... destruída a coroa.

Tudo isso o sr. P. A. Martin descreve como verdadeiro sociólogo tão a par dos nossos assuntos como qualquer dos nossos sociólogos e historiadores, que cita a todo o momento em apôio de sua tese.

***

INFORME DE LA COMISIÓN HONORÁRIA DE RESTAURACIÓN Y CONSERVACIÓN DE LA FORTALEZA DE SANTA TERESA; Imprenta da la Jefatura, Montevideo, 1932.

Trata-se de um folheto em que os membros da Comissão honorária de restauração e conservação da Fortaleza de Santa Tereza, srs. Alfredo Baldomir e Horacio Arredondo (hijo), dão conta de seus trabalhos e planos nessa grandiosa obra de reconstrução histórica, que fala tão de perto ao Brasil e em particular ao Rio Grande do Sul.

Êsse relatório é obra de valor como prova documental de sua atividade e capacidade e da do ilustre militar que, com H. Arredondo, forma a comissão — arquiteto Coronel Alfredo Baldomir.

***

O VIGÁRIO Pe. MIGUEL CORRÊA PACHECO. por **Francisco Nardy Filho**; Of. graf. da **Ave-Maria**, São Paulo, 1933.

Francisco Nardy Filho não é um novo entre os historiadores paulistas. Já anteriormente havia publicado **Cidade de Itú**, em 2 volumes, e **O Pe. Bento Dias Pacheco.**

Católico fervoroso e historiador conciencioso, êste último trabalho do sr. Nardy Filho é uma valiosa contribuïção para um estudo completo das figuras ilustres de S. Paulo.

Apesar-de seu português não ser dos melhores, lê-se com interêsse e proveito esta biografia do ilustre vigário de Itú, filho de família histórica, do qual dois irmãos contrairam núpcias com rio-grandenses do sul.

***

MEMÓRIAS HISTÓRICAS E POLÍTICAS DA BAÍA, pelo **Coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva**, anotadas pelo **Dr. Braz do Amaral**; vols. III e IV; Baía, Imprensa oficial do Estado, 1931 e 1933.

Dois grossos volumes de 561 pgs. e 373 pgs., referindo o III vol. ao histórico dos governadores — D. José da Cunha Grã Ataíde e Melo, D. Manuel da Cunha Menezes, D. Afonso

Miguel de Portugal e Castro, D. Rodrigo José Menezes e Castro, D. Fernando José de Portugal, D. Francisco da Cunha Menezes, D. João de Saldanha da Gama Melo e Torres, D. Marcos de Noronha e Brito, D. Francisco de Assis Marcarenhas, Junta governativa (10-2-1821), Conselho interino das vilas revoltadas, Govêrno militar na capital e Notas.

O IV vol. traz a seguinte matéria: — Preparativos do general Labatut para atacar as tropas portuguesas que dominavam a cidade; Indisposição de vários oficiais contra o comandante do exército pacificador; Prisão do coronel Felisberto Gomes Caldeira, — Sedição; Deposição do general Labatut e ultrajes que lhe foram feitos por oficiais e soldados; Reclamação do General Labatut; Reorganização do exército pacificador pelo coronel José Joaquim de Lima e Silva; Mapa demonstrativo da fôrça do exército pacificador; Princípios de entendimento para uma capitulação; Retirada do general Madeira de Melo e da guarnição portuguesa; Entrada do exército pacificador (2-7-1823); A província da Baía exhausta pelos sacrifícios da guerra; O brigadeiro José Manuel de Morais chegado para assumir o comando do exército não o poude fazer pela resistência que lhe opõem alguns oficiais sediciosos; Agitações — Ambição do coronel Felisberto Caldeira; Desgôsto do coronel Lima e Silva; Dissolução da Assembléia Constituinte — Chegada de deputados — Conta que dão ao povo; Resolução do povo em reclamar contra o ato arbitrário do Imperador dissolvendo a Assembléia; Descrição dos acontecimentos navais da guerra da Independência; Defesa do general Labatut; Notas.

Dois volumes de valor que nos permitem acompanhar pormenorizadamente a grande e gloriosa história baiana.

E' obra indispensável nas bibliotecas de todos os estudiosos.

***

CONTRIBUÏÇÃO AO ESTUDO DO CLIMA ANTROPOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL, pelo **Dr. Emílio Kemp**; Livraria Selbach, Pôrto Alegre, s/data.

Trabalho de valor êste do Dr. Emílio Kemp sôbre o clima antropológico do Rio Grande do Sul.

Pouco existe sôbre êste assunto, e êste pouco, raro. Lindman, Reclus, D'Orbigny, além de referências de Dreys e Saint Hilaire, — só para citar os mais ilustres estudiosos que visitaram êste Estado, — deram-nos algo sôbre o assunto. Entre nós também já se fez alguma cousa nesse sentido, podendo citar-se o Dr. Coussirat e, principalmente, nosso consócio Dr. F. R. Simch.

Agora, o Dr. Emílio Kemp, ilustre educacionista, nos apresenta um excelente trabalho que muito se recomenda pela clareza e concisão com que trata o assunto.

Sem favor algum pode-se colocar a sua **"Contribuïção ao estudo do clima antropológico do Rio Grande do Sul"** ao lado dos melhores até hoje aparecidos.

Sessões do Instituto no corrente ano

ATA DA 15.ª SESSÃO DE DIRETORIA.

AOS sete dias do mês de abril de mil novecentos e trinta e três, no Museu Júlio de Castilhos, sede provisória do Instituto, às vinte horas, presentes os consócios que firmaram o livro de presença, assumiu a presidência o sr. Florencio de Abreu e declarou aberta a sessão. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se à leitura do expediente, que constou de inúmeras peças, entre as quais as seguintes: ofício do senhor doutor João Carlos Machado, secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, solicitando a cooperação do Instituto na elaboração de monografias sôbre o Estado e destinadas a completar o Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil; circular da União Pan-Americana solicitando ao Instituto promover a comemoração do Dia das Américas; ofício e carta do nosso confrade João Borges Fortes, presidente da comissão organizadora da comemoração do centenário farroupilha, no Rio de Janeiro, pedindo sugestões para o preparo de cunhos e matrizes das moedas e selos comemorativos do épico decênio; outras peças referentes ao mesmo assunto foram lidas, igualmente. Aberta a discussão, foram tomadas as seguintes resoluções: receber, na merecida consideração, o cometimento feito ao Instituto para colaborar no Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, encarregando os nossos consócios da elaboração das teses propostas pela forma que se segue: "Superfície, limites, aspecto físico, constituïção geológica, clima, minerais, fauna e flora", senhor Francisco Rodolfo Simch; "Denominação, situação geográfica e posição astronômica, orografia e hidrografia, povoações, distritos, municípios e cidades", senhor Afonso Guerreiro Lima; "Aspecto econômico e situação financeira", senhor Otelo Ro-

sa; "Vias de comunicação, indústria, comércio, agricultura, serviços federais e estaduais", senhor Gaston Hasslocher Mazeron; "Resenha histórica", senhor João Maia; "Traços biográficos dos homens mais notáveis, filhos do Estado, já falecidos e etnografia", senhor Aurelio Porto; "Organização política, administrativa e judiciária", senhor Leonardo Macedonia; "Organização Eclesiástica", senhor Armando Dias de Azevedo; "População", senhor Eduardo Duarte. Foi igualmente resolvido que o prazo para a entrega dos trabalhos será de dois meses.

Comemoração do dia das Américas. Correspondendo à solicitação da "União Pan-Americana", o Instituto promoverá uma solenidade em dia prèviamente designado, ficando o discurso a cargo do nosso confrade senhor Adroaldo Mesquita da Costa, orador. Nessa mesma sessão serão recebidos os novos consócios senhores Gaston Hasslocher Mazeron e Clemenciano Barnasque. **Selos e moedas comemorativas.** Êste assunto foi largamente discutido e ficou assentado preliminarmente, que seriam evocadas as seguintes figuras e episódios do famoso movimento: nas moedas, duque de Caxias, Bento Gonçalves da Silva, Bento Manoel Ribeiro, Domingos José de Almeida, Antonio de Souza Neto, Davi Canabarro e José Gomes de Vasconcellos Jardim; e os episódios seguintes: Os lanchões de Garibaldi (travessia por terra), Proclamação da República no Seival, Sacrifício de Tobias dos Santos, Esquadrão Farrapo, Combate da Azenha, Retirada de Anita e Palácio do Govêrno em Piratiní, nos selos, bem como as figuras do duque de Caxias, Bento Gonçalves, João Manoel de Lima e Silva, Antonio Vicente da Fontoura, José Garibaldi, José Mariano de Matos, Manoel Lucas de Oliveira, José de Araujo Ribeiro e José Pinheiro de Ulhôa Cintra. — O senhor presidente marcou nova sessão para o dia onze, na qual o assunto seria novamente discutido. Cumpre notar que na discussão em foco o nosso confrade senhor Aurelio Porto apresentou uma relação nominal das figuras de maior relêvo no grande movimento, versando sôbre as mesmas o seu precioso saber. — Resolveu-se igualmente delegar poderes à Comissão Pro-Comemoração organizada no Rio de Janeiro para representar

o Instituto junto ao govêrno Central, devendo a comunicação ser feita àquela comissão por intermédio do seu representante no Estado, snr. coronel Luiz Carlos de Morais. E nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada, do que, eu, Eduardo Duarte, lavrei a presente ata. Em tempo: na distribuïção das monografias coube ao senhor Valter Spaldign a parte referente às Indústrias Comércio e Agricultura e não ao senhor Gaston Mazeron, como ficou dito. Eduardo Duarte.

(Ass.) **Florencio de Abreu.**

ATA DA 16.ª SESSÃO DE DIRETORIA.

AOS onze dias do mês de abril de mil novecentos e trinta e três, às vinte horas, no Museu Júlio de Castilhos, sede provisória do Instituto, presentes os membros que firmaram o livro de presença, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidência, declarou aberta a sessão. Lida e aprovada a ata da sessão anterior e não havendo expediente, passou imediatamente à ordem do dia, que é o assunto referente à comemoração do centenário farroupilha.

Moedas. — O senhor presidente põe em foco o motivo a ser aproveitado na cunhagem das moedas comemorativas do centenário. O assunto é largamente discutido e, por fim, resolve-se o seguinte: as moedas de dois mil réis terão a efígie de Bento Gonçalves da Silva; as de um mil réis, a do duque de Caxias; as de quinhentos réis, a de Bento Manoel Ribeiro; as de quatrocentos réis, a de Domingos José de Almeida; as de trezentos réis, a de Antonio de Souza Neto; as de duzentos réis, a de Daví Canabarro; as de cem réis, a de José Gomes de Vasconcelos Jardim. No anverso das moedas será aproveitado o cunho da medalha farroupilha, peça que o Instituto possúe em duplicata cedidas pelos senhores doutores Leonardo Macedonia e João Pompilio de Almeida. **Selos.** Aberta a discussão sôbre o assunto dos selos, é o mesmo discutido, tendo diversos consócios se manifestado sôbre a atuação que na grande revolução tiveram várias figuras que deverão ser evocadas. Encerrada a discussão, ficou assentado o seguinte:

sêlo de dez mil réis, efígie do duque de Caxias; de cinco mil réis, José Garibaldi; de dois mil réis, fuga de Anita Garibaldi tendo Menoti ao colo; de um mil réis, Combate da Azenha; de setecentos réis, Palácio do Govêrno, em Piratiní; de seiscentos réis, efígie de José de Araujo Ribeiro; de quinhentos réis, idem de José Mariano de Matos; de quatrocentos réis, Carga de esquadrão farrapo; de trezentos réis, Tobias dos Santos incendiando o cúter Minuano: de duzentos réis, efígie de Bento Gonçalves; de cem réis, proclamação do Seival; de sessenta réis, efígie de João Antonio da Silveira; de cincoenta réis, idem de Antonio Vicente da Fontoura; de quarenta réis, idem de João Manoel de Lima e Silva; de vinte réis, Lanchões de Garibaldi (transporte por terra); de dez réis, efígie de José Pinheiro de Ulhôa Cintra. O Instituto tem em muito aprêço as efígies de Jacinto Guedes da Luz, Antonio Paulo da Fontoura, Barão de Jacuí, Tito Livio Zambecari, Manoel Lucas de Oliveira e Afonso José Côrte Real, que não poderão ser aproveitadas, embora possua retratos de algumas, por ter de se restringir a um limitado número de peças. Desta resolução dar-se-à ciência à Comissão Executiva da Comemoração constituida no Rio de Janeiro, deixando ao critério da mesma a escolha do material a ser empregado, dimensões, formato, dizeres, colorido e acessórios artísticos das peças comemorativas. Passando-se a tratar de outro assunto, resolveu o Instituto dirigir-se ao major Alberto Bins, prefeito da capital, solicitando que no local da nova ponte da Azenha seja levantado um arco comemorativo ao magno evento, rememorando-se em baixos relêvos o irrompimento da Grande Revolução, o que se constata com o primeiro encontro alí verificado na madrugada de vinte de setembro de mil oitocentos e trinta e cinco. Solicitar ainda ao mesmo prefeito, a cessão de um terreno, no fim da avenida João Pessoa ou em local apropriado, para a construção de um grande edifício de servirá de sede ao Museu Júlio de Castilhos, Arquivo Histórico e a êste Instituto. Oficiar-se, igualmente, ao senhor general, interventor federal no Estado, solicitando o seguinte: a) contribuïr com a construção de um edifício em terreno cedido pela municipalidade para nêle se instalar

o Museu Júlio de Castilhos, Arquívo Histórico do Estado e servir, ao mesmo tempo de sede dêste Instituto; b) providenciar para que seja lançada em vinte de setembro de mil novecentos e trinta e cinco a pedra fundamental do monumento comemorativo da epopéia farroupilha, conforme artigo oitavo, Disposição Transitórias da Constituïção do Estado; c) dignar-se destinar uma verba especial de auxílio extraordinário ao Instituto para os serviços da comemoração, auxílio êste a ser prestado desde o corrente ano. O senhor presidente designou os senhores Leonardo Macedônia e João Maia para entregarem êste ofício ao senhor interventor e, por unânime indicação dos presentes, fará parte desta comissão o presidente do Instituto. Ficou igualmente resolvido reünir o Instituto todas as têrças-feiras, no lugar e hora indicados, até nova determinação. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, secretário, lavrei a presente ata. Em tempo: Onde se lê Museu Júlio Castilhos, leia-se Museu Geral do Estado.

(ass.) **Florencio de Abreu**

ATA DA 17.ª SESSÃO DE DIRETORIA.

AOS dezoito dias do mês de abril de mil novecentos e trinta e três, às vinte horas, no Museu Júlio de Castilhos, sede provisória do Instituto, presentes os membros que assinaram o livro de presença, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidência, declarou aberta a sessão. Lida, é aprovada a ata da sessão anterior. O senhor presidente declara que a presente sessão foi convocada com o fim de se tratar da comemoração do centenário farroupilha, para complemento de deliberações já tomadas. E alvitra a convocação de um congresso de história nacional a realizar-se nesta capital na memorável data, congresso que dará alto relêvo às festas, ao mesmo tempo que, de alta significação e proveito, serão as teses apresentadas e discutidas. O senhor presidente formula uma proposta nesse sentido e abre a discussão. O senhor Otelo Rosa, membro da Comissão de História, pede a palavra e dá parecer favorável à proposta, lembrando que o último

congresso fôra convocado e deveria realizar-se em Florianópolis, o que não se fez por motivos que estão no conhecimento da casa. Encerrada a discussão e aprovada a proposta, resolveu-se que à Comissão de História seria cometída a organização do Congresso. O senhor presidente diz ter recebido diversas cartas e telegramas referentes à cunhagem de moedas e emissão de sêlos comemorativos do centenário, tendo notável destaque longa missiva que lhe endereçou o eminente confrade senhor Alfredo Varela, na qual se encontram interessantes ponderações sôbre o assunto. Espera, porisso, que as resoluções até agora tomadas não sejam definitivas e abre nova discussão. E propõe a seguinte preliminar: deve o Instituto rememorar nos cunhos e matrizes apenas as figuras do farroupilhismo ou as da revolução em geral, considerando o movimento como um fato social? — Aberta a discussão, vários consócios se manifestam e o senhor presidente, após a discussão, resolve consultar, por carta, aos membros efetivos ausentes, prosseguindo-se a discussão na próxima sessão. — Sôbre o programa das festas fala o senhor Otelo Rosa, dizendo ter em seu poder vários pareceres sôbre o mesmo e lembra que a comissão há tempos nomeada estava extinta, conforme resolução tomada em sessão anterior. O senhor presidente convida o senhor Otelo Rosa a apresentar parecer sôbre as sugestões recebidas, tendo o mesmo aceitado o convite. — O senhor Aurelio Porto comunica à casa a sua próxima viagem ao Rio de Janeiro, onde vai desempenhar importante comissão, relativa ao centenário. Informa, igualmente, que há tempos solicitára ao govêrno provisório a publicação de tudo que lá existe sôbre a gloriosa década, tendo o govêrno acedido à publicação. Pede que o Instituto se dirija, nesse sentido, ao ministro da Justiça. O senhor presidente informa estar a secretaria com a correspondência pronta nesse sentido. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, secretário, lavrei a presente ata.

(ass.) **Florencio de Abreu.**

ATA DA 18.ª SESSÃO DE DIRETORIA.

AOS vinte e cinco dias do mês de abril de mil novecentos e trinta e três, à vinte horas, no Museu Júlio de Castilhos, sede provisória do Instituto, presentes os membros que assinaram o livro de presença, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidência, declarou aberta a sessão. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se à leitura do expediente, que constou de duas cartas, uma do senhor Armando de Azevedo, dando sua opinião sôbre as figuras a serem homenageadas nas moedas e selos da revolução, e outra do nosso confrade Alfredo Rodrigues dando uma informação que lhe foi pedida sôbre o paradeiro do sinete usado pelo govêrno farroupilha. Em relação à carta do confrade Azevedo, informa o senhor presidente não poder tratar do assunto, visto não ter ainda recebido a resposta de outros confrades. Concedida a palavra ao senhor Otelo Rosa, a quem se havia cometido a elaboração do parecer sôbre as sugestões apresentadas ao programa da comemoração do centenário farroupilha, êste consócio passa à leitura do seu trabalho, que é, em seguida, discutido nos seus detalhes. Finda a discussão e votada, resolve-se incluir no programa da comemoração os seguintes itens: a) realização de um Congresso de História sul-rio-grandense a instalar-se em Pôrto Alegre a vinte de setembro de mil novecentos e trinta e cinco. À comissão de História foi cometida a organização das teses, para o que lhe foi fixado o prazo de dois meses; b) a edição especial comemorativa do hino da república, com a fixação da letra verdadeira do mesmo; c) organização, nesta capital, de uma exposição de documentos históricos e objetos da época, inclusive os de usos das fôrças em operações; d) construção de uma ponte sôbre o rio Piratiní afim de dar acesso à histórica vila dêsse nome, a cuja ponte se dará o nome de "Vinte de Setembro"; e) sugerir ao govêrno do Estado a aquisição do prédio onde esteve instalado o govêrno da república em Piratiní, afim de conservá-lo como relíquia histórica, destinando-o ao funcionamento de uma escola; f) conveniente adaptação da toponimia geográfica e urbana à glorificação dos principais vultos da gran-

de revolução, conforme sugeriu o dr. Alfredo Varela, de modo a serem inauguradas as modificações no dia vinte de setembro de mil novecentos e trinta e cinco, para o que o Instituto se dirigirá oportunamente, ao govêrno do Estado e às municipalidades. Nessa homenagem deve se incluir a colocação de uma placa nos respectivos locais ou na primeira quadra de cada rua, na qual, além da legenda comemorativa se declare de modo sucinto ,o papel histórico do homenageado. — O senhor presidente encerra os trabalhos, em vista do adiantado da hora, declarando que o dia da próxima reünião será marcado oportunamente. Do que, eu, Eduardo Duarte, secretário, lavrei a presente ata.

(ass.) **Florencio de Abreu.**

ATA DA 19.ª SESSÃO DE DIRETORIA.

AOS dezezeis dias do mês de maio de mil novecentos e trinta e três, às vinte horas, no Museu Júlio de Castilhos, sede provisória do Instittuto, presentes os membros que firmaram o livro de presença, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidência, declarou aberta a sessão. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se à leitura do expediente que constou do seguinte: fonograma do prefeito de Piratiní, senhor Egídio Rosa, manifestando grande simpatia pelos trabalhos do Instituto em relação à comemoração do centenário farroupilha e oferecendo sua decidida colaboração, como representante daquela comuna, à iniciativa do Instituto; comunicação do nosso confrade Otelo Rosa em referência à fixação da letra do hino de trinta e cinco, apresentando, ao, mesmo tempo, interessantes dados de caráter histórico sôbre o assunto. O senhor presidente nomeará em tempo a comissão que dará parecer sôbre essa comunicação. Antes de entrar na ordem do dia, o senhor presidente comunica aos consócios que no dia vinte e quatro do corrente o Instituto realizará uma sessão extraordinária para receber em seu seio os novos confrades Gaston Hasslocher Mazeron e

Clemenciano Barnasque, devendo estes serem saudados, respectivamente, pelos senhores Valter Spalding e Alcides Maya. Nessa mesma sessão será prestada uma homenagem ao nosso eminente confrade senhor Alfredo Varela, que ainda se acha nesta capital, sendo nessa ocasião saudado pelo orador do Instituto. O senhor presidente diz, em seguida, que a ordem do dia da presente sessão é a discussão sôbre moedas e selos comemorativos do centenário farroupilha e que, achando-se presente o senhor Alcides Maya, ilustre confrade que está de novo integrado no seio do Instituto, deseja ouvir do mesmo a sua opinião sôbre o assunto. O senhor Alcides Maya, aceitando a palavra e agradecendo a distinção com que o tratavam os seus confrades, disse que tendo permanecido longo tempo no Rio de Janeiro, em comissão oficial relativa a assuntos históricos referentes ao nosso passado de povo, se julgara no dever de, embora de longe, auxiliar a benemérita cruzada do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul para comemoração do centenário da revolução de mil oitocentos e trinta e cinco. Apelou do propósito para a Sociedade Rio Grandense da Capital Federal, grêmio eminentemente representativo de todas fôrças vivas de nossa gente, naquele meio. A idéia capital de tal comemoração foi a de colocarmos qualquer projeto que viesse a ser adotado no plano brasileiro de todas as revoluções operadas no país, antes, durante e depois dos movimentos (sete de setembro e vinte e um de abril) relativos à independência. Já em mil novecentos e vinte e um, por iniciativa do orador e subscrita por toda a bancada riograndense, fôra oferecido a debate no Congresso Federal o projeto de ser considerada a data de vinte de setembro de caráter nacional, contando com o auxílio oportuno dos altos poderes públicos nacionais para a ereção de um monumento que ligasse estética e cìvicamente a nossa evolução regionalista à evolução da grande pátria. Fatos posteriores, de ordem política determinaram ficasse semelhante plano na pasta de uma das Comissões da Câmara Federal, sem haver chegado a plenário. Lembrou o nosso confrade haver recebido depois, por intermédio de Ildefonso Soares Pinto, então secretário das Obras Públicas, a incumbên-

cia em ato oficioso do presidente Borges de Medeiros de, para o futuro concurso (que realmente foi aberto intencionalmente) de "maquettes" para o monumento de trinta e cinco clausulado na Carta Constitucional de quatorze de julho. Predominou nas resoluções do tempo o referido critério de considerarmos trinta e cinco como o coroamento brasileiro aos esforços de todas as gerações empenhadas aquí na obra coletiva de integração territorial de tom americano, brasileiro, republicano da nacionalidade que constituimos. Sôbre o tema, forçoso era ao orador relembrar ter-se aproveitado do centenário de Garibaldi, como par da Academia Brasileira, para, em consagração oficial, reafirmar perante os seus confrades o mesmo sentir e a mesma opinião. Poderia, sendo necessário, reportar-se às páginas da Revista da Academia em que se editou a conferência. No tocante ao ponto de ordem do dia discutida na sessão do Instituto, opina pela aceitação preliminar de ser considerada a Revolução Farroupilha como um movimento essencialmente republicano, federativo, complementar da Independência Brasileira. Alude, em seguida, à natureza singular, no Brasil, do magno evento de Piratiní. Que a revolução é e será republicana federativa, prova-o a sua proclamação belicosa, **primo loco** e, além disso, a sua organização constitucional, inaugurando um regime de legislação de timbre novo no Brasil. A república de Piratiní foi reconhecida como entidade política até à luz do direito internacional. Porisso, não houve uma capitulação de vencidos; mas um acôrdo com um trono, um pacto de beligerantes, uma aceitação de recíprocas obrigações alcançando direitos privados e sem nenhuma imposição de princípios políticos, de artigos constitucionais ou de programas partidários. Como celebrar ao mesmo tempo, senão como bravos a republicanos e monarquistas? O Brasil, fatalmente, republicano no sentido sociológico da civilização a que pertence, cultúa em mil oitocentos e trinta e cinco, no grande movimento riograndense, o espírito republicano, quê venceu porque havia de vencer no país, expresso nos manifestos da Revolução. Resume-lhes o espírito sem sombra de contestação, porque se vale do nome glorioso de Neto, quan-

do foi da escolha do presidente, o vulto para nós cíclico de Bento Gonçalves. Assim fazendo, o seu voto é a favor, para empregar a linguagem usada no Instituto, pela "comemoração restrita", e, pois, naturalmente e secundàriamente, em se tratando da consulta ao govêrno federal sôbre a emissão de selos e cunhagem de moedas, pela preferência de imagens e motivos republicanos. Terminado êsse discurso, o senhor Otelo Rosa, pedindo a palavra, fez carinhosas referências à individualidade de Alcides Maya, acentuando o prazer de todos os sócios do Instituto em revê-lo em seu grêmio; declara voltar ao debate, depois do brilhantíssimo voto de Alcides Maya, para, ainda uma vez, esclarecer o ponto de vista em que se colocou e que vem sustentando em todas as reüniões do Instituto; frisa que os fundamentos da sua opinião coincidem em muitos pontos com as razões invocadas pelo ilustre confrade que o precedeu na palavra, como, por exemplo, no modo de encarar a revolução de trinta e cinco, não pelo seu aspecto militar ou guerreiro, de simples luta civil, mas sim como um fenômeno sociológico, de profundas conseqüências sociais e políticas, como afirmou na primeira reünião, chamando a atenção dos seus ilustres confrades para a organização constitucional da República de Piratiní; sem embargo, diverge de Alcides Maya nas conclusões; que isso, a seu juízo, decorre de uma confusão dos têrmos do problema; entende que há, e sempre houve, uma questão fundamental, preliminar, prejudicial, a resolver: a de saber, si o Instituto dará às comemorações do centenário de trinta e cinco um caráter geral, amplo, que envolverá farrapos com imperialistas, que constitúa em suma, uma comemoração do "fato" encarado em todas as suas causas e conseqüências, ou apenas um caráter **estrito,** de glorificação aos farrapos; sòmente depois de resolvida esta questão é que se poderia tratar das demais, fatalmente acessórias, subordinadas, como a escolha de figuras e motivos para selos e moedas; o orador desde o início das discussões filiou-se à corrente partidária da comemoração geral; e nela persevera pelos motivos que longamente expôs em reüniões anteriores, e que tem como excusado, repetir. O senhor presidente propôs que a comemoração fôsse

centralizada na figura de Bento Gonçalves, além dos vários episódios da revolução, com o que concordaram os presentes, à exceção do senhor Barnasque. O senhor presidente, em vista do adiantado da hora, suspende a sessão, devendo a discussão continuar na próxima reünião. E nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada, do que, eu, Eduardo Duarte, secretário, lavrei a presente ata.

Em tempo: Declarou ainda o senhor presidente que estava autorizado pelos senhores Simch e Adroaldo a manifestar o acôrdo de ambos com a solução proposta e aprovada.

(Ass.) **Florencio de Abreu.**

ATA DA 20.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA.

AOS vinte e quatro dias do mês de maio de mil novecentos e trinta e três, às vinte horas, no salão de conferências da Biblioteca Pública, presentes os sócios que firmáram o livro de presença, o representante de s. ex. o snr. Interventor Federal no Estado, elevado número de cavalheiros, senhoras e senhorinhas, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidência, declarou aberta a sessão. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, o senhor presidente disse que a presente reünião tinha por fim receber no seio do Instituto dois novos sócios, porém que, antes disso, submetia à votação dos consócios a entrada dos novos membros correspondentes, senhores Setembrino E. Pereda, residente em Montevidéu, e Manoel Fernandes Bastos, residente em Conceição do Arroio, neste Estado. Não havendo oposição, foram os referidos cavalheiros proclamados sócios correspondentes do Instituto. Em seguida dão entrada no salão os senhores Clemenciano Barnasque e Gaston Hasslocher Mazeron acompanhados dos nossos confrades Otelo Rosa e Valter Spalding; prestam o compromisso do regulamento e assinam o livro de presença. O senhor presidente concede, em seguida, a palavra aos novos consócios, tendo ambos lido os os seus discursos de apresentação. Tendo sido prèviamente designados, usam da palavra os senhores Valter Spalding e Alcides Maya, tendo o primeiro saudado o senhor Mazeron

e o segundo o snr. Barnasque. Todos os oradores são calorosamente aplaudidos pela assistência. O senhor presidente agradece a comparência dos assistentes e encerra a sessão. Em tempo: o secretário após a abertura da sessão, fez a leitura da efeméride do dia, terminando com uma dissertação sôbre a batalha de Tuiutí. E nada mais havendo, eu, Eduardo Duarte, secretário, lavrei a presente ata.

(ass.) **Florencio de Abreu.**

ATA DA 20.ª SESSÃO DE DIRETORIA.

AOS oito dias do mês de agôsto de mil novecentos e trinta e três, às vinte horas, no Museu Júlio de Castilhos, sede provisória do Instituto, presentes os membros que firmaram o livro de presença, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidência, declarou aberta a sessão. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se à leitura do expediente, que constou de diversas peças referentes à Revista. O senhor presidente prestou algumas informações sôbre os trabalhos atinentes à comemoração do centenário farroupilha. Disse que a comissão de que fez parte esteve em palácio, fazendo entrega do memorial a sua excelência, o senhor Interventor Federal, e que êste, reconhecendo que o Instituto tem um programa de ordem puramente cultural, quer interessar na comemoração outras pessoas de notável destaque na sociedade, pensando em organizar uma exposição que ateste a eficiência do trabalho da nossa gente nestes últimos cem anos de existência. Para isso sua excelência organizará, dentro de breve tempo, uma comissão central à qual ficarão afetas as diversas comissões parciais. O senhor presidente refere-se ainda à palestra que teve com o prefeito da capital, major Alberto Bins, sôbre o arco comemorativo que será situado na ponte da Azenha, estando no mesmo interessado o escultor Leão Veloso, presentemente nesta cidade. Passando-se à nova ordem de considerações, o senhor secretário usou da palavra e referiu-se à inauguração da estátua do general Osorio, reconhecendo que o Rio Grande resgatara uma dívida que mantinha com o seu excelso filho; disse que o Instituto

também participava do muito que se havia feito para efetivar o grande projeto, pois dois dos seus mais conspícuos membros haviam feito parte da respectiva comissão. E referiu-se aos confrades João Maia e Faria Corrêa, os quais jamais esmoreceram nem mediram sacrifícios para levar o trabalho a têrmo. Propôs, porisso, que na presente ata se lavrasse um voto de congratulações aos eminentes confrades. Pôsto a votos, foi unânimemente aprovado, resolvendo-se, igualmente, oficiar ao nosso confrade dr. Fernando Luiz Osorio, felicitando-o pela citada inauguração, o que sería extensivo aos outros descendentes do grande general. O nosso confrade Gaston Mazeron propõe que se oficíe ao prefeito da capital alvitrando a ereção de uma herma a Antonio Alves Pereira Coruja, espírito de grande atividade no seu tempo e a quem Pôrto Alegre deve assinalados serviços. Essa proposta foi aprovada. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, secretário, lavrei a presente ata.

ATA DA 34.ª SESSÃO ORDINÁRIA.

AOS vinte e cinco dias do mês de outubro de mil novecentos e trinta e três, numa das salas do Museu do Estado, presentes os sócios que firmaram o respectivo livro, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidência, declarou aberta a sessão. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se à leitura do expediente, que constou de elevado número de peças, entre as quais as seguintes: ofício do senhor Secretário do Interior solicitando ao Instituto dar parecer sôbre o memorial enviado ao senhor general interventor federal no Estado, pelo prefeito de Piratiní, relativamente ao modo de comemorar, naquela localidade, o memorável feito de mil oitocentos e trinta e cinco. Essa peça foi devidamente estudada, resolvendo-se que as sugestões nela contidas seriam aproveitadas pelo Instituto, segundo o programa organizado.

Ofício do general Emilio Lúcio Esteves, atual comandante da Polícia Militar do Rio de Janeiro, oferecendo ao arquívo do Instituto toda a correspondência do seu destaca-

mento nas campanhas, dentro e fora do Estado, nos anos de mil oitocentos e vinte e quatro a mil oitocentos e vinte e sete. Telegrama do professor Gama Abreu, catedrático da Escola Politécnica da Baía, concebido nos seguintes têrmos: "Instituto Histórico. Pôrto Alegre. Prefeitura persiste demolição primeira catedral Brasil, inestimável monumento histórico, sem plano urbanização justificativo vandalismo, proibindo discussão assunto. Levo fato vosso conhecimento afim salvaguardar dignidade engenharia baiana juízo posteridade. Cordiais saudações. Gama Abreu, catedrático urbanismo Escola Politécnica." O Instituto, tomando êsse telegrama na merecida consideração, resolveu lavrar o seu protesto quanto à demolição do referido monumento, tanto mais que, como diz o professor Gama Abreu, a sua demolição não obedeceu a um plano de urbanização que a justificasse. Comunicação da fundação do Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul, sediado nesta capital. Ofício do senhor Guerra Duval, artista-fotógrafo residente no Rio de Janeiro, propondo-se à feitura de um álbum comemorativo do centenário farroupilha, aproveitando motivos atinentes à grande revolução. Enviou o proponente uma série de fotografias feitas por moderno processo, mostrando, assim, o valor do seu trabalho. Resolveu-se submeter essa proposta, em tempo oportuno, à comissão encarregada do programa da comemoração. Por último, o nosso confrade senhor Leonardo Macedônia comunica à casa que o Instituto da Ordem dos Advogados deliberou intervir na comemoração do centenário farroupilha organizando um congresso jurídico nacional, que se reünirá nesta capital no ano do centenário. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, secretário, lavrei a presente ata.

(ass.) **Florencio de Abreu.**

ÍNDICE

O General José da Silva Paes e a fundação do Rio Grande, pelo general João Borges Fortes 3
Nótulas Bibliográficas, por Valter Spalding 121
Conde de Pôrto Alegre, pelo dr. Leopoldo de Freitas 143
Poesia do Povo, por Valter Spalding 155
Batalha de Ituzaingo, tte. art. Henrique Oscar Wiederspahn 227
Monumento ao general Osorio 261
Nótulas Bibliográficas, por Valter Spalding 283
Sessões do Instituto no corrente ano 293

37554